

SÉRIE ANTROPOLOGIA

459

**A TERRA É DE VOCÊS E A SAÚDE TAMBÉM!
COMPREENDENDO A EFETIVAÇÃO DO DIREITO AO TERRITÓRIO
E À SAÚDE ENTRE OS PUYANAWA**

Jósimo da Costa Constant

Universidade de Brasília

Brasília, 2017

**Universidade de Brasília
Departamento de Antropologia
Brasília
2017**

Série Antropologia é editada pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, desde 1972. Visa à divulgação de textos de trabalho, artigos, ensaios e notas de pesquisas no campo da Antropologia Social. Divulgados na qualidade de textos de trabalho, a série incentiva e autoriza a sua republicação.

1. Antropologia 2. Série I. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

Solicita-se permuta.

Série Antropologia Vol. 459, Brasília: DAN/UnB, 2017.



Universidade de Brasília

Reitora: Márcia Abrahão Moura

Diretor do Instituto de Ciências Sociais: Luís Roberto Cardoso de Oliveira

Chefe do Departamento de Antropologia: Cristina Patriota de Moura

Coordenadora da Pós-Graduação em Antropologia: Antonádia Monteiro Borges

Coordenador da Graduação em Antropologia: Christine de Alencar Chaves

Conselho Editorial:

Cristina Patriota de Moura

Antonádia Monteiro Borges

Christine de Alencar Chaves

Comissão Editorial:

João Miguel Sautchuk

José Antonio Vieira Pimenta

Juliana Braz Dias

Editoração Impressa e Eletrônica:

Laise Tallmann

EDITORIAL

A Série Antropologia foi criada em 1972 pela área de Antropologia do então Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, passando, em 1986, a responsabilidade ao recente Departamento de Antropologia. A publicação de ensaios teóricos, artigos e notas de pesquisa na Série Antropologia tem se mantido crescente. A partir dos anos noventa, são cerca de vinte os números publicados anualmente.

A divulgação e a permuta junto a Bibliotecas Universitárias nacionais e estrangeiras e a pesquisadores garantem uma ampla circulação nacional e internacional. A Série Antropologia é enviada regularmente a mais de 50 Bibliotecas Universitárias brasileiras e a mais de 40 Bibliotecas Universitárias em distintos países como Estados Unidos, Argentina, México, Colômbia, Reino Unido, Canadá, Japão, Suécia, Chile, Alemanha, Espanha, Venezuela, Portugal, França, Costa Rica, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

A principal característica da Série Antropologia é a capacidade de divulgar com extrema agilidade a produção de pesquisa dos professores do departamento, incluindo ainda a produção de discentes, às quais cada vez mais se agrega a produção de professores visitantes nacionais e estrangeiros. A Série permite e incentiva a republicação dos seus artigos.

Em 2003, visando maior agilidade no seu acesso, face à procura crescente, o Departamento disponibiliza os números da Série em formato eletrônico no site www.unb.br/ics/dan.

Ao finalizar o ano de 2006, o Departamento decide pela formalização de seu Conselho Editorial, de uma Editoria Assistente e da Editoração eletrônica e impressa, objetivando garantir não somente a continuidade da qualidade da Série Antropologia como uma maior abertura para a inclusão da produção de pesquisadores de outras instituições nacionais e internacionais, e a ampliação e dinamização da permuta entre a Série e outros periódicos e bibliotecas.

Cada número da Série é dedicado a um só artigo ou ensaio.

Pelo Conselho Editorial:

Cristina Patriota de Moura



Universidade de Brasília

Campus Darcy Ribeiro

**Curso de Graduação em Ciências Sociais com Bacharelado
em Antropologia**

Jósimo da Costa Constant

**A Terra é de Vocês e a Saúde Também! Compreendendo a Efetivação
do Direito ao Território e à Saúde Entre os Puyanawa.**

Agradecimentos

Venho primeiramente agradecer ao meu grandioso Deus que me deu força, paciência, coragem e perseverança e sempre esteve derramando bênçãos sobre minha vida para mim seguir adiante e chegar a esse tão esperado momento. Agradeço aos meus amados e maravilhosos pais, Jorge Constant e Enedina Rosa da Costa, que sempre tiveram ao meu lado me apoiando, e orando em meu favor. Agradeço aos meus amados irmãos, Jones Constant, Joelma Constant, Joelida Constant, Carina Barroso de Carvalho e Fátima Rosa. Agradeço a minha querida professora Olindina Rocha Valente que sempre me apoiou para que eu pudesse seguir a vida acadêmica. Agradeço ao meu Povo Puyanawa/Puyavakêvu, das aldeias Barão e Ipiranga, todos que contribuíram direta ou indiretamente para esse trabalho, e em especial o pajé Luís Puwê.

Agradeço à senhora Maria do Socorro que me acolheu na sua pensão em Brasília. Agradeço as minhas queridas amigas indígenas, Dra. Joici Mandulão, Vilma de Oliveira Benedito, que me deram a chance de trabalhar em projetos de pesquisa com elas. Agradeço aos professores Paulo Nogueirol, Ana Miriam, Adriana, Eurico Cursino dos Santos, Paulo Miguel, entre outros que sempre me apoiaram. Venho agradecer ao querido Professor Stephen Baines, que sempre esteve me dando atenção e me incentivando. Agradeço a todos os estudantes indígenas da Universidade de Brasília, em especial meus grandes amigos Leandro Tupiniquim, Iury Ticuna, Francisco Tenazor, Alessandro Magalhães e Jander Ticuna. Agradeço ao meu amigo txai Francisco Apurinã. Aos meus apoiadores, professora Claudia Renault, Camila Magalhães.

Venho agradecer a minha querida orientadora do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) e avaliadora da minha monografia, a professora Dra. Silvia Guimarães. Agradeço também grandemente ao meu querido orientador, o professor Dr. Luís Cayón, que aceitou o desafio de me orientar. Sempre muito paciente, o professor Luís Cayón me incentivou muito para que eu pudesse fazer uma pesquisa inédita e diferencial sobre meu povo Puyanawa. Enfim, venho agradecer a todos que me incentivaram para que eu pudesse obter esse grau e continuar nos meus estudos e estar principalmente representando meu povo Puyanawa/Peywakêvu.

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é fazer um levantamento acerca da história dos índios Puyanawa, que vivem nas aldeias Barão e Ipiranga, na Terra Indígena Puyanawa, no município de Mâncio Lima, Estado do Acre. O trabalho consiste na visão e na perspectiva de um indígena desta etnia ao fazer um estudo antropológico sobre seu povo. Tem como foco principal, analisar o direito a terra e a saúde, e as lutas que esses indígenas tiveram para ter a terra demarcada e uma saúde estável e de mais qualidade. Os serviços relacionados à saúde que foram implementados dentro da terra indígena. Busca compreender a visão dos Puyanawa em relação às políticas de Estado para efetivação do direito ao território e a saúde. Busca também compreender um pouco sobre o contexto de vida dos Puyanawa: as práticas médicas Puyanawa, os rituais xamânicos, os profissionais de saúde não indígena, os profissionais de saúde Puyanawa, além dos serviços de saúde oferecidos pelo Governo brasileiro.

Palavras-Chave: Direito Indígena; Serviços de Saúde; Práticas Tradicionais Puyanawa.

Abstract

The main objective of this study is to survey about the history of Puyanawa Indians who live in the villages Baron and Ipiranga, the Indigenous Land Puyanawa in the municipality of Mancio Lima, Acre. The work consists in the vision and perspective of an indigenous ethnic group of this to make an anthropological study of his people. Its main focus, analyze the right to land and health, and the struggles that these Indians had to be demarcated land and a stable health and higher quality. The health-related services that were implemented within the indigenous land, seeks to understand the vision of Puyanawa in relation to state policies for realization of the right to territory and health. It also seeks to understand a little about the context of life Puyanawa: medical practices Puyanawa, shamanic rituals, non-indigenous health professionals, health professionals Puyanawa, in addition to health services offered by the Brazilian government.

Keywords: Indigenous Law; Health services; Traditional Practices Puyanawa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Puyanawa na Vila Rondon
Figura 02	No Escritório com Beth Cameli
Figura 03	Primeiros Contatos
Figura 04	Com minha tia Titxu
Figura 05	Seu Demóclito e Família
Figura 06	Liderança tradicional Hawê
Figura 07	Seu Ozeas Awa
Figura 08	Foto de Matheus
Figura 09	Enfermeiro João Barreto
Figura 10	CASAI de Rio Branco. Lanche das 9:00 da manhã
Figura 11	CASAI de Rio Branco. Lanche das 3:00 da tarde
Figura 12	Arquibancada da Arena Dimãã êwê Yubabu
Figura 13	Pajé Puwê e eu tomando Rapé, rurô/Xiruwê
Figura 14	Crianças Puyanawa sobre a ingazeira
Figura 15	Crianças Puyanawa embaixo da ingazeira

SUMÁRIO

1. Introdução: Nós Puyanawa/Puyavakêvu.....	7
2. Mâncio Lima e os Primeiros Contatos com os Puyanawa/Puyavakevu.....	11
3. Primeiros Contatos.....	16
4. Período do Cativoiro.....	20
5. As Práticas Médicas Puyanawa: A Precariedade e as Dificuldades nos Serviços de Saúde Deixados por Mâncio Lima aos Puyanawa/Puyavakêvu.....	30
6. A Luta Pela Demarcação e a Chegada dos Antropólogos na Terra Puyanawa.....	37
7. Os Primeiros Serviços de Saúde na Terra Puyanawa/Puyavakêvu.....	52
8. A Observação Participante e a ida as CASAIs de Mâncio Lima e Rio Branco e a Entrevista.....	61
9. Entrevista com o Pajé Puwê.....	84
10. Considerações Finais.....	98

Introdução: Nós Puyanawa/Puyavakevu

O povo Puyanawa/Puyavakevu (gente do sapo) é uma etnia indígena que antes da chegada dos exploradores da borracha, habitavam as margens do Rio Juruá. Segundo os mais velhos, os Puyanawa derivam da junção do sapo e a folha. Acreditamos que somos descendentes do sapo que virou gente. Desta forma, Puya + náwa quer dizer povo ou gente do sapo. A folha de embaúba, foi machucada, soprada e apareceu muita gente. A folha de embaúba parecia com cabelo negro bem agarradinho. A mesma coisa foi feita com uma capemba que apodreceu. Quando apodreceu, viraram gente e se chamaram puyadawa. Outra capemba¹ apodreceu e viraram tudo sapo, sapinho miúdo. Fomos catequizados e nós chamaram de Puyanawa, porque era sapo que virou gente.

Após a chegada dos exploradores, esses índios migraram para uma região chamada Paraná dos Mouras que fica as margens do Rio Môa. A língua Puyanawa é denominada pelos falantes de “*UDI KUP*”, língua verdadeira, é pertencente à família linguística Pano. Hoje em dia, os Puyanawa são cerca de 622 pessoas que vivem dividido em duas grandes aldeias: a Aldeia Barão do Rio Branco e Aldeia Ipiranga. As duas aldeias são separadas apenas por um Igarapé que chamamos de Behkua. Igarapé do Barão, ambas situadas no município de Mâncio Lima, as margens do Rio Môa e Japiim no Estado do Acre, já próximo à fronteira com o Peru.

Ao escrever sobre meu povo Puyanawa, tenho como principal objetivo fazer um trabalho inédito e diferencial. Ao analisar o processo de demarcação da Terra Indígena e os serviços de Saúde das Aldeias Barão do Rio Branco e Ipiranga, estou tratando direitos conquistados e que foram pouco estudados com relação a este povo. Com base no trabalho de campo que fiz cerca de dois meses e meio para Disciplina Excursão Didática de Pesquisa, sendo orientado pelo professor Dr. Luís Cayon e a professora Dra. Silvia Guimarães, colhi muitas informações sobre a nossa história. Meu foco é destacar os processos de lutas que os Puyanawa viveram para poder ter direito a terra e o direito aos serviços de saúde oferecidos pelo Estado Brasileiro, mas sem deixar de lado as suas práticas e medicinas tradicionais.

Ao analisar os aspectos culturais do povo Puyanawa, procuro ter uma compreensão que permita a divulgação deste povo indígena que sofreu muito com o

¹ Capemba: Folha larga e consistente que se desprende do mangará

processo de colonização e exploração pelo coronel Mâncio Lima. Procuo focalizar nos nossos saberes e práticas, no conhecimento Puyanawa e na luta costumes, a luta pela conquista do território indígena Puyanawa (TI). Irei tratar de nossas danças, nossos rituais, dos serviços de saúde, do posto de saúde, da atuação dos profissionais não-indígenas de saúde, dos indígenas de saúde, do nosso pajé, do nosso cacique entre outros, com destaque para o modo de viver e interagir com a natureza, respeitando os limites da mesma, enfim, verificando que “[...] a cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser” (SILVA, 2005, p. 134).

Sempre tive interesse em fazer um trabalho no qual eu pudesse conhecer um pouco mais sobre meu povo, sobre nossa história, sobre nossos ancestrais, sobre nossas práticas médicas e eu sempre eu estava ouvindo um pouco da nossa história contada por meu pai. Mas muita coisa me deixava meio intrigado, pois eu queria conhecer mais. A oportunidade chegou quando eu ingressei na Universidade de Brasília (UNB), no segundo semestre de 2012, no curso de Ciências Sociais, que eu não imaginava que tivesse uma ciência denominada Antropologia. No quarto semestre, fiz um pequeno trabalho sobre o direito à terra junto com o professor Eurico Gonzáles, ao mesmo tempo eu consegui uma bolsa de PIBIC pelo CNPQ, juntamente com a professora Silvia Guimarães.

Por intermédio de duas amigas, a Dra. Joice, indígena Macuxi-Wapixana, formada em medicina na UNB e a Vilma, indígena Tupiniquim, formada em enfermagem, eu conheci a professora Silvia Guimarães, que me recebeu muito bem e trabalhou no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) comigo com o projeto **Mapeando a Saúde Indígena Entre os Puyanawa**. O PIBIC está sendo uma vasta experiência muito proveitosa, porque estou conhecendo mais sobre a saúde indígena, sobre esse direito indígena e em especial a saúde de meu povo. Então, um dos objetivos no meu trabalho era ouvir as histórias de vida das pessoas, ouvir um pouco de cada um, pois todos são Puyanawa, mas cada qual tem uma história de vida diferente. No meu trabalho de campo, usei a etnografia, pois vi que é o melhor meio para coletar dados e fazer uma observação participante.

Sou bastante ousado em falar que no meu caso, é muito mais que uma observação participante. Não sou um mero pesquisador que está descrevendo uma história indígena, que está estudando uma língua indígena. Sou Tãdaya, sou um Puyanawa que vem apresentar um pouco do seu contexto de vida e o contexto de vida do seu povo. Venho expressar as palavras do mestre Gersem Baniwa, em dizer que considero a antropologia

como uma lente multifocal, multidimensional e multicósmica que possibilita ao indígena enxergar coisas que a própria antropologia não consegue ou não quer enxergar, porque este dispõe de outras formas, propósitos e ângulos para enxergar (Gersem Baniwa, 2014).

A minha ideia na dissertação de monografia é unir o direito a terra e conhecer mais sobre os serviços de saúde que são desenvolvidos na nossa terra indígena. Tenho 27 anos de idade, sou nativo do Acre e pertencente ao povo Puyanawa, mas nos autodenominamos como Puyavakevu, povo verdadeiro. Nasci na beira do Igarapé Behkua, igarapé do Barão, em tempos que as Aldeias Barão e Ipiranga contavam com pouca ajuda do governo, o acesso a cidade de Mâncio Lima era difícil. Havia precariedade nos serviços de saúde. Nossa terra ainda não era demarcada juridicamente.

O próprio Município de Mâncio Lima ainda era pouquíssimo desenvolvido e fazia poucos anos que tinha passado a fazer parte à categoria de município, pois antes era apenas um território pertencente ao município de Cruzeiro do Sul. Mâncio Lima é conhecida por ser o município mais ocidental do Brasil, abrigando o ponto extremo oeste do território brasileiro na nascente do rio Môa. Situada na fronteira com o Peru, é também o município brasileiro mais distante em linha reta da capital federal Brasília. A economia do município é baseada principalmente na agricultura e um pequeno comércio interno. Abriga os povos Puyanawa, Nawa e Nukini.

Mâncio Lima situa-se as margens do rio Môa e originou-se do povoado Japiim, referência a uma ave que se aninha nos buritizais da região. Este povoado localiza-se dentro do seringal Barão, de propriedade do coronel Mâncio Lima. Em 1913, foi transformado em Vila, e em 1º de março de 1963, foi elevado à categoria de município, passando a exercer autonomia política a partir de 14 de maio de 1976. O atual nome da localidade, refere-se ao seu fundador, o coronel Mâncio Lima, uma das principais lideranças políticas não-indígenas do Juruá e um dos líderes da revolta autonomista que ocorreu em Cruzeiro do Sul, em 1910 (ACRE, 2008, P.124).

A economia local possui forte ligação com o município de Cruzeiro do Sul, localizado a 45 quilômetros de Mâncio Lima, por via terrestre e também com a cidade de Rio Branco, capital do Estado, com distância aproximada de 700 km; durante o período seco, é possível transitar pela BR364, ou por via aérea. O município já foi um grande produtor de café e concentra suas atividades produtivas na agricultura, com destaque para mandioca. Desta mandioca de qualidade excepcional é feita, grande parte da famosa “farinha de Cruzeiro do Sul”, conhecida em outras regiões por excelência.

Considerado o município mais extremo do Acre, Mâncio Lima limita-se ao Norte com o Estado do Amazonas; ao Sul e a Oeste com a República do Peru; a Leste com o município de Rodrigues Alves; e a Nordeste com o município de Cruzeiro do Sul. Para se chegar em Mâncio Lima, pode-se usar a BR364 durante o verão; a via aérea; e nos períodos chuvosos, usar a navegação, vindo do baixo Juruá, Amazonas, pelo Rio Juruá.

Esse município possui uma população de 16.027 habitantes, segundo dados do Censo de 2010, publicados no Diário Oficial da União, do dia 04/11/2010. Distribuídos numa área de 5.502 km², com uma densidade demográfica de 2,50 h/km. É nesse município que se localizam os Puyanawa das Aldeias Barão e Ipiranga. A principal via de acesso é a estrada que é trafegável durante todo o ano. A distância entre a sede da colocação Ipiranga e a sede de Mâncio Lima é de 28 km. A outra opção de acesso a terra é através do Rio Mõa. (Constant Tastevin, 1924; José Carlos Levinho, 1984).

A liderança tradicional Mario hawê, Jabuti, me deu o nome na língua materna de **Puhku** que quer dizer “peixinho pequeno, aniquinho”, mas eu me auto-denomino **Tãdaya** que quer dizer, esperto, inteligente, que consegue captar rápido as coisas. Estou a procura de um trabalho inédito e diferente sobre meu povo, pois ainda não houve um Puyanawa que escrevesse um trabalho sobre seu povo em análise antropológica. Para meu trabalho de campo, me baseei em alguns autores estudados ao longo do curso, também fiz uma seleção das pessoas que ia entrevistar e se referir a elas na língua materna.

Na minha pesquisa de campo, encontrei alguns embates e desafios, pois fazer um trabalho sobre sua própria etnia, você sendo um membro dela, não foi nada fácil. Em dois meses de campo, procurei observar e participar assiduamente do nosso modo de vida, com a perspectiva de ser um futuro antropólogo indígena. Estive com meu povo de dezembro de 2015 a março de 2016, sempre escrevendo, entrevistando participando das nossas festas e rituais tradicionais e acima de tudo vivendo como Puyanawa. Ou seja, interagindo com a natureza, tomando nossa caiçuma, ouvindo nossos anciões e usando nosso rapé.

Os Puyanawa sofreram, assim como, muitos povos do Acre, com o crescimento das atividades extrativistas da borracha e do caucho na região no início do século XX. Desde os primeiros contatos com os não-índios, muitos morreram em confrontos ou por doenças adquiridas nesse processo. Os sobreviventes foram forçados a trabalhar nos seringais e viram rapidamente o seu modo de vida ser mudado em decorrência dos métodos violentos utilizados pelos “coronéis da borracha” para ter os índios sob seu domínio. Os Puyanawa foram expropriados de suas terras, catequizados e educados em

escolas, que proibiam a expressão de qualquer traço de sua cultura. Nesta monografia, vou tratar dessas temáticas para compreender as questões relacionadas com a nossa terra e nossa saúde.



Foto 1- Índios Puyanawa depois de terem recebidos roupas na Villa Rondon.

Mâncio Lima e os Primeiros Contatos com os Puyanawa/Puyavakevu

A partir das últimas décadas do século XIX, os territórios indígenas ricos em caucho e seringa situados na região banhada pelos rios Juruá e Purus, foram violentamente invadidos por grupos de caucheiros, seringueiros e seringalistas. No ano de 1888, foi iniciada a exploração por não-índios do rio Mõa, afluente do Juruá. Quatro anos depois, todo o rio, inclusive seu braço principal, chamado Azul, encontrava-se povoado por esses exploradores. É nesta época, 1893, que surgem as primeiras notícias sobre a presença de índios de língua pano no Paraná dos Moura e no rio Mõa. Alguns

anos depois, em 1905, o prefeito do Alto Juruá, Gregório Taumaturgo de Azevedo, informou sobre a existência de aldeamentos nas vertentes do rio Môa.

O rápido avanço das atividades de exploração da borracha nesta região levou à eliminação de grande parte da população nativa. Alguns grupos, a medida em que tinham seus territórios ocupados, abandonavam suas casas e roçados e procuravam refúgio nas cabeceiras dos rios ou em áreas ainda inexploradas. Esses deslocamentos intensos são percebidos a partir da carta do coronel Mâncio Lima, o qual afirma que desde 1900, quando iniciou o processo de usurpação dos territórios indígenas transformando-os em suas propriedades e dando início à exploração das terras, vinha tentando estabelecer contato com os índios que habitavam as terras entre o Paraná dos Moura (ou da viúva) e o rio Môa sem, no entanto, obter resultados satisfatórios. Em carta enviada ao SPI (Serviço de Proteção aos Índios), em 1913, informou que o seu intuito era de catequizá-los. (Jose Carlos Levinho, 1984).

Com o objetivo de fazer uma pesquisa inédita e desafiadora, procurei colher informações ainda não escrita em outros trabalhos e desconhecida dos próprios Puyanawa sobre o coronel Mâncio Lima. Quando viajei nas férias do final do ano, em dezembro de 2015, seja por ironia do destino ou não, conheci no aeroporto de Brasília o famoso jornalista acreano Mariano Maciel. Conversei pouco com ele. Chegando à Rio Branco, perdemos o voo para Cruzeiro do Sul por atrasos em Brasília e fomos para um hotel chamado Terra Verde, onde conversamos muito, ele se mostrou uma pessoa agradável e receptível e disse que estava encantado com o meu trabalho e sugeriu-me procurar dona Beth Cameli.

Em uma viagem que fiz ao município de Cruzeiro do Sul para visitar minhas duas irmãs que moram lá, procurei por dona Beth Cameli que é ex-esposa do falecido e ex-governador do Acre, Orleir Cameli. Eu queria saber mais sobre o coronel de barranco Mâncio Lima e fui até a casa de dona Beth. Encontrei dona Beth regando plantas no seu quintal e falei que era estudante da Universidade de Brasília, e soube que ela tem um acervo dos primeiros “exploradores” e coronéis da região do vale do Juruá. Dona Beth me deu um número e pediu para eu ligar para a assistente Marcli de seu escritório. Liguei numa quarta-feira por volta das dez da manhã, agendei a entrevista e na quinta fui até o escritório de dona Beth Cameli para colher informações sobre o coronel Mâncio Lima.



Foto 2: No escritório de Beth Cameli

No dia 11/02/2016, saí da cidade de Mâncio Lima, com destino à Cruzeiro do Sul. Cheguei por volta de 8h:30 no escritório dessa senhora. Dona Beth chegou cerca de meia hora depois e me recebeu muito bem. Ela é uma empresária muito bem sucedida e mostrou-se cordialmente hospitaleira a minha presença. Passamos a manhã conversando e trocando ideias, falando do meu trabalho e ela falando do seu grande acervo, pois me surpreendi com o tamanho do acervo que ela guarda em seu escritório sobre os fundadores e exploradores na região do Juruá. Ela me mostrou o trabalho que está fazendo sobre as comidas típicas da região, as comidas indígenas, pelo que percebi, ela tem um grande carinho pelos povos indígenas, pois dona Beth é natural do Peru. Colhi muitas fotos de índios Kampa/Asheninka e outros que dona Beth guarda com enorme carinho.

As informações que obtive sobre Mâncio Lima, foram escritas pelo filho do coronel, Rubens Rodrigues de Lima, num pequeno artigo que chama-se “Em Memória de Mâncio Lima”. Nesse artigo, Rubens Rodrigues de Lima, em todo momento exalta com grande orgulho seu pai. Para Rubens, as atividades de Mâncio Lima não foram restritas aos períodos a frente do governo municipal: dedicou toda a sua vida integralmente à região; foi colonizador, pioneiro da aviação no Juruá, político idealista e progressista sempre atento aos problemas sociais. Catequizou e civilizou os índios Puyanawa; deu-lhes escolas, registrou-os e os fez eleitores; havia alguns, como João Randá e o Pedro Alcântara, que conheciam muito bem História e Geografia e cultivavam o saudável hábito da leitura. A seguir, transcrevo literalmente algumas partes do texto de Rubens de Lima.

“Mâncio Agostinho Rodrigues de Lima, filho de Vicente Rodrigues Lima e de Maria Senhorinha da Fonseca Lima, nasceu em São Bernardo de Russas, no Estado do Ceará no dia 21 de maio de 1875. Com 14 anos de idade veio para a Amazônia com seu pai estabelecendo-se no Pará, na região das Ilhas. Em 1897 regressou a Russas dedicando-se à pecuária: a seca fê-lo voltar para a Amazônia e no dia 11 de maio de 1899 chegou á Cruzeiro do Sul. De passagem por Belém adquiriu o Seringal Jaraguá, que com um trabalho de larga visão transformou na fazenda modelo Barão do Rio Branco, e foi a seu tempo, seguramente, o maior pecuarista da região. Por decreto do Presidente Hermes da Fonseca, em 1912, foi-lhe conferida a patente de Coronel da Guarda Nacional, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados ao Território”.

Para Rubens de Lima, “no que se refere à atração dos índios a convivência com os “civilizados”, a versão conhecida é a de que ela se tornou indispensável, para impedir as depredações que os Puyanawa faziam nas barracas dos seringueiros. Foi realizada com o uso de intérprete e oferendas. Poucos índios se deixaram atrair e se tornaram agressivos. Rubens de Lima, ressalta que a morte do tuxaua Napoleão Vuvakây pelos empregados do seringal foi em legítima defesa. O filho de Mâncio Lima ainda diz que: “quanto às atividades agrícolas desenvolvidas pelos Puyanawa “em regime de cativo”, segundo a denúncia, jamais esquecerá as extensas plantações de cana e de mandioca existentes no Barão; a moagem de cana e a fabricação de farinha, tudo executado em níveis de elevada eficiência, considerados os padrões da tecnologia então disponível. Mais tarde, compreendeu que aquelas atividades agropecuárias refletiam o esforço de todos pela sobrevivência no Acre”.

“Uma das imagens que até hoje guarda, com absoluta nitidez, era a fila de índios que se postava à porta de sua casa, chorando copiosamente e pedindo a Deus pelo “papai Mâncio”. De acordo com o Lima, isso se dava: “**Pelo amor que se dedicava aos índios**”, Mâncio Lima, em vida, recebeu inúmeras homenagens daquele que foi o maior amigo e protetor dos índios em todos os tempos, Marechal Rondon. Rubéns de Lima disse não ter conta das vezes que presenciou os índios e pobres de Cruzeiro do sul virem a seu pai pedir ajuda, que se traduzia em dinheiro, medicamento, roupa, calçado ou mantimentos.

O artigo ainda segue: “Uma das maiores realizações de Mâncio Lima, foi à construção da pista de pouso que rompeu o isolamento de Cruzeiro do Sul, até então dispondo apenas dos correios e telégrafos como meios de comunicação e da navegação

fluvial para os transportes. Doou a área e partiu para a luta com a comunidade que participou sem distinção de classes nem de idade; um trabalho rústico e extenuante com instrumentos primitivos para as escavações, movimentação e compactação de terras. A pista resistiu aos mais rigorosos invernos; suportou “Búfalos” e “Hércules” contendo em seus bojos grandes veículos e máquinas pesadas. Foi a melhor de todo o Acre. Sua saúde ficou abalada; certamente sua vida encurtou muitos anos. Mas seu povo e sua terra já não estavam isolados. Mâncio Lima faleceu em Cruzeiro do Sul, Acre, às 5h 30min do dia 22 de julho de 1950, na residência da Senhora Margarida da Silva Pereira, situada na rua Absolon Moreira”.

Tudo que foi citado acima, é apenas a visão e as colocações de Rubens de Lima, filho do Coronel Mâncio Agostinho de Lima. Nós Puyanawa, não pensamos dessa forma, da maneira como Rubens de Lima exalta seu pai. Todas as nossas histórias referentes ao contato, foram marcadas por experiências de maus-tratos e escravidão imposta pelo seringalista Mâncio Lima, o que deixou lembranças amargas daquele período. Nossa visão e versão Puyanawa é completamente diferente das informações e colocações de Rubens de Lima. O único legado deixado por Mâncio Lima a nós Puyanawa foi à exploração, a dominação, imposições, doenças, assassinatos, proibições da nossa cultura, nossa língua e nossas festas tradicionais e roubo de nosso território.

Meu povo vivia feito um cachorro vira-lata, porque éramos castigados, sofríamos os mais duros e terríveis castigos e torturas, mas sempre estávamos recorrendo ao coronel. Isso não significava bondade por parte de Mâncio Lima, mas sim uma terrível dominação e opressão por parte de um explorador, opressor e só obedecíamos às regras porque éramos completamente obrigados, ele nos retirou tudo e passou a controlar nossas vidas. Se não obedecêssemos, éramos duramente e cruelmente castigados e torturados. Muitos Puyanawa tiveram que fugir para outros lugares para não se submeter aquele inferno de vida. O coronel açoitava quem desobedece suas ordens, esses castigos também foram feitos aos não-indígenas que não queriam obedecer suas ordens. Existem relatos de assassinatos praticados pelos capangas de Mâncio Lima a vários seringueiros não-indígenas que não quiseram aceitar as regras impostas pelo coronel da borracha. Foi um verdadeiro tirano que ocupou nossa terra, devastou nossos saberes e condenou a morte meus ancestrais. Estou aqui, hoje, para trazer outra história, a dos Puyanawa.

Primeiros Contatos

A primeira tentativa de contatar os Puyanawa aconteceu em 1901, depois que os índios levaram pertences dos seringueiros da região. O coronel Mâncio Lima organizou então uma expedição que contou com a participação de três indígenas. Durante onze dias percorreram a mata a procura dos mesmos. Não conseguiram achá-los, embora tenham percebido vestígios recentes todos os dias. Encontraram treze grandes roçados e cinco barracões onde deixaram presentes. Em 1904, os índios voltaram a entrar na casa dos seringueiros e pegaram ferramentas, roupas e etc. Desta vez alguns foram localizados em um varadouro e não conseguiram fugir. Estes ensinaram o caminho até a aldeia, mas quando chegaram, ela já estava vazia.

Dez dias depois, em uma nova tentativa, depararam com a aldeia queimada. No ano de 1911, Antônio Bastos, funcionário do SPI, acompanhado do irmão de Mâncio Lima, de cinco índios do alto Môa, um mateiro e outras pessoas tentaram localizar os Puyanawa. Desta vez encontraram apenas grandes roçados e malocas vazias. Resolveram então subir o rio Juruá com o objetivo de trazer alguns Yawanawa para auxiliá-los na atração dos índios, mas não obtiveram êxito. No final do mesmo ano, foi organizada uma nova expedição. Desta vez bem sucedida, em que passaram a noite entre os Puyanawa. Após isso, o coronel Mâncio Lima solicitou apoio governamental para catequizar os índios que há dez anos estavam no centro de seu seringal. Essa ideia da catequização incluía a escravização dos Puyanawa nos seringais e controle e domínio sobre o território desses indígenas.

Segundo os velhos, um pouco antes de serem contatados, os Puyanawa haviam se dividido porque o número de pessoas tinha aumentado. Um grupo permaneceu na cabeceira do igarapé Preto, afluente do Paraná dos Moura, e o outro chefiado pelo tuxaua Napoleão, dirigiu-se para o Riozinho, afluente do rio Môa. Aqueles que ficaram no igarapé Preto, foram localizados pela equipe de atração dirigida por Antônio Bastos. Os índios contam que estavam dentro da maloca quando foram surpreendidos com gritos na sua língua, para não correrem. As duas portas da maloca foram cercadas, mas as mulheres assustadas conseguiram fugir levando quase todas as crianças. Os homens no outro dia foram buscá-las na mata. Algum tempo depois, foram conduzidos para o Igarapé Bom Jardim, afluente do Môa, onde fizeram dois roçados. Ficaram neste lugar apenas um ano, sendo em seguidas transferidos para o Igarapé da Maloca.

Sobre a “pacificação” dos índios no Departamento do Juruá, o prefeito Rego Barros informou em seu relatório, de 1914, que: “(...) Antônio Bastos trouxe mais de oitocentos silvícolas a relação amistosa com os seringueiros, permitindo o alargamento do campo de ação da indústria extrativa e Mâncio Lima que tinha o trabalho de seus seringais perturbados por indígenas vizinhos, conseguiu após um esforço de mais de doze anos, com vultoso dispêndio de numerário, aproximá-los com auxílio de Antônio Bastos, localizando na sua fazenda Barão do Rio Branco, no rio Môa, 150 indivíduos da tribo Puyanawa, apresentando alguns belos tipos físicos, vários deles com estatura fora do comum entre os indígenas”.

Os índios permanecem na fazenda Barão do Rio Branco por pouco tempo, pois não resistiram à escravização, o que ocasionou a fuga do grupo. Apenas um homem não conseguiu fugir por estar no Igarapé Bom Jardim. Este índio foi obrigado a seguir o rastro do grupo que se dividiu em três, mas mesmo assim, foram localizados novamente. Nesta captura, o tuxaua Napoleão foi assassinado a tiros friamente pelo capanga de Mâncio Lima. Após a morte do líder, o grupo dispersou-se atravessando o rio Azul.

Os outros dois grupos foram encontrados e levados de volta para ao seringal. O grupo disperso foi localizado por acaso, pois os Puyanawa utilizaram vários artifícios para confundir o rastreador. Depois de capturados, os homens foram açoitados, torturados e reconduzidos para o Igarapé da Maloca. Logo que chegaram, uma epidemia de sarampo dizimou grande parte de índios. Aqueles que sobreviveram, foram transferidos para colocação Ipiranga (José Carlos Levinho, 1984).

Nosso povo Puyanawa vivia em uma comunidade muito numerosa antes do contato. Praticávamos nossas danças, músicas, rituais e vivíamos em constante harmonia com a natureza. Da natureza tirávamos apenas o necessário para a sobrevivência do nosso povo e em nenhum momento usamos a natureza para gerar ganância, comércio e outras atividades fora do nosso contexto. Éramos polígamos, cada homem podia ter mais de uma mulher. As mulheres casavam-se muito novas. Para casar, o noivo trabalhava algum tempo para o sogro por um período que variava de seis meses a um ano. Vivíamos em malocas, uma casa térrea sem soalho, com cobertura e divisões que ia até o solo e sem divisões internas. Havia apenas duas entradas na altura de um homem, na frente e nos fundos, tinha a extensão de cem metros, “com pouca largura, aonde se aboletavam diversas famílias. Embora tivessem uma vida comunal, tinham uma perfeita noção de

propriedade.” (CASTELO BRANCO, 1950:32). Realizávamos nossas atividades de subsistência e não usávamos da escravidão para obter nosso sustento, não negávamos outras culturas, não impúnhamos nosso saber e conhecimento. Tínhamos conflitos e desentendimentos que causavam dispersões e separação nas aldeias, mas mantínhamos relações com nossos inimigos pautada em um código de ética compartilhado.

Uma das nossas identidades culturais era a tatuagem, a perfuração das orelhas e do septo nasal feito nas crianças entre os oito e dez anos. A nossa tatuagem era feita com espinhos de murmuru e a tinta usada era o carvão triturado com o sumo de jenipapo verde. Para serem tatuadas, as crianças ficavam completamente embriagadas por algumas cuias cheias de pasmá, ou seja, uma bebida fermentada e feita á base de mandioca e milho mastigado.



Foto 3: Alto Rio Juruá- Índios da etnia (sic)Puyanawa localizados na Villa Rondon no Rio Moa-1913

Fonte: Iglesias (2008,p.393): Alto Rio Juruá-índios da etnia Puyanawa, localizados na Vila Rondon, no Rio Môa-1913” (Brasil. Tribuna Especial, 1931, v. 4,p. 32)

Tínhamos a prática do canibalismo funerário, ou seja, essa prática era feita quando morria um membro do nosso povo. O morto era colocado dentro de um grande tacho de barro na posição sentado com as mãos em voltas dos joelhos. Ali os parentes acendiam um grande fogo e colocavam muita lenha para que a carne ficasse completamente cozida e fosse distribuída entre nós Puyanawa. Segundo Tastevin, os Puyanawa cozinhavam os cadáveres durante dez a doze horas, dançando e chorando. O líder dividia os pedaços de carne do morto entre os parentes e demais índios participantes do ritual. Estes incineravam os pedaços de carne e misturavam as cinzas a caiçuma, que era ingerida com objetivo de incorporar as qualidades do falecido. (José Carlos Levinho, 1984; Marco Antônio Teixeira Gonçalves, 1991).

Período do Cativoiro

O período de 1915 a 1950, os indígenas denominaram de “cativoiro” os homens foram separados de suas mulheres e enviados para as colocações de seringa onde trabalhavam durante todo o ano: no verão cortavam seringa nas margens do rio Môa e no inverno, nos “centros” do seringal. As mulheres e os velhos ficavam encarregados das atividades agrícolas. Plantavam grandes roçados de milho, mandioca, arroz, cana-de-açúcar e feijão. Eram obrigados também a fazerem longas caminhadas transportando paneiros de farinha e de açúcar e as pelias de borracha.

Em Entrevista com o senhor Jorge Constant, meu pai, na língua materna seu nome é “**Poitxo**”, Aruá de Gapó. Ele me contou um pouco mais detalhadamente sobre o período do cativoiro. **Poitxo** relata que Mâncio Lima colocou os índios para trabalhar duramente e isso era algo que eles não eram acostumados a fazer e que nós Puyanawa não se adaptamos bem a esse tipo de trabalho forçado. O trabalho faz parte do viver, não é obrigatório, mas está inserido na dinâmica da vida, aquilo era algo totalmente estranho para os Puyanawa. A violência que marcava essa prática não condizia com a forma como

os Puyanawa viviam suas vidas. O coronel construiu até um lugar para os índios viverem, mas o objetivo era que os índios trabalhassem para o coronel. Muitos não se sujeitaram ao trabalho forçado e pesado e resolveram fugir. Os Puyanawa se renderam logo após assassinato do cacique tradicional Napoleão, nome dado por Mâncio Lima. **Poitxo** e outros indígenas são netos do cacique tradicional Napoleão, mas seu nome verdadeiro era “Vuvakây”.

Poitxo: começou o trabalho forçado né. O coronel dividiu as tarefas de trabalho para cada grupo de pessoas, pois tinha o grupo dos caçadores, grupo dos vaqueiros, grupo dos trabalhadores da agricultura, grupo dos pescadores, grupo dos seringueiros e cada um desses grupos tinha um tanto de pessoas, tanto índios como não-índios. As mulheres, as índias eram para carregar carga trabalhando apanhando café, arroz, feijão milho, trabalhavam na farinhada, nas casas de farinha, então esse era o trabalho das mulheres. Os homens eram seringueiros, aqueles mais novos, e os mais velhos que aguentavam caçar eram caçadores como meu avô e outros, eram caçadores. Outros trabalhavam somente na agricultura. **Puhku:** Faziam farinha? **Poitxo:** Faziam farinhada e sim, trabalhavam nos engenhos produzindo açúcar e todo esse povo precisava comer então era preciso produzir muito. Tinha os vaqueiros também, teve um índio que se destacou como vaqueiro e era o Carlos que chamava-se Hoyô na nossa língua. E assim o coronel conseguiu fazer todo esse trabalho né, mas sendo um trabalho forçado. Os índios sem direito né, só a comida, a roupinha, as roupas poucas, sem direito nenhum, eles não tinham direito de fazer nada para eles, eles não plantavam para eles, eles não faziam nada, pois o trabalho era somente para o coronel. O coronel era quem ficava com tudo deles e dava alguma roupinha quando eles precisavam, alguma pílula porque naquele tempo não tinha assistência de saúde mesmo né. Então dava algum calmante, algum remédio quando adoeciam, mas o básico e assim eles viviam, mas aí muitos deles adoeciam e morriam. Como diz, sem assistência médica que não existia mesmo. Eles também não se adaptaram as doenças que eles contraíram no meio dos não índios porque lá onde eles viviam não tinha essas doenças, por exemplo: aqui morreram muitos com Sarampo, Gonorreia, Catapora, coqueluche, gripe, porque lá

eles não tinham esses tipos de doenças. Nessa época não existia remédios para combater esse tipo de doença, então eles morreram muitos com isso.

Poitxo menciona muito bem as duras atividades e a escravidão que nós Puyanawa fomos obrigados a fazer. Nosso povo foi submetido a um regime de escravidão tão forte e desumano, que logo no início dos primeiros contatos, muitos morreram por doenças adquiridas nesse período e também pela sujeição ao trabalho que nós Puyanawa não conhecíamos. Houveram fortes impactos gerados pelo contato, além das mortes violentas e da escravidão do passado, hoje, modificamos nossas práticas e viver, principalmente na alimentação. Começamos a comer alimentos gordurosos, enlatados, carne de gado, carne de porco e outros. Antes comíamos apenas frutas na natureza, peixes, bebíamos muita caiçuma², açáí, buriti, comíamos carne de anta, veados, porquinhos do mato, queixada, mutum, nambu, entre outros animais silvestres.

Puhku: e a comida? **Poitxo:** e a comida eles não aceitavam muito, então eles não gostaram quando vieram logo no começo do sal. Meu pai falava que o sal eles não gostavam de jeito nenhum, e o doce também eles não gostavam muito, mas depois foram se acostumando porque eles não tinham o que mais fazer, mas sempre eles usavam sua alimentação. Eles comiam muita carne muquinhada, eles faziam muito kawa³, os mingaus de banana, mingau de milho, tudo eles faziam né. Eles plantavam algum pouquinho, alguma coisa só para ir comendo, pois eles gostavam muito de macaxeira assada, milho assado, milho cozido, mingau de itsãmi⁴, tôsto⁵, eh patoá, bacaba, buriti, tudo eles comiam e era a comida que eles mais gostavam. Banana né. O mingau da banana, banana assada, banana cozida, macaxeira a vapor, tudo era alimentação deles e eles gostavam muito dessas coisas. Eu me lembro que quando criança comi muito peixe muquinhado⁶ com macaxeira, peixe muquinhado e depois cozido, mingau de banana né, o patoá nós comia muito. Meu pai tirava para nós comer quando criança, eles gostavam muito de comer essa alimentação. Meu pai não gostava de feijão, ele comia pouco arroz, pois essas comidas eles não gostavam muito não, eles gostavam muito de carne, de peixe e

² Caiçuma: Bebida feita de mandioca, é mastigada e fermentada

³ Kawa: Uma comida feita com folha de vegetais com carne ou peixe

⁴ Itsãmi: Uma fruta que os Puyanawa usam para fazer mingau

⁵ Tôstô: Mingau feito de peixe com farinha

⁶ Muquinhado: É o mesmo que Kawa

na cultura sempre muquinhado, assado era a alimentação que eles mais gostavam. Aí continuaram trabalhando, aí foi á época que foi enfraquecendo o poder do coronel né. **Puhku:**

O período do cativoiro sempre é lembrado por nós Puyanawa como o maior desastre imposto para tentar acabar com nosso povo e a nossa verdadeira cultura. Não existia qualquer direito para nosso povo, e foi um período amargo porque se os Puyanawa não obedecessem as ordens de Mâncio Lima, eram cruelmente e covardemente castigados. A borracha nessa época era o ouro amazônico e estava gerando grandes lucros, mas o trabalho para colher esse produto era extremamente doloroso, era trabalho escravo. Nosso povo fazia à aviação⁷ dos produtos que iam precisar para colher a borracha e pagar o coronel pelo uso dos materiais e da terra. **Poitxo** explica o período do cativoiro.

Purku: o senhor pode relatar um pouco do período do cativoiro? Como é que os velhos contavam mesmo do período do cativoiro? **Poitxo:** Sim, sim. Aí no período do cativoiro eles eram forçados a trabalhar todos os dias. Meu pai dizia que era domingo e dias santos, não tinha esse negócio de dizer hoje é domingo vamos parar, hoje é dia tal vamos parar. Trabalhava-se todos os dias e isso sem fazer diferença. Eram os nordestinos que vieram do Ceará com ele né, ele trouxe muitos e também os índios, pois todos eles trabalhavam forçados todo dia, principalmente o seringueiro, aquele que perdia o corte de seringa, ele já cobrava. O mateiro ia correr as estradas para saber se todo dia eles tinham cortado. **Puhku:** era de quinze em quinze dias? **Poitxo:** de quinze em quinze dia eles faziam a quinzena. Não, o mateiro ás vezes passava de mês, mas quando ele chegava lá sabia quantos dias tinha no mês né. **Puhku:** humrum. **Poitxo:** trinta dias ali, se não tivesse os trinta dias ele já cobrava porque ele tinha falhado alguma coisa naquele dia e isso podia estar doente como tivesse, ele não ia justificar ou especificar se estava doente ou não pôde ir, tinha que ir todos os dias e isso era o tempo do cativoiro e na agricultura todo trabalho do mesmo jeito, todo dia se trabalhava o trabalho forçado de manhã cedo até de noite né, porque eram obrigados. Aquele que não ia muitas vezes ele

⁷ Aviação: Era o sistema baseado na troca que se fazia entre os seringueiros e os patrões da borracha. O seringueiro comprava armas, alimentos, medicamentos e os demais acessórios que precisava e pagava com borracha.

ameaça de açoitar e muitas vezes, algumas das vezes ele expulsou algum índio porque não sujeitou-se a trabalhar desse jeito, no caso do Felipe Camarão Pohkô, eh Acrísio Xaxaru, Marcial, eh Renato, Uh. **Puhku:** Luís? **Poitxo:** Luís Mãdaíta, Manoel Vaski, João Hãdá, esse povo todo foi embora né. Agostinho, porque muitos não se sujeitavam ao trabalho pesado né, não gostavam e também muitos trabalhavam no que não eram acostumados e foram embora, mas os outros que ficaram continuaram trabalhando, mas quando ele adoeceu, o velho, foi enfraquecendo esse movimento. O movimento foi ficando mais fraco, as pessoas foram ficando mais libertas. Aí quando ele adoeceu que morreu nos anos 50, aí enfraqueceu muito porque ficaram só os filhos no comando e os filhos quando ficaram no comando não fizeram mais o que ele fazia. **Puhku:** era menor escala? **Poitxo:** era menor escala o trabalho e aí foi dando liberdade, os índios já podiam plantar, roçar, fazer algum roçado para eles mesmos, eles já podiam criar algum bichinho, porco pelo menos, porque ele tinha muita criação de porco, o velho coronel.

Não nego que as colocações de Rubens de Lima me causam sentimentos dolorosos e indignação. Pois este nunca passou dias e dias na mata em seu território sendo violentado e escravizado. Ele nunca passou fome e nunca viu seus parentes morrerem de forma desumana e injusta como meu povo. As Aldeias Barão e Ipiranga ficaram fartas de frutas, porcos, bois, aves, açúcar, leite, e outros alimentos, mas todos esses alimentos ficavam concentrados nas mãos de Mâncio Lima. Nosso povo Puyanawa não tinha direito a nada do que produziam e se quisessem comer, vestir, usar algum calmante, remédio para sarar as feridas que adquiriam na mata, das picadas dos insetos, tinham que pagar para o coronel com a produção de borracha. Tinha-se fartura, mas para o coronel e sua família.

Puhku: o senhor pode contar um pouco sobre a fartura sim, para o coronel? **Poitxo:** Eh sim. **Puhku:** como que era que os velhos contavam? **Poitxo:** eles contavam também que era muito farto, de tudo tinha, não faltava nada, mas para quem trabalhava. Para aqueles que não trabalhavam se fosse possível não comia, mas ele tinha muita fartura, leite tinha com abundância, ele chegou até, eles contaram até mil cabeças de rezes aqui neste lugar. Criou carneiro, criou cabra, criou até búfalo ele tentou criar,

mas não deu certo né. Muito porco tinha, muita galinha, muito feijão, arroz, milho, açúcar, rapadura, mel, tinha de tudo né. Eles contavam que tinha muita fartura, carne, peixe não faltava no barracão, mas isso ele o patrão, tinha de tudo para os trabalhadores. Aquele que trabalhava todo dia comia. Agora eles mesmos, os moradores, os índios, não tinham porque só faziam para o patrão. Eles não faziam para eles. Tudo eles faziam para o barracão, se fosse trabalhar lá eles comiam, lá tinha comida né. O leite, leite que se estragava. Eram latas e mais latas de querosene cheias de leite né. Rapadura tinha os montes para comerem aí com farinha, açúcar gramixo, tudo eles tinham com fartura, carne, peixe não faltava, matavam de bois e mais bois, porcos para por o tocinho no feijão. Nesse tempo tinha muita caça, tinha os caçadores como meu avô e outros. Caçavam a semana toda e os bois que traziam carne para o barracão onde podiam pegar na mata e não faltava não, era farto, agora só que só ele, os outros não né. Tinha do leite a rapadura, muita fruta tinha na época, plantavam muita coisa e assim a gente pode até dizer que, como alguns falam que ele não foi tão ruim nesse sentido. Ele tinha, mas os outros não tinham. Eles achavam que era muito bom, mas só que era bom para ele, o coronel, mas os outros não tinham nada né? **Puhku:** não tinham nada, direito a nada, acesso a qualquer coisa. **Poitxo:** eh, agora o coronel tinha que era o poderoso, eles faziam para ele né. Ele era um homem talvez de um certo conhecimento, ele era um homem talvez estruturado. Ele não era um homem talvez daqueles nordestinos que não sabia de nada porque ele trouxe muita gente para trabalhar, ele construiu muita coisa, ele tinha até batelão grande de carregar mercadoria da borracha, tinha as pessoas que faziam esse serviço de trazer batelão carregado de sete, oito toneladas de mercadoria, a braço, na volga, de Cruzeiro do Sul até aqui. Passavam de três quatro dias para chegar. Ainda vi um batelão velho que chamava-se farmácia lá dentro daquele igarapé lá na beira e acabou-se lá. Então era um homem bem estruturado nesse lado né. **Puhku:** Humrum. **Poitxo:** Mas ele tinha essa coisa de os outros não ter direito, só ele. Quando a pessoa não ia trabalhar, não vinha dizer porque, ele ia bater lá na casa da pessoa ou mandava ver o que que estava acontecendo, se estava doente ou se não tivesse, tinha que vir de uma maneira ou de outra. Ameaçado de peia e até

de morte, porque tudo era com ele. Se quisesse comer tinha que comer da casa dele né. Alguns que comiam lá fora eram os seringueiros porque eles estavam nos centos, nas colocações de seringa e lá matavam algum bicho, se era na beira do rio pegavam algum peixe comiam, mas quem trabalhava aqui mesmo, comia de lá do barracão. Também compravam alguma mercadoria, trabalhavam e compravam alguma coisinha para se manter, mas sempre o trabalho forçado foi este. Aquelas pessoas que produziam muito, eram bons seringueiros, índios mesmo, eles eram bem vistos pelo patrão, pelo coronel. Aquelas pessoas que trabalhavam que ele notava que eram bem sucedidos no trabalho, ele ajudava né, No caso do meu pai, alguns índios ainda compraram até gado dele a custa de borracha porque ele via que produziam muito para ele e dava resultado, mas outros, aqueles que não trabalhavam muito, ele até ameaçava peia mandava embora porque não estavam dando resultado a ele. As vezes davam prejuízo porque na hora que precisavam tinham que ir ao barracão.

O chamado apadrinhamento pelos coronéis da borracha na Amazônia era algo comum e com nosso povo Puyanawa não foi diferente. Meu nome no português é Jósimo Constant, o nome de meu pai é Jorge Constant e do meu avô era Benjamim Constant. Carregamos o sobrenome Constant porque o coronel deu aos Puyanawa nome de pessoas importantes no cenário político brasileiro e mundial. Como mencionado, o nome de Meu avô era Benjamim Constant, porque foi um nome dado de um grande militar, professor da época. Assim o coronel Mâncio Lima teve o domínio quase total do nosso povo Puyanawa, inclusive os nomes. Mas não entendo o porque ele deu nomes de pessoas importantes para nosso povo, se vivíamos num período de cativoiro. Chamá-lo de “papai” provavelmente não tinha os mesmos significados para os não indígenas e para os Puyanawa, mas isso era incentivado pelo coronel.

Puhku: Essa coisa do coronel apadrinhar as pessoas, como que era:
Poitxo: ah sim, ele tinha esse poder porque os índios, aqueles mais novos, ele sempre dizia para chamar ele de “papai”, muitos chamavam ele de papai Mâncio, porque tinha sido ele que tinha trazido eles para cá e para ele, ele estava ajudando a eles né. Para eles, consideravam ele como “pai” porque era ele que estava dando assistência, eh botou na escola, eh quando estavam pequeno ele ajudava em algumas coisas, e aqueles que

trabalhavam, ele ajudava, ele foi compadre de muitos índios aqui, padrinho de muitos índios. E os índios, aqueles mais velhos também chamavam ele de “papai Mâncio”, as crianças tomavam a benção a ele, por causa do poder que ele tinha. Então ele achava que todo mundo podia ser submisso a ele. Tomavam benção a ele porque ele achava que era o maior, o poderoso, tinha que ser papai. A dona Débora filha dele e outros consideravam meu pai como parente dele e muitas vezes chamavam de irmão. Esses vieram pequenos né, esse e outros criaram-se juntos e aí consideravam meu pai como irmão. E os mais velhos eu tive de ouvir eles contado histórias que chamavam de papai Mâncio. E assim esse poder, ele consegui nesse período que teve de cativo, muitas coisas através do trabalho forçado, e isso não só os índios, mas também os nordestinos que vieram pra cá na época. Eles também trabalharam forçados porque vieram pensando ser uma coisa e foi outra. E assim nós podemos ver que ele teve um grande poder aqui no Barão, como outros mais velhos contam, contavam que ele muitas vezes ameaçava os seringueiros. Muitas vezes o mateiro ia correr as estradas e achava que o corte da seringa não estava no regulamento como se chamava. A seringa na época tinha um certo regulamento. Tinha o tamanho da riação⁸, então a madeira era cortada de acordo com o seu tamanho, sua espessura, sua grossura. Muitas vezes o seringueiro ultrapassava, e na hora que ultrapassava o limite, eles eram punidos porque tinha que ser dentro do regulamento. O traço era uma chave, se tivesse um traço maior, o mateiro já corrigia porque o seringueiro não podia fazer aquele tipo de coisa. O objetivo do coronel era a borracha na época, a borracha era o maior ouro que se tinha, e assim ele conseguiu fazer isso, até chegar o ponto de ele ir enfraquecendo, pois ele entrou na política e aí ele ficou mais fraco. Ele foi candidato a prefeito e conseguiu por esses índios mais novos que vieram da mata quando criança ainda, índios de oito anos, sete anos. Ele conseguiu por esses índios na escola, porque ele era um homem político e queria voto e quando esses índios entraram na escola, ele mandou tirar o título de todos, o título era chamado nessa época de petição para poderem votar e todos votaram. Aí esses índios

⁸ Riação: Corte correto na seringueira

mais novos que ele registrou, ele colocou o nome em cada um daquelas pessoas da história do Brasil, os mais importantes. Ele colocou o nome de Benjamim Constant, Júlio de Moraes, Júlio de Cartilho, Candido Rondon, Luís Alves, e vários outros nomes de pessoas que ele colocou, nomes da história. A maioria dessas pessoas eram eleitores, porque ele entrou na política e queria voto e os índios votavam com ele. Ele estava dando mais prioridade o lado político. Porém ele foi prefeito de Cruzeiro do Sul e muitos dos seus filhos estavam fora, no Rio de Janeiro e outros lugares. Ficou somente a dona Débora e o Mancito. As coisas foram melhorando um pouquinho, mas não foi muito não porque tudo que faziam tinha que ser uma parte dela, principalmente a borracha tinha que ser para ela, porque se vendesse fora a borracha, ela expulsava da colocação de seringa, ou seja, ela tomava. Tinha que fazer a borracha e vender só para ela, e aí quando vendiam alguma era escondido. Aí outras coisinhas foram melhorando, foram ficando mais livre, mais soltos, mas ninguém tinha direito a quase nada, porque tudo era dela, ninguém podia dizer isso aqui é meu porque tudo era dela.

Somente nas décadas de 1930, as mulheres foram dispensadas dos trabalhos na lavoura e receberão permissão para morarem com os homens nas colocações espalhadas no seringal. Esse período é muito vivo na memória dos velhos Puyanawa. Viveram como verdadeiros escravos do coronel Mâncio Lima, proprietário do seringal Barão do Rio Branco. Não tinham direito a nada, nem se quer uma parte íntima do seu antigo território. Foram completamente explorados de suas terras. Passaram a fazer todos os tipos de trabalho braçal no seringal Barão e em troca recebiam a alimentação diária e umas poucas mudas de roupas.

De fato, foram os Puyanawa que desenvolveram o seringal Barão, construindo estradas carroçáveis, ligando a sede deste seringal a Vila Japiim e daí a cidade de Cruzeiro do Sul. Movimentaram os engenhos de cana-de açúcar e as casas de farinha, derrubaram as matas para abrir roçados, canaviais e pasto para o gado, abriram as estradas de seringa na mata e fabricaram muitas pélas de borracha. A decadência do seringal Barão do Rio Branco, após a morte do coronel Mâncio Lima em 1950, os Puyanawa foram liberados, finalmente do regime de servidão a que foram submetidos. É importante ressaltar, que

foram liberados do regime de escravidão, mas isso não significava que estavam completamente livres dos patrões.

Somente depois disso, os Puyanawa fizeram roçados para as suas famílias, algo que até então eram impedidos de fazer. Continuaram produzindo borracha, apesar da crise econômica da região, mas ainda eram obrigados a pagar pelo uso das estradas de seringa aos herdeiros do antigo dono do seringal. O pagamento da “renda das estradas de seringa” significava que os Puyanawa não tinham direito a nenhuma parte de seus territórios e assim continuavam a viver em suas terras como intrusos. Apenas em 1977, a FUNAI realizou os primeiros estudos para identificação da Terra Indígena Puyanawa, que foi homologada em 2001. (Terri Valle de Aquino, 1985). É importante ressaltar que a terra Puyanawa teve seus primeiros estudos nos anos de 1977 para apenas em 2001 poder ser reconhecida e homologada pela FUNAI.

Após a morte de Mâncio Lima, os filhos ficaram no seu lugar, mas isso não representava uma vitória para os Puyanawa, pois os filhos de Mâncio Lima pouco fizeram ou se importavam com os Puyanawa, como retirá-los do regime servil ao qual foram submetidos para tirar os Puyanawa do regime servil no qual foram submetidos. Numa conversa informal que tive com o senhor Gerson Bastos, um Puyanawa de 80 anos, esse lembra que Débora, filha do coronel, tomou conta do seringal Barão do Rio Branco, e premiava os indígenas, que produziam mais borracha, ou seja, os Puyanawa sempre eram genuinamente enganados. Seu Gerson relembra que foi a época em que o Barão produziu mais borracha. Ele fala que o coronel tinha vários capangas que agiam na captura dos indígenas, os capangas eram maus, eles que mataram o tuxaua Napoleão, relembra da escravização que o coronel fazia com o povo.

Seu Gerson ainda relembra que os avós apanhavam muito, ou seja, todos, pois todos os velhos eram tratados como avós, aqueles que não aguentavam mais trabalhar davam apenas prejuízo para o coronel e esse não fazia exceção de pessoas, batia em todos. Ele colocou todas as crianças para estudar para ganhar votos, ele relembra que em épocas mais antigas, os seringueiros não conseguiam tirar saldo algum. Era uma escravização total. Já dona Débora queria muita produção de borracha, pois na época a borracha rendia grandes lucros, mais ele lembra que ela não era mais tão ruim como o coronel. Diante do domínio, as manifestações culturais desapareceram quase por completo. Dentre estas, a cerâmica, com vasos pintados com urucu, com jenipapo e

desenhados com gregas; os tecidos, redes, tangas, cestas de palhas, adereços como, “diademas de penas de tucano”, “colares de dentes de macaco”, “miçangas misturadas com dentes”, tangas de penas de jacamim, “corujão, mutum, arara e tucano”. (CARVALHO, 1931: 232-233).

As Práticas Médicas Puyanawa: As Precariedades e as Dificuldades deixadas pelo Coronel Mâncio Lima aos Puyanawa/Puyavakevu

Como mencionado, o coronel de barranco Mâncio Lima, é tratado por seu filho Rubens de Lima e por muitos como um grande desbravador e desenvolvimentista na região do Juruá. Mas, para conseguir seu auge e de sua família, nós Puyanawa tivemos terríveis momentos de dominação e opressão deixada por tal coronel. As sequelas da dominação e colonização feita por Mâncio Lima ainda é algo forte e visível, pois esse coronel nada se dispôs para nos ajudar, queria apenas explorar a nossa terra e a força de trabalho desse povo para conseguir seus objetivos e destruir com a cultura forte e verdadeira dos Puyanawa das aldeias Barão e Ipiranga. Além disso, a dominação do coronel deixou muitos problemas de saúde que se alastram até hoje.

A vida dos Puyanawa sempre foi marcada pela luta, por doenças, pela resistência às imposições colocadas pelos “patrões da borracha”. Para conhecer a carência e a ineficácia dos serviços de saúde dentro da terra indígena Puyanawa, eu marquei uma entrevista com a senhora Lucimar, pois essa é uma das várias indígenas do nosso povo que tem uma grande história de vida e de superação. Na nossa língua Puyanawa, chamamos ela de **Titxu**, que quer dizer “irmã mais velha”. **Titxu** se mostrou muito alegre e receptiva ao meu trabalho e disse que estava à disposição para me ajudar. Eu me senti muito feliz e estava muito ansioso para começar minha entrevista com minha tia Lucimar **Titxu**. Confesso que essa foi também uma das entrevistas mais esperadas por mim, eu já tinha vontade de ouvir a história de **Titxu**. Pois ela é uma mulher muito guerreira e resistente.

Então no dia 21/02/2016, fui à casa de **Titxu** para fazermos nossa tão esperada entrevista, eu estava ansioso para ouvi-la, pois eu sabia que **Titxu** tinha muito a contar e

cooperar com o meu trabalho e nossa história. **Titxu** já estava me esperando sentada no chão de sua sala e brincando com sua netinha. **Titxu** é uma mulher muito simples e humilde, neta legítima do cacique tradicional Vuvakây e mora numa casa muito simples. Eu fiquei sentado, encostado na porta, pois no dia da entrevista, era mais ou menos umas 2:00 da tarde e fazia muito calor. Fixei o pequeno gravador no colarinho de **Titxu**, que foi cedido pela professora Silvia Guimarães para meu trabalho de campo, sentei na porta novamente e começamos a entrevista. Mas antes, a filha de **Titxu** se aproximou e ficou observando meu trabalho sobre a nossa magnífica história de resistência.

Titxu: com meu pai nós trabalhamos muito e sofremos muito, ele não tinha nada, pois antigamente ninguém não tinha um salário para sobreviver. Trabalhávamos nas plantações, na criação de animais e mais tarde inventei de me casar. Me peguei com um homem muito sofredor também, ele também não tinha nada. Nossa mobília de casa era um papeiro, uma panelinha e dois pratos. Engravidei e fui morar em um cento e depois voltei, mas com pouco tempo papai morreu. Fui para uma colocação chamada Ouro Preto e para lá foi que construí filhos mesmo, tive quatorze filhos. **Puhku:** Quatorze filhos? **Titxu:** quatorze filhos. Tive oito filhos homens e seis mulheres, mas criei oito, outros quatro morreram. **Puhku:** quatro morreram? **Titxu:** morreram. **Puhku:** nesses quatro que morreram, o que é que a senhora atribui a morte? Não tinha medicamento na época? **Titxu:** Eh, não tinha medicamento. Um foi aborto, já outro foi a cobra que mordeu. As outras duas foi á falta de medicamento, a outra não sei nem dizer como é que foi. Ela pegou uma doença num instante que só quem pegava ela era o pai dela. Ela se mordida todinha. Aí nós fiquemos, sempre, sempre meu marido era um homem doente, muitas vezes ele pegava um amarelão que ficava de cama. Dou graças a Deus meus dois filhos mais velhos, o Zeca e o João, um com 12 anos de idade e o outro com 9, eram eles quem cortavam pequenas estacas e faziam borracha para vender. Era um tempo muito difícil. Muitas vezes só faltava morrer de fome, já comi insosso, comi banana verde cozida, comi escoteiro por falta de farinha, meu marido era doente e não podia trabalhar. Meu marido morreu, voltei para o Barão, passei seis anos de sofrimento, apenas mariscava, raspava mandioca para aqui, para acolá. Eu sofri muito, meus filhos andavam

descalços, dormíamos tudo feito bicho, feito ruma um por cima do outro. Negociei uma casa na época por 150 reais, paguei a prestação e depois fui para um lugar mais lá na frente que chamamos de favela e lá meu filho tocou fogo na minha casa. **Puhku:** na sua infância, a senhora já foi mais feliz? **Titxu:** Assim, eu fui uma pessoa que nunca conheci felicidade na minha vida. Papai morreu com cinquenta e nove anos, mamãe morreu nova também, finada Carmem, tua avó morreu nova também, todos morreram doentes.



Foto 4: Imagem de Titxu

Pude perceber que na entrevista com **Titxu**, ela relata um pouco da sua vida e da falta de assistência médica e de direito, pois a Terra Indígena Puyanawa era um lugar escasso nos serviços de saúde. Os trabalhos da borracha e de outros produtos, tinham que ser vendidos para os patrões e esses sempre nos enganavam e pagavam preços baixos ao trabalho dos Puyanawa. Jorge Constant, “**Poitxo**” meu pai, também falou sobre os serviços de saúde a tempos passados e de como a vida era difícil. Os serviços de saúde e a falta de direito faziam os Puyanawa serem humilhados e trabalharem duro em um território que já era seu. Na conversa com Poitxo, minha mãe aqui acolá, dava seus depoimentos de vida e eu me emocionava muito quando minha mãe falava, pois ela é uma

pessoa doente e de seis em seis meses vai a capital Rio Branco para fazer tratamento. Minha mãe toma remédio controlado porque ela tem problemas mentais. Pedi para que Poitxo falasse um pouco da vida dele.

Puhku: fale um pouco do senhor agora. **Poitxo:** Meu pai foi seringueiro muitos anos, mas depois não aguentou cortar seringa, ficou trabalhando na agricultura. **Puhku:** Conte seu nascimento, como foi sua infância? **Poitxo:** Tá. Eu filho homem, trabalhei junto com meus pais, vendo as dificuldades que eles enfrentavam na época, não aguentavam mais cortar seringa, não faziam mais nada para o patrão, não tinham ajuda. Quando vendiam algum bichinho, era que comprava alguma coisinha, algum remédio. As vezes, dois três filhos doentes com verme, barrigudo, amarelo. Quando nascia uma criança, ninguém dizia vamos comprar uma lata de leite. Ninguém podia, não tinha para comprar. As crianças eram doentes, sem assistência. Muitas doenças que afetavam a nós crianças indígenas, como o sarampo, catapora, coqueluche, frieira, como a gente chama na nossa linguagem popular, a “pereba” muitas feridas na cabeça, tudo isso era enfermidades. Quase todas as crianças eram doentes porque não tinham assistência médica, ninguém tinha como comprar remédio para combater essas doenças. **Purku:** A vida era difícil? **Poitxo:** difícil. As crianças com coqueluche, às vezes tossiam tanto que caíam no chão sem folego morrendo, os pais pegavam e jogavam para cima para poder ver se voltavam a respirar. Muitos deles ficavam na palha de banana doentes de sarampo, catapora, caía aquela pele e ficava na carne viva. O sarampo matou muita gente. No meu tempo de criança, o vício, as vermes que nós contraíamos, as crianças começavam a ficar barrigudos amarelos e daí até morriam. Tive uma irmã chamada Tereza que morreu de tanto comer vício⁹ e não teve como fazer para ela não morrer, meu pai não tinha condições de comprar nem remédio para ela ficar curada dessas doenças. Assim era a dificuldade que enfrentávamos na época. Depois que o coronel morreu as dificuldades ainda ficaram pior, porque na época dele, quem trabalhava, ele dava uma assistência melhor. **Puhku:** Aqui era um lugar que tinha dificuldade total? **Poitxo:** Era, as dificuldades eram para todos. Essas

⁹ Vício: Ato de comer terra, barro

doenças que estou citando, como: catapora, sarampo, coqueluche, que na época não tinha vacina que às vezes combate, todo mundo pegava. Uns eram mais fortes e outros mais fracos. Eu pelo menos fiquei com a beira dos olhos todo roxo dar cor de sangue meus olhos de tanto tossir. A cabeça, eu acho que não tenho mais o couro que nasci porque era cheia de pereba, ferida, o mosquito roendo. O remédio que sempre usamos, minha mãe fazia, era algum banho de marupá¹⁰ “fruta” lavava com aquela água para ver se melhorava. Era uma coisa que servia, mas não era tanto. A frieira, passávamos a noite coçando as frieiras, muitas vezes os pés amanheciam inchados, inflamado e o remédio era corama¹¹, uma planta que tem, a gente esquentava aquela folha e colocava em cima para aliviar as vezes aquela coceira, aquela dor e assim era o sofrimento, não só meu, mas de muitos, muitas crianças. As vermes sempre se curavam com mastruz e tinha também o purgante de uma árvore que tem chamada gameleira que é muito bom, ele mata as vermes, mas é perigosa, se não souber trabalhar com ela, ela mata ainda mais ligeiro as pessoas porque precisa-se de uma dieta muito grande. Se a pessoa tomar, tem um certo limite para não comer algumas coisas. Me lembro que fui muito doente, comi muito vício, eu escapei com um remédio chamado pílula bezerra, eram as pílulas que nessa época tomávamos para matar as vermes. O remédio para verme que tinha era anquilostomina, tomávamos aquele remédio que chama-se purgante. Aquilo ali dava um efeito grande, a gente fazia muitas necessidades e era só verme. Existiam esses remédios, mas eram coisas raras, para conseguir um vidro desses remédios, era difícil. Às vezes não tinha no barracão para comprar do patrão e era preciso arrumar algum dinheirinho para viajar daqui a Cruzeiro do Sul. **Puhku:** as viagens eram a pé? **Poitxo:** Era, para Cruzeiro do Sul, muitas vezes íamos de pé porque não tinha condução. Se fosse, era de canoa e gastava uma semana toda. Muitos parentes saíram daqui doente em canoas, como meu avô, ele adoeceu e levaram ele daqui numa canoa daqui para Cruzeiro do Sul. Lá morreu e ninguém sabe nem de que. Enterraram ele por lá mesmo. Ninguém viu. Tão difícil era da gente

¹⁰ Marupá: Planta que serve de remédio para coceira

¹¹ Corama: Planta usada para cicatrização de alimentos

ir, não podíamos ir lá visitar, era muito distante e assim era a vida, sempre sofrendo. Aí as coisas foram melhorando depois que isso aqui passou a ser Reserva Indígena. Aí melhorou um pouco porque surgiu a assistência de saúde. A FUNAI contratou uma pessoa daqui mesmo para ser agente de saúde. Quando se tem uma agente de saúde, uma pessoa que trabalhe, de qualquer maneira se tem mais uma ajuda. **Puhku:** Mas antes disso, não se tinha assistência nenhuma? **Poitxo:** não se tinha nada, nada, nada. Algumas coisas vinham do barracão ou então era preciso ir á cidade, mas ir á cidade ninguém podia, se não tinha dinheiro. **Puhku:** O senhor ainda assistiu ver muitos índios velhos morrerem aqui dentro? **Poitxo:** Ah vi muitos morrendo, mortos né. Muitos doentes de câncer, gonorreia. Um índio velho chamado Valdmiro, que era irmão de meu pai, ele morreu com as partes acabadas pelo câncer e muitos outros. Minha avó também pegou câncer e morreu e vários outros índios, assisti muitos morrerem, muitas vezes adoeciam e não sabiam nem o que fazer, ficavam só esperando a hora de morrer. Algum remédio que davam era caseiro e não curava aquelas doenças e morriam de qualquer jeito. Muitos índios que morriam eram enterrados na rede, não faziam caixão não. Colocavam dentro de uma rede, levavam até o cemitério e descia aquela rede numa corda e era assim a vida, muito difícil na época. Morria índio ou índia, não tinha uma pessoa, vamos dizer, o Armédio ou a dona Débora veio visitar, ninguém. Eram as pessoas daqui mesmo que faziam os enterros. **Puhku:** Diziam que eram irmãos apenas por dizer? **Poitxo:** Eh, mas não para ajudar, para facilitar alguma coisa, mas somente mesmo para explorar. **Puhku:** E eles tinham como ajudar? **Poitxo:** Tinham, ela era farmacêutica, ela tinha farmácia. **Puhku:** Eles herdaram muita coisa do coronel né? **Poitxo:** foi, ela era uma farmacêutica boa na época, mas aí era preciso dinheiro, ela não queria dar nada para ninguém, ou comprava ou então não tinha. Mancito era outro farmacêutico, mas aí só se fosse lá com dinheiro, sem dinheiro o que é que a gente ia fazer lá? Então a grande dificuldade da época era essa, ninguém tinha assistência de nada. Muitos índios adoeciam coitados, se não fossem os parentes que fossem lá e levassem algum remédio, não tinham a ajuda de ninguém. **Puhku:** e seu pai como ele morreu? **Poitxo:** Meu pai morreu com uma febre muito forte que ele pegou e eu não estava aqui na época,

eu estava com dois meses fora de casa. Aí ele foi trabalhar e adoeceu com febre, porque nesse tempo não existia aposentadoria trabalhava já velho com sessenta e poucos anos, quase setenta para poder sobreviver, quando chegou doente com febre e dessa febre ele morreu. Um dia de febre, ele já ficou sem fala, já se urinando, e dessa febre ele não se levantou mais e morreu. Uns dizem que foi malária, dessa malária velha que não foi curada, já outros dizem que foi uma hepatite, mas aí eu não sei. Mas sem assistência nenhuma, nada, nada, nada. Não tinha hospital aqui perto. Morreu assim sem saber o que eram as doenças. Por isso, que hoje a gente enfrenta muita dificuldade, mas certamente estar melhor, muitas coisas estão evoluídas. As coisas já melhoraram principalmente na saúde, porque isso é quase normal no Brasil inteiro né. Mas para nós índios eu acho que já melhorou um pouquinho.

Após a escravização com as epidemias, essas continuaram a assolar o povo Puyanawa. Doenças novas e desconhecidas invadiam o território Puyanawa. Para seu Gerson, um dos anciões da nossa comunidade, a malária dizimou quase todos os Puyanawa, os indígenas se aqueciam no fogo, não existia qualquer medicamento, ele fala que existia um pajé que fazia remédios da mata para curar os parentes, o pajé conhecia muitos remédios. Ele fala que sua dedicação foi exclusivamente a seringa. Ele fala que já teve derrame, ele fala da pobreza, da miséria que existia no Barão. Relembra das casas de palha, casas muito simples, a fome e a miséria prosperavam na época do coronel. Ele fala que as mulheres carregavam borracha de uma colocação chamada Bom Jardim até a aldeia Barão, mais ou menos 12 horas de viagem, carregavam borracha e animais. Muitos adoeceram e morreram fazendo essa longa caminhada.

Às vezes fico pensando como eram os Puyanawa antes da chegada do opressor Mâncio Lima. Tenho absoluta certeza que nosso povo vivia em comunidade, viviam em sintonia harmônica com a natureza e dela tiravam apenas o sustento necessário para sua sobrevivência. Nossos rituais eram praticados sem qualquer interferência, nossa língua, nossas características eram puras sem qualquer mistura. Nosso povo alcançava muitos anos de vida. É certo que como em todas as outras sociedades, acontecem as brigas, conflitos internos, mas tudo isso era controlado por nossos chefes e a própria comunidade, nós Puyanawa sempre soubemos viver em comunidade. No livro, “Sociedade Contra o Estado” Clastres, 1974. Ressalta que os povos indígenas de alguma forma souberam

controlar a virulência do poder em suas sociedades. Para ele, o poder não coercitivo é realizado de forma que uma figura mítica represente os chefes nos rituais que servem para rememorar a organização social. Basta que seja uma figura, nem sempre a mesma, mas que apenas cumpra a função de líder.

A Luta pela Demarcação e a Chegada dos Antropólogos

Haesbaerth (1999, p.258) assevera que a perda dos territórios implica, na maioria dos casos, na fragmentação dos indivíduos que compõem as comunidades. Ao serem desconectados em relação ao espaço e aos seus recursos naturais, estes perdem muitos de seus referenciais culturais de identidade. Nessas situações, as dimensões econômicas, política e cultural da vida social podem se desarticular, enfraquecendo a unidade política dos grupos e tornando bem mais ambíguas as relações que as coletividades estabelecem com seus territórios.

A luta que se deu para que os Puyanawas tivessem o direito à terra garantida não foi nada fácil. Após a morte de Mâncio Lima, os Puyanawa puderam plantar e criar, mas tinham que pagar uma renda para os “herdeiros” do coronel, seu Armédio e dona Débora. Os Puyanawa pareciam livres do regime de servidão e escravidão a que foram submetidos, mas continuavam morando na sua terra como se fossem intrusos e sem direito a nada. Tudo que os Puyanawa faziam, tinha que ser de Débora, principalmente a borracha. **Poitxo** relata que quando Débora enfraqueceu um pouco, veio os filhos, Paulo Dene, Alfredo Dene e Mâncio Neto. A dominação sobre nosso povo parecia que nunca ia ter fim. De uma forma ou de outra, sempre estávamos submetidos à dominação.

Poitxo: Nessa época que eles vieram, piorou um pouco porque todo mundo já criava porco aqui, já faziam suas plantações. Os filhos de Débora começaram a pegar dinheiro, a fazer empréstimo nos bancos e explorar terra onde as pessoas trabalhavam. Começaram a fazer campo para criar gado e chegou uma época que eles mataram os bichos dos criadores, achavam que ninguém tinha direito a nada, era deles, eles faziam o que quisessem.

Para compreender melhor o processo de demarcação física e jurídica da Terra Indígena Puyanawa, fui atrás das pessoas que participaram ativamente desse processo. Procurei conversar e entrevistar alguns indígenas que foram sugeridos pelo antropólogo

Terri de Aquino. Nomes esses como: Mário, Demóclito, Zé Correia, Deija e Ozéias. Fui atrás de cada um para fazer minhas entrevistas. No dia 23/12/2015, numa terça-feira, fui à casa do senhor Demar (Hey), estava deitado numa rede ao lado de sua casa, pois ele estava com uma forte malária e outras enfermidades, mas mesmo assim, ele mostrou-se disposto e disse para mim passar lá na quinta feira dia 25 de dezembro.

No dia 25 de dezembro de 2015, voltei à casa de Hey por volta de umas 14h da tarde, sua casa fica na aldeia Ipiranga e ele estava novamente deitado na rede, tive uma agradável surpresa, pois sua esposa e alguns amigos que também participaram da demarcação estavam lá. Fiquei muito feliz, pois lá estavam Samuel (Rakê), Luís (Kupati) e Osmir (Nunu). Iniciamos a conversa com algumas brincadeiras como é de costume entre nós e logo hey começou a falar sobre sua participação no processo de demarcação da nossa terra. Hey falou que no início ninguém sabia nem se era uma terra indígena e que por uma conversa anônima chegaram técnicos do INCRA nas aldeias.

Hey: Conheci a FUNAI após informações, e com 3 dias chegaram o Terri de Aquino e o Macedo, a luta foi forte porque os patrões não queriam sair daqui. A 1º picada que fizemos não deu certo porque o topógrafo não mediu certinho, a segunda picada também não deu certo porque a terra ficou muito pequena. Nós reunimos, para tirar a picada por conta própria, corremos a mata e passamos quase 15 dias. Conseguimos tirar a picada, mas não era algo oficial. Fomos até a cabeceira do Igarapé maloca. O topógrafo Augusto ia apenas para marcar, pois era nós Puyanawa que direcionávamos os locais da terra. Íamos medindo e limpando as picadas apenas pelos conhecimentos próprios. Me lembro dos lugares sagrados por onde passávamos, o lugar sagrado dos Puyanawa, chama-se 7 de setembro, foi o lugar de onde realmente viemos.



Foto 5- Seu Demóclito, Luís, Samuel (Rakê) e a esposa de seu Demar

O processo de Demarcação da Terra Indígena Puyanawa, não foi nada fácil e também não foi de um dia para o outro. O tuxaua tradicional Mario Cordeiro de Lima, que na língua Puyanawa é chamado de Hawê, que se traduz para jabuti, teve um sonho. O sonho de jabuti. O antropólogo Terri Vale de Aquino, conta que foi convidado pelo chefe indígena, Mário Cordeiro de Lima, carinhosamente chamado "Jabuti" por toda a nossa comunidade, para documentar, testemunhar, discutir e animar o pessoal da demarcação, bater fotos do trabalho, escrever cartas e relatórios para as pessoas e entidades que ajudaram com recursos financeiros e apoio político esse acontecimento importante na história de seu povo.

Segundo Aquino, ele passou quarenta dias junto com nosso povo, participando da vida cotidiana, indo aos roçados e colocações de seringa, trabalhando com seu terçadinho lá nos fundos do Seringal, subindo e descendo as terras dos divisores de água, pescando nos igarapés de águas negras e piscosas, tomando cipó nas noites de lua e jogando futebol nos fins de semana (os índios adoram futebol e eu também). Enfim, trabalhando e brincando de índio com os txais da floresta. Fazia tempo que o Mário Jabuti tinha recebido um sonho de demarcar nossa terra junto com toda a sua comunidade. E graças à viagem que fez à Noruega e Inglaterra em maio de 1990, junto com o Macêdo, do Conselho Nacional dos Seringueiros, a liderança tradicional Mário Hawê conseguiu uma pequena ajuda no valor de US\$ 5 mil de um empresário inglês, Fred Mulder, amigo do Príncipe Charles.

Passando pela capital do Acre, Rio Branco, na volta, Hawê, chamou Aquino para ajudá-lo neste trabalho da demarcação. Aquino aceitou o convite prontamente, mesmo porque, segundo ele, ele dá valor aos sonhos. Das várias visitas que o antropólogo Aquino fez ao município de Cruzeiro do Sul, lá ele encontrou todas as lideranças do Vale do Juruá fazendo suas assembleias para escolherem o coordenador da UNI (União das Nações Indígenas) naquele município dos Nawas. A liderança Tradicional Mário Hawê foi escolhido por todos que ali estavam. Ele relata que ficou muito feliz porque agora sabia que a Aliança dos Povos da Floresta ia se consolidar no Vale do Juruá.

Terminada a Assembleia Indígena, e a escolha de Hawê, o BNDES finalmente liberou a primeira parcela do projeto, no valor global de 53 milhões de cruzeiros, que o Mauro Almeida, o Macêdo, o Siã Kaxinawá e Aquino tinham escrito antes de 1990. A primeira parcela, no valor de Cr\$ 10 milhões já tinha sido aplicada. O objetivo principal deste projeto era de fortalecer a Aliança dos Povos da floresta, financiando, a fundo perdido, as safras de borracha dos seringueiros da Reserva Extrativista do Alto Juruá e das Áreas Indígenas circunvizinhas. Enquanto o Macêdo discutia e fazia a aplicação dos recursos do BNDES com os seringueiros, Aquino fazia o mesmo com as lideranças indígenas. Percorreram todas as casas comerciais da cidade, comprando batelões e motores diesel novinhos para as comunidades da floresta. Compraram os instrumentos de trabalho e todas as mercadorias necessárias à vida nos seringais.

Fizeram tudo isso junto, aprendendo a pescar juntos na cidade. Um trabalho que deu muito amor no coração do antropólogo Terri e os indigenistas. Terri lamentou não ter podido subir junto com os indígenas para os altos rios de nossas fronteiras. Mas receberam a visita do Jorge Viana, o governador que muitos sonhavam para o nosso Acre, que foi dar o seu apoio político aos Puyanawa do Barão, que tinham acabado de realizar o sonho do Jabuti. Terri gravou o discurso que Jorge fez para nosso povo Puyanawa, o txai Macêdo também falou bonito apoiando o Jorge e a Frente Popular do Acre e Terri também disse umas palavrinhas lá no fundo do seu sonho acreano. No ano de 1990 fazia sete anos que nós Puyanawa estávamos lutando pela posse da terra e pela demarcação da área Indígena do Seringal Barão do Rio Branco.

Já tínhamos conseguido retirar todos os padrões seringalistas que viviam mandando dentro da nossa terra e todos os seringueiros não-indígenas. Tínhamos dado um passo um passo muito positivo nessa luta, demarcando por conta própria a terra indígena. Todos que participaram da demarcação física e jurídica da nossa terra

orgulham-se do serviço prestado a comunidade. No ano de 2014 tive a oportunidade de entrevistar a liderança tradicional Mario Hawê e esse me contou um pouco como se deu o processo de demarcação da nossa terra. Todos os Puyanawa me contaram esse acontecimento importante na história do nosso povo, que foi a autodemarcação dessa terra. Os limites foram desenhados pelos Puyanawa.

Como mencionei, no ano de 2014, tive a oportunidade de entrevistar a liderança tradicional Mario Cordeiro “**hawê**”, esse me contou um pouco como foi o processo de demarcação da terra indígena Puyanawa. O cacique tradicional considerado por nós Puyanawa, foi escolhido numa reunião que aconteceu numa cantina velha. **Hawê** contou que estavam numa reunião com poucas pessoas para decidirem quem ia guiar os Puyanawa e alguém levantou o dedo e lhe indicou. **Hawê** disse que ficou meio constrangido logo no começo, mas aceitou o desafio de tirar os Puyanawa daquele sofrimento e dominação a que foram submetidos. A herança deixada por Mâncio Lima, foi a quase decadência do nosso povo, pois quando seus herdeiros tiraram quase tudo de nós, resolveram vender nossa terra para um outro patrão chamado Raimundo Zacarias.

Hawê: a primeira pessoa que veio a nossa terra, foi à antropóloga Devair Melati, não sei como, mas ela apareceu aqui e fez um pequeno mapa da nossa terra e levou esse mapa para a FUNAI de Brasília. Já em 1983, chegou o indigenista Antônio Macedo e o antropólogo Terri de Aquino. Em 1977 Macedo e Terri, já trabalhavam na FUNAI e nessa época eles criaram a Comissão Pró-Índio do Acre. Depois de muita conversa e reuniões, eles falaram Mario, **“A Terra é de Vocês, porém esse direito vocês vão ter que ir buscar muito longe”**. Depois fizemos uma reunião com todos os indígenas e o novo patrão Raimundo Zacarias, a parte do Barão ficava fora da demarcação, mas tentei unir as duas aldeias. Fiz minha primeira viagem a Rio Branco no ano de 1983 para conversar com o delegado da FUNAI no dia 23 de novembro de 1983, antes de eu ir, a comunidade se reuniu e fizeram uma vaquinha para me ajudar e pagar minha viagem. Em Rio Branco, conheci um tenente e esse me concedeu a viagem de volta para casa. **Puhku:** e o patrão Raimundo Zacarias? **Hawê:** Ah, esse botou-se a valente, não queria de forma alguma que tomássemos nosso lugar. Desde o início de 1983 que nós vinha pensando sobre a demarcação de nossa área. Ela já tinha sido aprovada duas vezes pelo governo federal, mas até agora não tinha sido demarcada. Nós sabemos que é compromisso do governo a demarcação das áreas indígenas, mas ele não

cumpriu até agora essa obrigação. Nós pensávamos em demarcar por conta própria, mas não tinha recurso para isso. Fizemos três tentativas para demarcar a nossa terra, mas não conseguimos. Na Quarta tentativa, conseguimos, graças a Deus, demarcar a nossa terra. Terminamos a demarcação no dia 19 de julho de 1990. Isso para mim era um sonho, mas graças a Deus este sonho realmente foi agora realizado. Através de nossos parentes como o Ozéas Correia, o Zé Correia, Demar e o Deija, que são os mateiros de nossa comunidade, nós realizamos o sonho da demarcação de nossa terra. Eles foram os companheiros da linha de frente, que enfrentaram esse trabalho muito difícil, mas concluíram a demarcação de nossa área. Estou grato a eles e a todo o nosso povo por esse grande acontecimento. **Puhku:** A demarcação da nossa área foi praticamente por limites naturais? Até onde ia a demarcação da terra? **Hawê:** É isso mesmo. A picada que fizemos nos fundos do nosso Seringal deu 21 km e 680 metros. Concluímos a demarcação com 32 pessoas e levou do dia 30 de junho ao dia 19 de julho. **Puhku:** Hawê, de onde vieram os recursos financeiros para a demarcação da terra? Me contaram que o senhor fez viagens ao exterior para conseguir recurso para demarcação. **Hawê:** O Macêdo, que é do Conselho Nacional dos Seringueiros, recebeu um convite para participar de seminário sobre colheitas da floresta lá em Londres e na Noruega. E ele mandou dizer que só participava desse seminário se levasse uma liderança indígena do Vale do Juruá com ele por causa da Aliança dos Povos da Floresta. Então, ele me convidou para ir com ele e eu aceitei o convite dele para viajarmos juntos. Lá, nos participamos de uma conferência junto com o Príncipe Charles, futuro Rei da Inglaterra. Depois que ele acabou de falar, eu tomei a palavra, deixando uma mensagem muito especial, inclusive falando da necessidade da demarcação de nossa terra. Então, o Macêdo, um companheiro que batalhou muito por nós, falou sobre a situação das Reservas Extrativistas para os seringueiros e demarcação de áreas indígenas para os índios. O Macêdo falou que faltavam recursos para os próprios seringueiros e índios demarcarem as nossas áreas de floresta. Depois dessa conversa, nós fomos almoçar com o Príncipe Charles e fomos muito bem recebidos por ele. Pois bem, lá em Londres a Tanya, da Fundação Gaia, nos apresentou um empresário chamado Fred, que já tinha dado uma ajuda para os Kampa/Ashéninka do Rio Amônea. Com essa ajuda, os Kampa/Asheninka compraram um batelão de 15 toneladas com motor diesel, deixando de derrubar as madeiras de lei no Rio Amônia e tão agora plantando

muito feijão, arroz e todos os legumes. Então o Macêdo deu os agradecimentos por essa ajuda que ele tinha dado para os Kampa e estava servindo muito. Aí, depois, o Macêdo disse para ele assim: "Fred, você quer ouvir 401 risos lá na floresta? Se quer, dá uma ajuda para os Puyanawa demarcar a terra deles". Éramos 400 Puyanawa e hum era eu. Então, o Fred respondeu o seguinte: "E quanto é que vocês precisam para demarcar a terra?". O Macêdo respondeu que só precisava de cinco mil dólares. Ele disse: "Eu dou". Esse dinheiro, ele conseguiu e mandou através do Conselho Nacional dos Seringueiros do Vale do Juruá. Então, foi com esse dinheiro que nós iniciamos e terminamos a demarcação de nossa terra no dia 19 de julho. Realmente, hoje, nós temos a nossa liberdade. Temos a nossa autonomia que antes nós não tínhamos, porque éramos escravizados pelos patrões. Nós éramos sujeitos a eles porque não tinha outro meio. Nós só viemos saber que realmente a área era indígena, era nossa, em 1983, quando txai Terri e o Macêdo trouxeram os documentos e os mapas da terra. Pelo que eu sei agora, a FUNAI identificou a nossa terra em 1977, mas ninguém aqui ficou sabendo de nada. Eu pelo menos não sabia disso. Só viemos saber disso em 1983, quando eles andaram a primeira vez por aqui. Nós tínhamos quatro patrões aqui dentro, que mandavam em tudo. Com os recursos que vocês conseguiram para nós, através da Comissão Pró-Índio do Acre, nós criamos a nossa cooperativa e daí foi possível à retirada dos patrões daqui de dentro. Esses patrões e seringueiros carius¹² que viviam aqui dentro já foram indenizados. Apenas a família Dene não aceitou receber a indenização, porque o valor que a FUNAI queria pagar era baixo. Mas isso é um problema da FUNAI, porque inclusive os Denes (parentes de Mâncio Lima), já não vivem mais na nossa terra. Então, a diferença é muito grande. Hoje 70% dos Puyanawa têm uma rés, uma cabeça de gado, aqui dentro. No tempo do patrão, ninguém tinha nenhuma cabeça. Essas ajudas que recebemos da CPI-Acre foram importantes porque geraram essa liberdade que nós temos hoje. E o que faltava para nós era a demarcação de nossa terra e agora estamos com ela concluída, graças a Deus. Então, essa é a grande diferença que eu acho. No tempo dos patrões, para a gente cortar seringa por aqui, tinha que ter consentimento deles e ainda era obrigado a pagar a renda das estradas de seringa. Pagava renda até das madeiras que a gente tirava para fazer as nossas casas, como eu paguei. Então, hoje, não

¹² Cariu: Homem branco, não-indígena que vivia entre os Puyanawa.

existe mais isso. Hoje, nenhum Puyanawa paga renda de madeira para fazer uma casa para morar. Nenhum Puyanawa paga renda das estradas de seringa que ele ocupa. Nenhum. Então, eu acho que é uma grande vantagem que nós temos hoje. Uma grande diferença. Agora o meu sonho foi realizado.

Um dos velhos da nossa comunidade que participou do processo de demarcação da nossa terra, foi o seu Ozéas Awa. É conhecido como Awa, anta, porque se alegra em falar das inúmeras antas que já matou. Com seus 83 anos de idade, Awa esbanja saúde e uma eufórica alegria em contar sobre sua contribuição que deu para que a nossa terra fosse demarcada. Antes da entrevista com Awa, eu já tinha passado na casa dele para avisar sobre meu trabalho e ele foi muito receptível e disse que estava disposto a me ajudar. Awa foi o mateiro chefe da expedição que foi a mata fazer caminhos para que encontrassem um ponto certo para demarcação da terra.

Awa: Um dia eu estava aqui na minha casa, o Mário chegou pedindo a minha ajuda para que eu conduzisse o restante da turma para fazermos a demarcação da terra. Eu aceitei o convite e disse que estava disposto a ajudar. A demarcação de nossa terra foi tentada três vezes e não foi adiante por falta de apoio financeiro. Só com a ajuda que o Hawê trouxe da Inglaterra que nós realizamos o sonho do nosso cacique. Hawê falou comigo se eu me atrevia a tirar uma picada das cabeceiras do igarapé Maloca às cabeceiras do igarapé Bom Jardim, passando pelas terras do divisor. Eu disse para ele: "Me atrevo". Aí, ele disse para mim quantas pessoas eu precisava para fazer esse pique. Eu disse pra ele: "Hawê, eu só preciso de quatro: o Demar, o Deija, o Zé Correia e o Zezinho cozinheiro". Hawê queria botar muita gente, mas eu disse que para fazer essa pesquisa pelas terras do divisor, eu só precisava de quatro homens. Passamos uma semana na mata com a carga nas costas, dormindo onde anoitecia, não tinha canto nem hora. Com muito sacrifício, subindo e descendo as terras do divisor, e na outra semana, conseguimos terminar os serviços. Fizemos direitinho e com calma, combinando um com o outro e sem teima um com o outro. A gente falava: "Por onde é que nós vamos? Aqui vamos! Aqui não dá. Vamos por ali, que é melhor, pois já cacei por lá". Com essa luta nós conseguimos fazer essa picada das cabeceiras da Maloca para as cabeceiras do igarapé Bom Jardim, sem deixar nenhuma estrada de seringa fora de nossa área. Acho que agora tá todo mundo satisfeito com o nosso trabalho. O Hawê, nosso jabuti, estava satisfeito. Ele era o

mais preocupado com a demarcação de nossa terra. Ele até sonhava com isso. O nosso amigo Macêdo também tinha grande preocupação com isso e sempre dizia: "Pessoal, vocês tem que demarcar a terra de vocês para evitar invasão, pois essa estrada Br-364, quando for asfaltada em direção ao Peru, vai passar perto dos fundos da área de vocês". E, aí, ele mostrava o mapa e avisava: "é melhor cuidar disso com tempo, pois os fundos do seringal estão abertos e podem facilitar a invasão futura da terra de vocês". Esse mesmo aviso, você também falava. Mas, recurso para isso a gente não tinha. Não precisava de muito dinheiro, mas só aquele tanto que desse para trabalhar com calma e comprasse algumas coisas para a gente comer e deixar uma garantia para as nossas famílias. É preciso vontade, boa vontade, e de dinheiro para fazer as coisas. Aí foi o tempo que o Mário fez essa viagem para fora junto com o Macêdo, arranhou esse dinheiro e jogou para cima do povo. Ele disse: "Vamos agora fazer nós mesmos a demarcação de nossa terra?". Nós respondemos na nossa assembleia indígena: "Vamos! Vamos" e vamos. O travessão estava feito aí de uma ponta a outra. Só não via quem era cego. Nós não somos engenheiros da mata, mas conhecemos essas matas desde menino. caçando e cortando seringa aí nesses centros. **Puhku:** Vocês estavam preocupados? **Awa:** A primeira preocupação que nós tínhamos era com a invasão de caçadores e cachorros, que estava havendo. E também com essa Br-364, que ia passar nos fundos de nossa área em direção ao Peru. De acordo com a lei e a nossa vontade, eles iam respeitar esse travessão da demarcação de nossa terra e não iam querer rolar ele, né? Eu acredito que não. Eu achava que eles iam respeitar. Tinha muitos vizinhos morando aos fundos de nossa área. Defendemos nessa demarcação todas as nossas estradas de seringa. Ninguém mexeu nas estradas de outros particulares. Acho que nós fizemos um serviço muito importante que não mexeu com ninguém. Não tem quebra cabeça com ninguém. Eu acho que com esse travessão feito nos fundos de nosso seringal Barão, nós estamos com o direito na mão. Os fundos do Barão são muito ricos em seringa e caça.

Após ouvir Awa, também marquei uma entrevista com o senhor Deija Kuiu e esse me contou um pouco da sua participação na demarcação física da nossa terra. Antes eu tinha passado na casa dele para marcara a entrevista, e como Awa, ele foi receptível ao meu trabalho e disse que estava disposto a cooperar. Porém, fui duas vezes a casa dele com meu gravador e meu caderno, mas a entrevista não estava dando certo porque sempre

havia uma troca de horários. Esse foi um dos embates que encontrei no campo. **Kuiu** é um homem muito trabalhador e ocupado, por isso que nossos encontros não estavam dando certo, mas numa certa tarde eu fui à casa de Kuiu antes do futebol e consegui minha entrevista.

Kuiu: Minha vida se eu for contar não dá nem pra, mas eu vou contar um pouco da história aqui da aldeia. Fui nascido e criado aqui na aldeia. Daqui para onde eu nasci, são oito horas de viagem de pés. Eu nasci aqui para dentro lá perto onde era a maloca verdadeira dos índios. Cresci amadureci mais um pouco, casei, construí família aqui na aldeia. Foi na época em que surgiu aqui o txai Macedo e o txai Terri e através deles é que fomos reconhecer que aqui era uma reserva indígena. Daí começou nossa batalha. Então teve o Mário na época, nós apontamos ele como cacique. Ele viajou para Brasília com outro índio velho que tinha aqui, aí quando vieram de lá é que começou a batalha com os patrões. Os seringalistas que tinham aqui eram, o Zé dos Santos já tinha ido embora, mas ficou o irmão dele o Raimundo Zacarias, aqui os Denes e o Manoel Lopes. Aí começou a batalha, fomos em cima e fomos em baixo, aí vieram os antropólogos para fazerem a pesquisa aqui da aldeia. Primeiro eles mapearam ela todinha por cima, aí depois eles trouxeram pra cá e a gente foi ver. Nós ficamos tentando conseguir a demarcação e isso demorou muito tempo. Até que nós conseguimos fazer a correria na mata. Eu fui um dos tais, um dos cabeça da frente. Eu, Demar, Ozéas e o Zé Corrêa. Fomos percorrer a área todinha pela mata até conseguir nós tirar uma picada nós mesmos nas nossas cabeças mesmo, da cabeceira da Maloca a cabeceira do Bom Jardim. A primeira vez que o engenheiro veio, eu tive uma teima com ele lá nas cabeceiras do igarapé Maloca. Ele tirou o aparelho e puxou o rumo. Eu disse para ele que aquele rumo não dava certo. Ele falou para mim que dava. Puxava o mapa e me mostrava. Ele entendia de mapa e eu não entendia. Na minha vista, não dava certo não, o rumo não era aquele. Ele foi e me respondeu que tinha 15 anos de trabalho como engenheiro agrimensor. Eu tive que responder para ele que, se ele tinha 18 anos de serviços, eu tinha 30 anos de mata. Nasci e me criei nestas matas, desde menino grande comecei a caçar nestas matas dos fundos do nosso seringal. Mas aí tudo bem, aí fiquei na minha. Depois veio outra equipe, mas não deu certo também, depois veio a terceira equipe e tirou a picada certa, nós com ele. Trabalhamos um dia com a orientação do engenheiro e no outro

dia continuamos. O rumo que ele tirou cortou o varadouro central que liga a sede do Barão a todas as nossas colocações. Aí, eu vi que muitas das nossas estradas de seringa e até colocações iam ficar fora dos limites de nossa terra. Como é que a gente ia perder nossa riqueza, que são as nossas estradas de seringa. Aí, eu chamei o Demar, (Hey) o Zé Correia e mandamos ele parar o serviço. Eu dizia que o igarapé Maloca era aquele e ele teimava que não era. Ele confundia o Maloca com o igarapé Generoso. Aí nós mandamos mesmo parar o serviço e mandamos chamar o Mário. O Maurício irmão de Hawê estava junto e disse para o Mário que assim não dava não. Que ele tinha comido 40 mil cruzeiros e não fez nada direito. E ainda queria embolsar mais. O dinheiro não veio para nossa comunidade fazer a demarcação por conta própria? O dinheiro tem que ser aplicado todo aqui dentro da nossa comunidade. Hawê falou que estava certo, que concordava com a gente, que somos os mateiros da comunidade. Aí, o **Awa** garantiu que podia tirar essa picada direito, passando pelas terras dos divisores de água. O **Awa** também garantiu que nós quatro mateiros podíamos dar conta do serviço, que podia dispensar o engenheiro, que só entendia de mapa, mas não entendia de mata. Aí, graças a Deus, fizemos pesquisa nas cabeceiras de todos os igarapés e tudo deu certo. O Palpite de um era o de todos. Eu disse: “**Awa**, o nosso rumo é esse aqui”. Ele concordava. A gente, às vezes, tirava o rumo por tiro de espingarda para emendar os piques das cabeceiras de todos os igarapés de nossa terra. Nosso trabalho foi brabo, pesado, mata bruta, balseiro, cerrado, friagem, chuvas, mas tudo bem. Então, isso foi o que aconteceu dentro de nosso trabalho de demarcação de nossa terra. Nós agora estamos libertos aqui dentro de nosso seringal. Tem tudo o que é nosso sem perturbar ninguém. Eu acho que é um feito importante, não só para nós quatro mateiros, mas para toda a nossa comunidade. Eu quero dar meus parabéns ao **Mário hawê** e aos meus amigos e colegas de serviço pela nossa boa conquista, que nós tivemos com esse nosso trabalho. Quero agradecer também ao Macêdo, a Tanya, o Fred, o Mário Jabuti, que é nosso cacique, e toda a nossa comunidade. Na nossa terra, fora da seringa, tem muitas madeiras de lei aqui na nossa terra. Tem o cedro, o louro, aguano, amarelinho, marfim, cumaru, jacareúba, violeta, jacarandá, murapiranga. Mas, nós não queremos vender essas madeiras, não. Outra riqueza são os nossos roçados, casas, quintais, áreas de pastagens, a nossa criação doméstica de porcos e galinhas. A gente agora cria liberto. Tem muito buritizal, patoá, açai, bacaba. Ainda tem muita

caça aqui dentro. Ainda tem muito veado, porco, caititu, paca, tatu, anta, cotia, macaco, quati, onça e jabuti. Nossos três lagos e igarapés, têm muito peixe de inverno a verão. Tem também muitos remédios da mata aqui dentro da nossa terra. O pessoal aqui gosta de beber shishua¹³ e saracura¹⁴ quando se sente baqueado e cansado. São remédios que usamos para fortalecer nosso corpo e não podemos deixar de usar nossas medicinas.

Todas as entrevistas que marquei com nossos velhos Puyanawa, foram muito proveitosas. Senti nos nervos a emoção de cada um em falar sobre as suas participações no processo de demarcação física e jurídica da nossa terra. O sonho da liderança tradicional Hawê estava concretizado, mas ainda faltava a garantia na lei. Também fui atrás do senhor Zé Corrêa que é irmão de Awa, e ele me contou quase as mesmas coisas que os demais me contaram. Quando fui á casa de Zé Corrêa, algo me chamou atenção, pois sua esposa que é minha tia estava prostrada dentro de uma rede sofrendo com um grave derrame. Após a nossa auto demarcação, precisávamos também demandar serviços de saúde e trabalhos dentro da nossa terra.

O senhor Zé Corrêa também relatou que em uma das vezes que foram à mata trabalhar no processo de demarcação, faltou alimento e alguns chegaram a comer orelha-de pau (cogumelo). Foi muito engraçado quando ele mencionou que o Zezinho que foi também para ser o cozinheiro da turma, dormiu uma vez dentro de buraco de tatu. Todos trabalharam ferozmente para que nossa terra fosse definitivamente demarcada e saíssemos daquele regime o qual fomos obrigados e submetidos. Nossas fronteiras estavam sofrendo muitas invasões de madeireiros, caçadores e até mesmo de peruanos, já que nossa terra faz fronteira com o Peru. Isso era um sério problema, por isso a liderança tradicional sonhava com a demarcação.

¹³ Sishua: Bebida feita de plantas; serve para fortalecer o corpo

¹⁴ Saracura: Bebida feita de raízes; serve para limpar e fortificar o corpo



Foto 6- Liderança Tradicional Mario Hawê, liderança tradicional e membros Puyanawa



Foto 7- Ozéas Awa, indígena de 83 anos, contando sobre o processo de demarcação da terra indígena Puyanawa.

Quando estive entre dezembro de 2015 à março de 2016 na comunidade Puyanawa, procurei coletar o máximo de informações sobre meu povo. Numa tarde fui à casa do cacique tradicional Mario Hawê para colher mais informações sobre a demarcação da nossa terra. Meu objetivo era ouvir mais da boca dele e não coletar apenas o que se já tem escrito sobre nossa história. O cacique tradicional, infelizmente disse que estava fechado naqueles dias para entrevistas, mas disse que eu poderia voltar depois. Infelizmente já estava na véspera de viajar para Brasília. Não nego que fiquei chateado com a resposta de **Hawê**, mas depois entendi seus motivos.

Apenas em 1977, teve início o processo de demarcação da nossa terra indígena Puyanawa, com levantamentos efetuados pela FUNAI, resultado da portaria N° 160/P, 23 de março de 1977. Antes dessa data éramos completamente inviabilizados pelas instituições governamentais e a sociedade envolvente. Não éramos reconhecidos como índios donos de uma língua verdadeira e diferenciados culturalmente. O processo de demarcação foi duro e difícil. Só ficamos ciente que éramos os verdadeiros donos do território em 1983, mas para identificarmos nossa terra, vários episódios levaram a mobilizações, reivindicações, agressões, disputa sobre a posse da nossa terra e também a retomada.

Cerca de 400 hectares da nossa terra que já estava identificada foi vendida para um seringalista chamado Manoel Batista Lopes. Além disso, podemos mencionar as palavras de Poitxo, em que os herdeiros do coronel conseguiram financiamentos advindos do Banco do Brasil e do Banco da Amazônia para investir na área que ainda não estava demarcada, e isso causou grandes desmatamentos para a formação de pastagens, com anuência do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e mão de obra Puyanawa. De fato, continuávamos escravos de tal sistema e em nada os antigos herdeiros do coronel investiam no nosso povo Puyanawa. O antropólogo Terri de Aquino e o indigenista Antônio Macedo enviaram cartaz a Manoel Lopes Batista, comunicando que as áreas adquiridas estavam incluídas em área identificadas pela FUNAI, anexando o mapa que provava as informações. Isso gerou revolta nos herdeiros do coronel do coronel Mâncio Lima, até chegar o ponto em que o antropólogo Terri Valle de Aquino, foi agredido fisicamente por Mâncio Neto, outro herdeiro de Mâncio Lima, em Cruzeiro do Sul, em 10 de outubro de 1983. Depois de muita luta a terra foi auto demarcada pelos próprios membros da comunidade Puyanawa.

Para garantir o direito total e a efetivação dos direitos na terra, nosso povo criou a Associação Agroextrativista do Barão e Ipiranga (AAPBI), nos anos de 1988. Isso foi um fator extremamente relevante porque nos mesmo ano foi promulgada a Constituição do Brasil. A APBI assinou o contato de prestação de serviço junto ao PNDU (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e o PPTAL (Projeto Integrado de Proteção as Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal) para a implementação do “subprojeto de Acompanhamento e de Consolidação da Demarcação Física da **Terra Indígena Puyanawa**”. Este objetivava o fomento de condições para que os Puyanawa e sua Associação acompanhassem e fiscalizassem a demarcação de sua terra, feita por empresa de topografia contratada pela Funai no primeiro semestre de 2000. A Associação ficou responsável, ainda por fixar placas indicativas em pontos das picadas consideradas vulneráveis, para alertar a proibição das invasões de caçadores, pescadores e madeireiros.

O projeto permitiu o fortalecimento institucional da AAPBI. Sua diretoria e as várias equipes de trabalho receberam cursos de contabilidade, secretaria, uso de GPS e registro. Para apoiar os trabalhos da AAPBI foram adquiridos bens materiais permanentes e de consumo para a nova sede na Aldeia Ipiranga, bem como um barco para dar apoio aos trabalhos de demarcação e permitir a vigilância e fiscalização da terra. A Associação divulgou a demarcação em mensagens de rádio, matérias em jornais e visitas a comunidades de agricultores da vizinhança, associações de índios e seringueiros, sindicatos e órgãos de governo com sede em Mâncio Lima e Cruzeiro do Sul. Os Puyanawa exigem, desde a demarcação e homologação da TI, mais compromisso por parte dos órgãos competentes do governo em impelir as invasões e ocupações irregulares que continuam a ocorrer. (Marcelo Piedrafita Iglesias, 2001).

Passamos por longos períodos de opressão e enganação, nossa terra levou muito tempo para ser reconhecida como uma terra indígena. Foram 24 anos de luta antes e depois de 1977, mas nossa terra só foi homologada no dia 30 de abril de 2001. Nossa terra foi auto demarcada e depois demarcada juridicamente. Em conversa com senhor Zé Corrêa, ele lembrou que quando a terra foi demarcada juridicamente, houve uma grande festa na cantina velha, festa essa celebrando a posse da terra. Teve muita caçuma, reguimá¹⁵ e etc... Precisávamos também de um serviço de saúde mais eficaz e competente, para isso fui atrás dos profissionais de saúde de nossas aldeias.

¹⁵ Reguimá: Dança tradicional Puyanawa

Os Primeiros Serviços de Saúde na Terra Puyanawa

Buscando compreender o direito ao território e a saúde entre os Puyanawa das aldeias Barão e Ipiranga, procurei entrevistar Eronilda Cordeiro de Lima Mãdaita. Eronilda é uma técnica de enfermagem muito competente, dedicada e alegre que atende nas aldeias Barão e Ipiranga e foi a primeira profissional indígena de saúde entre nós Puyanawa. Era uma tarde ensolarada e agradável quando cheguei para entrevistá-la e essa já me aguardava ansiosamente. Mas antes eu já tinha conversado com ela e falei que queria fazer uma entrevista e essa me recebeu muito bem. Cheguei à casa de Mãdaita por volta de duas horas da tarde e começamos a entrevista, mas antes expliquei um pouco sobre minha pesquisa e sentei numa cadeira tradicional de cipó, feita pelo esposo de Mãdaita.

Mãdaita: então eu sou Eronilda Cordeiro de Lima Puyanawa Mãdaita. Trabalho a vinte e nove anos aqui na aldeia, e fui contratada no dia 14 de junho de 1986 e pra mim é um prazer. É um prazer muito grande trabalhar com meu povo. Eu sei a linguagem deles, eu sei como falar com eles. Esse negócio de falar palavras científicas, uns conhecem porque tem professores, tem vereador, tem muita gente assim que sabe, mas na hora da minha visita, do meu trabalho, eu só falo no popular mesmo. **Puhku:** No popular? **Mãdaita:** eh, eu sei como é a convivência de cada um. Então assim, desde 1986 que eu trabalho, cada dia mais eu vou aprendendo porque eu não sei de tudo. Cada vez mais eu vou aprendendo com eles. Eu sei do que eles gostam na minha visita, porque todos os meses eu faço 82 visita porque isso é de rotina. Nessa visita eu peso os idosos, eu meço também os idosos, crianças de 0 a 5 anos também, esse é o meu trabalho por mês, todos os meses. Então assim, têm doze pessoas aqui dentro da aldeia que são hipertensos, então todas as minhas visitas de rotina eu volto naquelas pessoas que tem problemas de pressão alta, então eu vou ver como elas estão, se estão tomando os remédios direitinho. Tem uma grávida também, procurei saber se ela está fazendo o pré-natal direitinho, meu trabalho é coletar lâminas também, entrega de remédio de malária também, então esse aí é meu trabalho no dia a dia. Eu gosto muito de trabalhar com esse povo, porque não são aquelas pessoas doente, doente

que vivem no pé do médico. Quando tem um caso mais grave, eu encaminho para o Hospital de Mâncio Lima, e lá eles decidem se vão para o Hospital do Juruá. Eu acompanho essas pessoas, mas contando com a equipe que nós temos também, porque nós temos uma equipe que vem por mês e passam quinze dias aqui e depois ficam de folga, mas voltam no outro mês. Médico, dentista, enfermeiro, técnico de enfermagem, tudo isso a gente tem na aldeia. Eu sou assim mais uma para somar. Sou meio que a cabeça da comunidade, porque a doutora pergunta. Eu trabalho na aldeia Barão e lá no Ipiranga, tem duas agentes, a Eunice e a Ozana. Eu trabalho no Barão com 326 pessoas ao todo, então tem 82 e duas casas, 85 famílias, mas com as 326 pessoas eu não me canso de forma alguma. Eu trabalho mais com prevenção. Tem pessoas que preciso voltar várias vezes na casa porque às vezes não acatam meu pedido. Consegui esse emprego para trabalhar com nós Puyanawa, porque então eu não me dedicar ao meu povo? Esse mês de janeiro eu tô de férias, mas eu fico doidinha porque eu gosto de trabalhar, eu visitando as pessoas me sinto bem. **Puhku:** ouvindo a história das pessoas? **Mãdaita:** isso mesmo, têm muitas pessoas que tem até problemas pessoais, pessoais mesmo. Outro dia eu cheguei em duas casas que estavam com problemas, mas isso faz parte do trabalho. **Puhku:** é bom a senhora tá me citando isso, é bom. **Mãdaita:** justamente. Se a pessoa tá com problema pessoal, porque a gente não ouvir? As grávidas não tem esse negócio de dizer, ah eu vou procurar o Posto de Saúde lá em Mâncio Lima, não tem. Aqui dentro nós temos. Todos os meses nós temos enfermeira, mas agora nós temos que incentiva-las para fazerem o pré-natal, incentivar mesmo. Aqui tem um problema que prefiro não contar, mas já fui na casa dela, a doutora já foi, mas não resolvemos nada. Problemas assim, eu repasso tudo para o cacique, ou seja, ele não fica sem saber e se algum problema acontecer, nós não temos culpa. Eu repassei para o cacique isso que está acontecendo, ele disse então tá bom. Se ela disse que não está, então fazer o que né? Então eu confiei nela. Eu convidei ela, eu disse: olha, te levo no posto ou mando alguém te levar para fazer teus pré-natal se tutes vergonha de fazer por aqui. Ela disse, não, mas eu não estou.

Vagarosamente fui explorando **Mãdaita**, pois eu queria saber mais como era os serviços de saúde entre nós. Perguntei lhe, como que era o sistema de saúde aqui dentro da aldeia? Como que eram as pessoas? Quem era os profissionais de saúde? Conversamos sobre sua presença, como ela se via até chegar em outros pontos, percebi que ela queria falar sobre ela como Puyanawa, na sua comunidade, fazendo seu serviço, deixei ela falar sobre isso para depois entrar em outros assuntos. Eu estava tranquilo, pois eu realmente me senti como um verdadeiro antropólogo fazendo seu trabalho de campo. Sabia que de alguma forma íamos tocar em determinados assuntos, por isso, resolvi ouvir e esperar calmamente e ansiosamente. Continuamos a entrevista.

Mãdaita: Quando comecei, foi uma coisa que eu nunca esperava, fui convidada a fazer um curso e aceitei, porque antes eu morava em Brasília e trabalhava como empregada doméstica, mas eu queria uma coisa melhor, não estou desqualificando o trabalho de uma empregada doméstica, mas não estava feliz com meu trabalho e então vim embora. Então eu tive um convite do cacique Mario Hawê. Hawê disse que eu tinha que ir fazer um curso em Rio Branco e eu ia passar três meses fazendo esse curso pela FUNAI. Quando eu voltei do curso, eu já vinha com meu contrato na mão. Quando eu cheguei aqui, trabalhavam outras pessoas que não eram indígenas, mas essas pessoas não permaneceram e voltaram para Mâncio Lima, mas eu não conheci o trabalho delas. Então não ficou ninguém trabalhando na área da Saúde Indígena, não tinha ninguém, ninguém. Fiquei três meses como se fosse uma experiência, três meses sem receber, mas eu estava ciente que ia trabalhar e receber. Quando eu cheguei, eu achei que muitos não acreditavam no meu trabalho, mas não sei também se era por causa que eles tinham mais convivência com a outra pessoas que não era indígena. A confiança foi sendo criada aos poucos. Hoje em dia, muitos vem me procurar aqui em casa, mesmo a equipe estando aqui, mas aí eu digo: gente primeiro procurem a equipe, mas quando a equipe não está, aí eu atendo. Mas quando a equipe tá dentro da comunidade, é a equipe que tem médico, tem enfermeiro, tem técnico de enfermagem, né, tudo tem na equipe. Mas às pessoas sempre vem aqui me procurar. **Puhku:** Já ganharam aquela confiança? **Mãdaita:** justamente, eu tô dizendo, antes não tinham assim aquela confiança não. E hoje eles tem aquela confiança.

Perguntei a **Mãdaita**. Como é que a senhora encontrou as pessoas aqui? Como é que as pessoas estavam? Muitas doenças? A senhora falou que tem muitos casos de hipertensão, mas são doenças que para o nosso povo não existia e isso vem de toda historicidade, mas eu queria saber como estava os Puyanawa em relação à saúde? Antes do contato, muitos membros do nosso povo tinham um porte físico fora do normal. Mas vejo que nosso povo está em decadência nos anos de idade, pois os Puyanawa não estão mais vivendo tantos anos como antigamente. Nosso povo não conhecia esses alimentos químicos e gordurosos que causam tantas enfermidades e vejo que nosso modo de vida está mudando constantemente.

Mãdaita: ah, às vezes vinha um médico da cidade para cá, mas a doenças do pessoal só era diarreia, verminoses, a comunidade sentou e achava que aquela diarreia era por causa das vermes, porque tinha muitos porcos soltos. Nós fazíamos o quintal ao redor da nossa casa e os porcos ficavam soltos e achávamos que era isso. Combinamos com todos para acabar com os porcos e aqueles que não quisessem, tinham que fazer o cercado bem longe. A melhora foi muito significativa, porque quando o médico vinha, vinham também as carradas de remédio. O médico dizia até assim, mas a doenças desse povo só é verme, a doença do povo aqui só é verme. Eu tive um curso em Rio Branco sobre ervas medicinais, se é de você tomar um remédio lá fora da farmácia, porque você tendo em casa, o vizinho tendo, não lhe custa nada, porque não fazer o remédio pra verme? Isso pode ser até mais eficaz. Mas vejo que as pessoas não estão acreditando mais no remédio caseiro, mas não são todos. Era assim um pessoal saudável, porque esse negócio de pressão alta, hipertensos, **ISSO AÍ NÃO EXISTIA NÃO. Puhku:** esse aí é o ponto que eu quero chegar. **Mãdaita:** diabetes, pressão alta não existia, esse pessoal com DSTs não existia, não existia. De um tempo desses pra cá foi que foi aparecendo, mas não existia. **Puhku:** Vagarosamente mesmo? **Mãdaita:** Vagarosamente e ninguém sabia oque era isso. **Mãdaita:** Eu acho que as coisas vão evoluindo, as pessoas vão começando a sair. Isso já aconteceu num caso aqui dentro, o “cabra” foi trabalhar e depois voltou e aí a mulher disse: **Mãdaita** eu tô assim, assim, assim. No tempo que cheguei, eu percebi que as pessoas gostavam mais do assado do que do frito, torrado, eu percebi. Eles comiam mais com macaxeira do que coisa frita, era o peixe, a carne Tudo assado. **Puhku:** Não existia o pão de manhã cedo? **Mãdaita:** não, aqui era o inhame, era o beiju, era a tapioca

até o peixe mesmo. Depois que começaram essas coisas, porque antigamente não tinha uma pessoa com diabetes, colesterol, não tinha pessoa com pressão alta. Quando tinha alguém tossindo, era feito o “lambedor” bebida feita de erva medicinal, faziam um chá, mas de um tempo pra cá, as pessoas não se preocupam mais de fazer isso. Mamãe é uma pessoa que já foi doente, já teve derrame, mas hoje ela não quer nem saber de comer óleo.

Sobre arroteio e mais arroteio, eu fiquei ouvindo **Mãdaita**, mas eu queria saber um pouco mais sobre o direito a saúde entre nós Puyanawa, mas eu ainda tranquilamente como futuro antropólogo indígena, ouvi ela para chegar ao ponto e ver **Mãdaita** desabafar sobre a carência dos serviços de saúde que existia entre nós Puyanawa. Os Puyanawa viviam muito mais do que estão vivendo agora. Talvez ela estivesse com um pouco de receio sobre a entrevista ou talvez não começamos pelo ponto, mas eu comecei notar que a conversa estava tomando significativos rumos e estava ficando cada vez mais interessante e logo, logo **Mãdaita** ia desabafar.

Mãdaita: Minha avó morou comigo e acho que ela morreu com cento e três anos. **Puhku:** isso no registro? **Mãdaita:** Exatamente, isso no registro, porque quando iam se registrar faziam uma base dos anos. **Puhku:** isso é muito interessante, e esse é meu objetivo, podemos ver que ano passado a finada Chiquinha Morreu tão nova e vejo que a senhora tocou muito bem nessa parte dos novos hábitos alimentares. Vejo que nosso povo não está mais usando cotidianamente o alimento tradicional.

Querendo explorar mais de **Mãdaita**, perguntei sobre sua infância. A senhora quando criança, já tinha algum interesse em trabalhar na saúde? Comecei a armar artifícios para chegar ao ponto, pois **Mãdaita** tinha muito mais a contar por causa de sua vasta e eficaz experiência com nosso povo. Então continuamos a conversa e toquei na infância dela. Quando menos esperei, no meio da conversa ela desabafou e falou fervorosamente como era a situação em relação à saúde de nosso povo. Vi **Mãdaita** falar com um tom mais alto, mas um sentimento de tristeza, mas mais forte ainda um sentimento de superação. Era tudo que eu estava esperando ouvir de Eronilda Mãdaita e essa correspondeu fervorosamente ao sentimento que eu esperava dela.

Mãdaita: já, já porque quando eu era criança eu me compadecei de tantas coisas que cheguei a ver, éramos doze irmãos e não tínhamos uma mesa

para sentar. Mas não passei tantas dificuldades, porém me sentia muito em ver outros parentes não ter os pais e de ver as crianças chorar com fome. Hoje as coisas estão melhores, existem vários tipos de auxílio. **Puhku:** é importante a senhora falar isso, creio que quando a senhora começou a trabalhar, a senhora falou que está com vinte e nove anos. **Mãdaita:** eh, vinte e nove. **Puhku:** vamos voltar a vinte anos atrás, esses auxílios nenhum existiam? **Mãdaita:** não. **Puhku:** não existia maternidade, auxílio doença, nada disso. **Puhku:** creio que os velhos aqui dentro ainda guardavam muitos sentimentos de escravização, dominação e aí teve algum caso que a senhora acompanhou que até hoje mexe com a senhora? **Mãdaita:** os serviços aqui aconteceram através do Macedo, Terri, e o Altino, mas ninguém sabia de nada, achávamos que era um lugar somente de morar e acabou. Não tínhamos noção de nada, nada, pois aqui moravam patrões e pessoas que diziam que eram donos do Barão. Os antropólogos chegaram e disseram que isso aqui era uma terra indígena e que era nossa e que os patrões podiam ser indenizados e iriam embora. Pensávamos que era mentira, mas eles sempre iam e voltavam com mais e mais notícias. Então os patrões tiveram que sair, quase houve um conflito, mas eles saíram. Antigamente as dificuldades aqui eram enormes, não tinha nem Hospital em Mâncio Lima. **Puhku:** Não tinha? **Mãdaita:** Sim, não tinha não. Cansaram de levar gente na rede, para pegar no porto da Colônia, para levar de barco. O barco vinha pra cá, como aconteceu com uma senhora que teve duas crianças, uma ela teve aqui e ficou morrendo e tiveram que embarcar ela aqui nesse porto e levarem ela por água, já pensou numa pessoa grávida parir uma criança e a outra ficou, e ela foi ter a outra em Cruzeiro do Sul. Leva um dia daqui para Cruzeiro do Sul de Barco. As dificuldades aqui eram, muitas, muitas, muitas, porque para vacinar um filho, enchia uma carroça, colocava a corda no pescoço do boi e o boi saía levando porque aqui não existia essas coisas, nem em Mâncio Lima quase não existia. Somos um povo muito unido, porque quando tem alguém doente, todos se preocupam. Uma vez levaram uma mulher grávida na rede, na carreira, os homens correndo e eu ia atrás, eu já estava sem resistência. A lama era terrível. Isso aconteceu muitas e muitas vezes. Hoje graças a Deus, nós temos uma equipe. Temos enfermeiros, técnicos, duas

enfermeiras, quatro técnicos, quando uma não está aqui, a outra está no Rio Môa. Quando se quer fazer um exame, e se for em Cruzeiro do Sul, tem a CASAI, tem o carro que vai deixar lá, tem as pessoas para acompanhar, os técnicos, tem o carro, tem o motorista, e quando chega tem alimentação. Quando é para voltar tem o carro de novo para ir buscar. As pessoas não têm nem a preocupação de marcar os exames.

Fiquei muito feliz de ter entrevistado Eronilda Mãdaita, porque como expliquei desde o início, meu objetivo era de fazer uma pesquisa inédita e diferencial sobre meu povo Puyanawa. Conhecer mais sobre meu povo, ouvir mais dos nossos profissionais de saúde e daqueles que são profissionais das nossas medicinas tradicionais. Fiquei tremendamente assustado quando **Mãdaita** falou que temos muitos casos de obesidade, diabetes e pressão alta dentro da nossa comunidade. A proibição e a quase extinção do meu povo implica negativamente nos dias de hoje na vida de cada um dos Puyanawa. Um dos problemas apontados por **Mãdaita** é o abandono dos alimentos e das nossas medicinas tradicionais, pois eles antes eram as maiores referências para o tratamento de cura do nosso povo. Mãdaita como indígena consegue estabelecer vínculos mais eficientes na comunidade, ter os indígenas ocupando esses espaços é extremamente muito importante, tendo vista a maneira como se posicionam por meio do diálogo e da troca.

Muitos Puyanawa, ainda usam cotidianamente as nossas medicinas tradicionais e orgulham-se de manter viva a cultura nutricional do nosso povo. Mas tudo que foi apontado e mencionado por Eronilda Mãdaita, é um sério problema que deve ser fortemente combatido por um povo com uma cultura ainda tão forte e maravilhosa. No ano de 2010, a comunidade Puyanawa abalou-se profundamente por uma perda terrível, pois presenciamos a morte de uma criança de dez anos. Matheus era uma criança muito dócil e amada por toda a comunidade Puyanawa, mas fazia muito tempo que ele e sua família vinham lutando seriamente contra uma enfermidade desconhecida do nosso povo. Matheus enfrentou a doença com muita disposição e vontade de vencer, pois lembro perfeitamente daquela doce criança descendo uma ladeira abaixo de sua casa para ir tomar banho no igarapé Behkua, igarapé do Barão.

Matheus ia regularmente aos hospitais tratar de sua enfermidade, mas seu quadro agravou-se muito de uma maneira que eu nunca tinha visto e infelizmente no ano de 2010 Matheus veio a falecer deixando a comunidade triste e abalada. Hoje em dia, Matheus é

muito lembrado por todos Puyanawa como uma criança dócil, forte, valente. A obesidade e outras enfermidades, ainda são marcas deixadas pelo período de colonização que passamos. Estamos lutando severamente para que outras pessoas da nossa comunidade não venham falecer por causa dessas enfermidades que nós Puyanawa não conhecemos. Precisamos lutar e exigir do Estado medidas administrativa e políticas para combatermos essas enfermidades.



Foto 8- Mateus, 10 anos de idade, morreu em 2010 de obesidade.

Em pouco tempo, tenho assistido várias mortes de membros da nossa comunidade por essas terríveis doenças. Muitas pessoas da nossa comunidade fazem tratamento fora da aldeia, ou seja, recorrem ao tratamento científico porque as nossas medicinas tradicionais não surtem mais tanto efeito com essas novas patologias. No ano de 2009, recebemos banheiros num projeto do Governo Federal para os povos indígenas, pois nossa comunidade não tinha água tratada e usava água para beber das cacimbas e também para fazer os demais serviços. Muitos viviam doentes com doenças infecciosas, principalmente nossas crianças. Antes os porcos eram soltos e tomavam banhos nos buritis e muitas vezes pulavam dentro das cacimbas, que é um buraco cavado na terra para extrair água.

Mas todas essas enfermidades são fruto da dominação e das sequelas deixadas por Mâncio Lima, pois nosso povo tinha nossos próprios métodos de se tratar e fazer as curas necessárias nos doentes. Nosso povo tinha belos portes físicos e vivíamos muitos anos, mas os Puyanawa não estão vivendo mais tantos anos como antes. Isso é um sério problema a ser combatido por nossa comunidade e pelo Governo. Eu já tinha muita vontade de conhecer o sistema operacional sobre a saúde indígena, mas eu não tinha noção de como se organiza todo esse sistema. Comecei a me envolver mais com esse tema depois que trabalhei num Programa de Iniciação Científica com a Professora Silvia Guimarães. Li muitos artigos relacionados ao conteúdo, mas eu queria mesmo era saber como é a vida de um Puyanawa quando sai da aldeia e vai procurar o tratamento científico e tive a oportunidade de ir as Casas de Saúde Indígena (CASAI)s de Mâncio Lima e Rio Branco com Minha mãe. Nesse local, ficam os pacientes indígenas e seus acompanhantes que estão realizando tratamento em algum hospital ou alguma consulta.

A Observação Participante e a ida as CASAIs de Mâncio Lima e Rio Branco e Entrevistas

Os povos indígenas no Brasil vêm enfrentando um contínuo processo de transformação ao longo do tempo, o que em larga medida é decorrente da interação com a sociedade envolvente não indígena. Essas transformações repercutem em diferentes esferas do universo indígena, dentre as quais podem se destacar as modificações nas estratégias de subsistência, nas formas de ocupação do território, na exploração dos recursos naturais, nas relações políticas travadas no âmbito interno e externo às aldeias e

na inserção no mercado de trabalho regional, com marcantes impactos na maneira como essas sociedades se organizam.

Implantados oficialmente, em 1999, com a responsabilidade de prestar atendimento a toda população aldeada em terras indígenas, o Subsistema de Atenção a Saúde Indígena (SASI) organizou suas unidades de ação segundo a proposta dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DESEI). Estes se caracterizaram como uma rede interconectada de serviços de saúde, capaz de oferecer cuidados de atenção primária à saúde adequada às necessidades aos grupos indígenas. Aos distritos sanitários caberia, portanto, oferecer ações de prevenção de doenças (por exemplo, vacinação e saneamento), cuidados de saúde dirigida a segmentos populacionais específicos tais como o grupo materno-infantil e os idosos. Outras ações possíveis nesses sistemas locais de saúde seriam monitoramento das condições de alimentação e nutrição, bem como da saúde dos ambientes, educação em saúde, remoções de emergência e outros serviços que contribuam para o bem estar dos grupos étnicos atendidos no subsistema (Santos et al., 2008). Quando os problemas de saúde não são resolvidos na comunidade por meio da equipe de saúde local, essas pessoas são deslocadas para a cidade, onde realizam tratamento assim elas seguem do SASI para o Sistema Único de Saúde (SUS). O SASI e o SUS devem estar articulados em uma rede que possa atender os indígenas em sua especificidade. A mobilização indígena para garantir o SASI veio da necessidade de ter o direito à saúde assegurada aos povos indígenas, tendo em vista que após o SUS, nada mudou na vida dos indígenas. A questão, agora, é saber como os indígenas vivenciam esse direito, como é o caso dos Puyanawa.

Sou filho do senhor Jorge Constant e Enedina Rosa da Costa, sou o filho mais novo dos meus quatro irmãos. Durante o período que estive fazendo essa pesquisa com meu povo Puyanawa, sempre estive ouvindo e escutando os mais velhos em entrevistas formais e informais. Não fiz uma entrevista com minha mãe como fiz com os outros, mas me compadecei muito com sua história de vida. Os objetivos deste tópico são descrever como foi minha ida com minha mãe as CASAs de Mâncio Lima e Rio Branco, discutir e como que é executado todo esse processo de atendimento aos povos indígenas e analisar a vida de um Puyanawa quando sai da aldeia e recorre ao tratamento científico que é desenvolvido na cidade e com profissionais de saúde não indígena.

Desde 2012, minha mãe faz um tratamento na capital do Acre, Rio Branco. De seis em seis meses, ela tem que retornar a capital para mostrar seus exames e ser avaliada pelos médicos. Quando cheguei à aldeia, ela me informou que ia fazer esse retorno que seria talvez no mês de janeiro, pois havia quase nove meses que ela estava sem fazer esse retorno e mostrar seus exames. Uma das dificuldades apontada por ela, é a demora que o Polo de Mâncio Lima tem de agendar as consultas. Na lógica dos Distritos Especiais Sanitários Indígenas, polo é o local que concentra a gestão do atendimento em área onde se concentra a equipe multiprofissional que deve se distribuir nos postos indígenas nas comunidades. Eu mesmo presenciei as diversas ligações que minha mãe fez para Rio Branco para agendar a consulta por conta própria, e em muitas situações ela ficou alterada e chegou até a falar grosseiramente com os responsáveis que agendam as consultas em Mâncio Lima.

Depois de várias ligações para o Polo da CASAI em Mâncio Lima e para CASAI de Rio Branco, minha mãe finalmente conseguiu agendar a consulta e me informou que iríamos para a CASAI de Mâncio Lima dia 14/02/2016 e fiquei muito ansioso, pois eu queria conhecer o lugar. Até aquele momento, eu conhecia somente a CASAI de Brasília que é uma instituição diferente das outras CASAIs do Brasil. Saímos da aldeia Barão na data citada acima, às 15h, em uma tarde de domingo. Fomos conduzidos pelo motorista Joaquim que mora na própria aldeia Barão. Quando estávamos próximos de chegar, eu avistei o prédio da CASAI em Mâncio Lima que fica num bairro chamado Guarani, e de longe deu para ver o imenso muro que fecha o lugar e uma guarita mesmo na entrada, ou seja, um sistema de segurança total. Chegamos às 16h.

Logo na entrada fomos fiscalizados pelo segurança que estava na guarita e de lá fomos conduzidos até a sala da coordenação para nos identificarmos. Após a identificação, fiquei olhando a estrutura da CASAI e não nego que aquilo me causou certo incômodo. Fiquei observando os indígenas que ali estavam e a maior parte era de Ashéninka, Kaxinawá, Nukini e alguns Nawá. Enquanto minha mãe ajeitava nossas coisas e providenciava nossas dormidas, sai andando a observar a CASAI e puxar assuntos com alguns indígenas, porém quase todos estavam muito concentrados num lugar parecido com uma oca que fica dentro do terreno da CASAI assistindo um jogo do Vasco x Flamengo. Minha curiosidade aumentava cada vez mais e puxei assunto com o senhor Oliveira da etnia Ashéninka do Rio Breu. Perguntei de onde ele era e o que estava fazendo ali. Oliveira muito tranquilo disse que era do Rio Breu e me chamou para

sentarmos numas cadeiras que ficava em um dos corredores da CASAI. Fui juntamente com o senhor Oliveira, e comecei a notar algumas coisas.

O senhor Oliveira e eu sentamos em algumas cadeiras que há no corredor da CASAI e começamos a conversar. Ele me falou que já estava há mais de três meses em Mâncio Lima, pois tinha ido para fazer uma cirurgia no olho esquerdo e que estava tendo muitas dificuldades para enxergar. Notei uma grande simpatia e alegria no senhor Oliveira, pois esse me falou muito sobre seu povo e como estava sendo passar vários dias fora de casa. A conversa estava sendo muito proveitosa e produtiva, mas chegou o motorista Ivan que ia nos levar para a CASAI de Rio Branco e convidou minha mãe e eu para irmos dormir na casa dele que fica na cidade de Cruzeiro do Sul, pois a dormida estava sendo um problema pela falta de colchões. Ivan explicou que seria melhor porque ficava mais próximo para ele e ele não ia ter que voltar pela madrugada de Cruzeiro do Sul para Mâncio Lima só para pegar eu e minha mãe. Ele era casado com uma Puyanawa e um grande conhecido nosso.

Aceitamos o convite de Ivan, pois esse nos seduziu com uma janta na sua casa que ia ser pato cozido. Na mesmo momento, minha mãe e eu pegamos nossas coisas e embarcamos no carro de Ivan e fomos para a cidade de Cruzeiro do Sul, mas no caminho para casa de Ivan, algo me incomodava e causava curiosidade, pois eu fiquei muito maravilhado em ver tantos parentes reunidos, mas também fiquei sensibilizado com algumas situações que presenciei. Diante disso, surgiram alguns questionamentos, porque aquele lugar tem que ser fechado daquela forma? Porque somos obrigados a adaptar às regras do lugar? Como se sentem os indígenas ali? Qual a versão dos profissionais de saúde que cuidam dos indígenas?

Na proveitosa conversa que tive com o senhor Oliveira, uma das suas reclamações é de que existe uma proibição quase total de saída para os indígenas, a não ser que tenham que fazer alguma coisa em extrema necessidade e fora isso, só acontecem saídas para as consultas, ou seja, os indígenas que estão na CASAI de Mâncio Lima vivem em um isolamento total com a sociedade envolvente. Cursei a disciplina Antropologia da Saúde com a professora Soraya Fleicher. Lembrei-me de Erving Goffman, pois ele usa o termo Instituição Total. Para Goffman, “uma Instituição Total” é um local de residência e trabalho, pessoas separadas da sociedade, levam vida fechada e formalmente administrada. Toda instituição tem tendência de fechamento, algumas mais fechadas e

outras menos. O caráter total é simbolizado pela barreira a relação social com o mundo externo e pelas suas proibições de saída. (1974: pg 17). Foi esse tipo de barreira que encontrei em Mâncio Lima e Rio Branco (Erving Goffman, 1955-1956).

Pela madrugada, cerca de umas 5h: da manhã, minha mãe e eu nos levantamos na casa do motorista Ivan e se preparamos para a longa viagem até Rio Branco. Ivan tinha voltado à CASAI de Mâncio Lima porque tinha recebido uma ligação para ir buscar um indígena da etnia Kaxinawa. Poucos minutos após minha mãe e eu levantarmos, Ivan chegou e, então, saímos rodando Cruzeiro do Sul para pegar mais passageiros, porque algumas pessoas e outros indígenas iam fazer um curso de treinamento em Rio Branco. Depois que a VAN da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) recolheu todos os passageiros, partimos para Rio Branco por volta das 7:00 da manhã.

Após uns quarenta minutos que saímos, paramos no Posto de Saúde da comunidade Katukina do Rio Campinas, que fica cerca de 55 quilômetros de Cruzeiro do Sul, porque a BR 364 que faz a ligação entre Cruzeiro do Sul e Rio Branco, passa por dentro da terra indígena Katukina, que se dividiu em cinco aldeias. Ficamos esperando dentro da VAN, e embarcamos uma mulher com seu filho de dois anos e o irmão dela. Ouvi claramente uma enfermeira que estava no Posto de Saúde dizer ao entregar algumas coisas para os Katukina: “Isso é tudo que podemos fazer e boa viagem”. Ou seja, ela entregou algumas águas minerais e alguns iogurtes para eles. Iniciamos novamente a viagem, depois de mais ou menos umas duas horas, algumas pessoas começaram a vomitar dentro da VAN, inclusive minha mãe. O motorista Ivan parou um pouco para que os que estivessem tendo enjoos vomitassem e ficassem melhor para a jornada, pois a situação da estrada era muito ruim.

Fiz várias viagens à capital do Acre Rio Branco, mas ainda não tinha visto a estrada numa situação tão complicada como aquela. Eram muitos buracos na estrada e fiquei muito preocupado com o trecho e com minha mãe, pois eu sabia que aguentava a viagem, por ser mais novo e ter mais força física. Eu olhava para minha mãe e essa se mostrava muito inquieta com o calor, pois a VAN da SESAI já era adaptada para não abrir as janelas e o ar condicionado dentro dela mal funcionava e sem falar na própria VAN, pois esse transporte não tinha o mínimo de suporte adequado para transportar pacientes indígenas em uma viagem tão longa. Os bancos da VAN eram inclinados para a frente e eram duros, não tinham almofadas como outros transportes e não tinha como

descansar ou dormir nos bancos. Isso estava me incomodando, pois de Cruzeiro do Sul a Rio Branco, é uma viagem de aproximadamente 700 quilômetros, e eu temia minha mãe sofrer muito durante a viagem.

Na viagem, eu bem que tentei tirar um cochilo, mas de repente eu me acordava achando que a VAN ia virar ou bater em outros, os quais que passavam pela BR 364 porque esses passavam bem próximo do nosso transporte, a estrada apresentava situações terríveis no tráfego. Fiquei prestando atenção na criança Katukina, ela não chorava em nenhum momento, e chegamos próximo ao município de Feijó por volta das duas horas da tarde e o motorista Ivan disse que íamos parar para almoçar. Descemos em um desses restaurantes a beira de estrada e fomos almoçar, lá no restaurante havia muitos caminhoneiros almoçando. Sentamos em uma mesa no restaurante e pedimos a comida, mas antes minha mãe falou que os Katukina tinham ficado dentro da VAN, pois eles não tinham dinheiro para almoçar. Minha mãe e eu ficamos muito comovidos com a situação deles, eu desci na estrada e fui chama-los para almoçar.

Eles disseram que não tinham dinheiro, então falei que minha mãe e eu íamos pagar o almoço deles. Eles ficaram muito felizes e foram almoçar conosco. Eles estavam com fome, o irmão da mulher se chama Erivaldo, tem 24 anos. Conversei muito com ele, que me disse que constantemente vai a Rio Branco com sua esposa, mas dessa vez a esposa dele já estava lá internada em um hospital com uma doença no pescoço. Pensei comigo mesmo, se ele vai constantemente à Rio Branco, será que todas as vezes que ele vai, ele não leva nenhum dinheiro e passa o dia todo sem comer? Aquela questão ficou me martelando por vários dias, mas depois de almoçarmos, retornamos a VAN e reiniciamos nosso percurso rumo à Rio Branco. Aqui e acolá, o motorista Ivan parava o veículo para irmos ao banheiro ou até mesmo para lanchar, não nego que aquilo me causava uma certa agonia, pois eu queria mesmo era chegar em Rio Branco e conhecer a tão famosa CASAI.

Passamos por vários municípios do Acre, como Tarauacá, Feijó, Senador Guimard, Sena Madureira entre outros. Por volta das 19:30, chegamos à Rio Branco, mas ainda não foi um alívio porque vagorosamente o motorista Ivan saiu deixando as pessoas da VAN em alguns lugares para depois irmos a CASAI. Também, chegar em Rio Branco, não significava que estávamos próximo à CASAI. Eu estava cada vez mais angustiado porque meu celular estava sem crédito e eu tinha que ligar para o antropólogo

Marcelo Piedrafita para marcarmos uma entrevista. Eu também estava louco para poder tomar um bom banho. O motorista Ivan me informou que a CASAI tinha mudado de lugar e que ficava em outro bairro mais distante da antiga CASAI.

Depois de rodar por vários lugares de Rio Branco deixando alguns passageiros, chegamos á CASAI, e novamente fiquei assustado com o tamanho do muro que cercava aquela instituição e na entrada também tinha uma guarita parecida com à CASAI de Mâncio Lima, mas tinha mais guardas. Seguimos o mesmo procedimento para identificação e a assistente técnica em enfermagem perguntou-nos se tínhamos levado rede, porque havia apenas colchões e cortinados, mas não tinha onde armar os cortinados e isso era um sério problema. Na entrada da sala da coordenação havia uma criança que minha mãe falou que já estava há vários meses na CASAI e notei que aquela criança estava muito doente, aliás, na entrada, a aparência adoecida de muitos indígenas.

Depois da identificação, minha mãe eu fomos para o quarto e nesse quarto tinha cerca de uns vinte e cinco indígenas todos da etnia Kaxinawa incluindo homens, mulheres, adolescentes crianças e bebês de colo. Notei que a maior presença por lá eram os Kaxinawas, pois estes estavam em grande número nos quartos da CASAI. Eu estava louco para tomar banho, mas uma das surpresas que tive foi à falta de água, pois naquele momento não tinha água nos chuveiros. Minha mãe me chamou para irmos até a cozinha atrás de comida, eu fui, mas já tinha acabado a hora da janta porque chegamos cerca de uma 20h:30 na CASAI. Eles avisaram que, 21h tinha a “merenda.” Mesmo assim nos deram uma janta, que eram em pequenos marmitex.

Depois de jantar, minha mãe foi à coordenação pedir para que eles dessem um jeito para poder ligar a água, e cerca de meia hora depois a água começou a funcionar novamente. Fui tomar banho e notei que existiam apenas dois chuveiros para todos que estavam naquele quarto e também era apenas um banheiro de uso. Fiquei horrorizado quando minha mãe me falou que todos usavam aqueles dois chuveiros e somente aquele banheiro. Minha mãe me disse para tomar banho rápido porque a água era um problema na CASAI e costumava faltar muito rápido. Após o banho fui a um salão que fica na frente da cozinha, pois vários indígenas estavam assistindo televisão lá e eu queria me aproximar mais dos parentes e conhecer o sistema operacional da CASAI. Meu celular virou algo exótico para alguns indígenas que ali estavam e também continuei conversando com o parente Erivaldo Katukina e alguns indígenas da etnia Apurinã do Amazonas, no qual

esses me convidaram para tomar o rapé deles. Aproveitei para me descontraír um pouco e brincar com as crianças que ali estavam, pois fiquei impressionado com duas crianças albinas da etnia Kaxinawa. Por volta das 23:30, fui para o quarto dormir.

Ao chegar no quarto, minha mãe já estava deitada e alguns indígenas também. Eu estava muito cansado e queria dormir, mas notei que os problemas estavam apenas começando. Era um quarto de mais ou menos 10 metros de comprimento por 8 de largura, e havia poucos ventiladores. Nesse quarto, como em todos os outros, dormem mulheres, homens e crianças. Deitei me em um colchão próximo de minha mãe e tentei dormir. O calor era insuportável, depois de alguns minutos deitado, eu fui ao banheiro novamente para tomar banho. Outro grande problema que notei, foi a forte presença de pernilongos, pois passei a noite inteira matando pernilongos e tentando me abanar.

Foi uma noite terrível, pois peguei no sono apenas pela madrugada por volta das 5:00 da manhã. Levantei cedo porque minha mãe e eu fomos pedir aos coordenadores que nos liberassem para irmos ao centro de Rio Branco comprar algumas coisas. Num primeiro momento, eles não quiseram nos deixar sair, mas depois de muita insistência conseguimos ser liberados. Coordenadores colocaram várias condições para nos deixar sair. Fomos ao centro, compramos algumas coisas e voltamos à CASAI por volta de 12:h. Aproveitei para conhecer mais o lugar, conversar com os parentes que ali estavam e também dormir um pouco.

Eu nem almocei nesse dia, pois estava muito cansado e com muito sono. Quando achei que ia dormir bem, me senti incomodado por muitas moscas que sentavam sobre mim e me mordiam, mas mesmo assim, consegui dormi um pouco em meio à quentura. Minha mãe estava conversando sempre com os parentes que ali estavam, pois desde 2012 ela faz essa viagem para Rio Branco e ela já conhece quase todos indígenas que ali estavam, porque muitos já estão há um bom tempo fazendo tratamento e morando na CASAI de Rio Branco.

Antes de ir ao centro de Rio Branco com minha mãe, eu fui tomar banho, mas tinha faltado água novamente e tive que tomar banho no centro da CASAI, onde há uma caixa d'água mesmo no centro da instituição. Depois que dormi um pouco, levantei e tomei um banho e me dirigi até a sala da coordenação para falar que era estudante da Universidade de Brasília, que estava acompanhando minha mãe e além do acompanhamento, eu estava fazendo uma pesquisa sobre meu povo Puyanawa e também

queria conhecer como era executado o atendimento de saúde indígena na CASAI de Rio Branco e com os Puyanawa. Fui muito bem recebido pelos funcionários que ali estavam, inclusive pelo gerente de enfermagem na CASAI de Rio Branco, o enfermeiro João Paulo Barreto de Lima, 31 anos.

O enfermeiro João Paulo Barreto e outros atendentes ficaram maravilhados quando falei que era estudante da Universidade de Brasília, no curso Ciências Sociais/Antropologia e disse que estava disposto a me conceder uma entrevista, mas que naquela tarde não podia porque tinha muita coisa para fazer e ir a uma reunião. Mas estava disponível na quarta feira a partir das 15h. Aproveitei também para conversar com um estudante do curso de enfermagem da Universidade Federal do Acre que ali estava. Depois disso, fui conhecer e caminhar sai pela CASAI, e mexendo no meu celular, fui atrás do parente Erivaldo Katukina para conversar, mas esse já tinha ido ao hospital visitar sua esposa.

Então, fui observar o espaço da CASAI, e contei quatorze ar condicionados em várias salas, mas nas salas que os indígenas dormem não tem nenhum ar condicionado. A falta de ventilação e o calor intenso tornam as noites insuportáveis e, onde estavam os indígenas não haviam ar condicionado. O banheiro também era um problema, havia somente uma privada semelhante a que os presos usam nas penitenciárias e não dava descarga. Quem usasse, tinha que jogar água depois. Sem falar no bebedouro que ficava no salão da cozinha, pois não gelava água e a água caia os poucos da torneira.

Eu estava seriamente preocupado com minha mãe, a consulta dela ia ser na quarta feira as 14h, e ela tinha me informado que o motorista Ivan ia para Cruzeiro do Sul na quinta pela madrugada e se o exame não acusasse nada, poderíamos pegar uma carona de volta. Então, na quarta feira enquanto minha mãe fosse na consulta mostrar seu exame, eu ia fazer minha esperada entrevista com o enfermeiro João Barreto. Minha preocupação ver minha mãe dormindo com aquelas condições, com pernilongos e o terrível calor, pensei que minha mãe fosse se sentir mal, mas ainda bem que ela conseguiu uma cama mesmo embaixo de um dos poucos ventiladores.

Ainda circulando pela CASAI, me senti um semi-presos, pois não podia sair, e tive que ficar muitas vezes sentado em alguns bancos vendo o tempo passar e esperar chegar a hora das refeições. Várias vezes eu fui ao portão de acesso na entrada e saída e fiquei lá vendo as pessoas, carros e motos que ali pela frente passavam. Comprei sorvete para mim

e a criança albina Kaxinawa, de alguns vendedores ficavam vendendo na frente do portão. Nos dois dias que fiquei na CASAI, o portão ficava aberto, porém não podíamos sair porque sempre tinha um guarda vigiando. Na terça-feira à noite tive sérios problemas para dormir, os pernilongos não paravam de me picar e a quentura estava insuportável, além do mais, tinha faltado água. Fiquei tão aperreado, peguei meu colchão e coloquei mesmo na frente da porta do quarto, mas não teve jeito, os pernilongos não paravam de picar. Então passei a noite naquele sofrimento.

Pelo menos eu estava conformado em saber que minha mãe não estava passando por aquela situação. Até que enfim, a manhã de quarta-feira chegou, pude descansar melhor, mesmo as moscas me incomodando. Dormi bastante e depois fui almoçar, e me preparar para fazer minha entrevista enquanto minha mãe fosse para a consulta. As 14h, peguei meu caderno de campo, meu celular, meu gravador e fui para a sala da coordenação esperar o enfermeiro João Barreto. O enfermeiro demorou uns vinte minutos para chegar e enquanto isso, eu fiquei sentado numa cadeira da coordenação próximo a porta e fiquei observando os indígenas. O enfermeiro João Barreto chegou me convidou para outra sala dentro da coordenação e começamos a entrevista.

Purku: Boa tarde, éh então trabalhando sobre o sistema indigenista de saúde, eu gostaria de conhecer um pouco mais como é que se procede esse sistema. Eu sou da etnia Puyanawa das Aldeias Barão e Ipiranga. Moro na Aldeia Barão, e a minha mãe sempre faz esse tratamento, sempre vem aqui a CASAI de Rio Branco. Eu gostaria de saber um pouco mais, de conhecer qual é o papel dessa CASAI? Já que nós temos um Posto de Saúde dentro da nossa comunidade, temos um carro utilizado, um carro da SESAI, temos um motorista que nos leva lá para o Polo do município de Mâncio Lima e aí depois outro carro nos pegou e nos trouxe até aqui, a referência maior. Qual o papel da CASAI aqui de Rio Branco? **Barreto:** Lá na tua aldeia, na aldeia da sua mãe, tem um Posto de Saúde dentro da Aldeia? **Purku:** dentro da aldeia. **Barreto:** e o acesso é por via terrestre? **Purku:** por via terrestre. **Barreto:** Huumm muito bom. O nosso fluxograma com relação a saúde indígena, ela começa primeiramente nos Polos, os Polos são as referências de cada grupo de etnias indígenas por área, por região é dividido. No caso do Estado do Acre aqui de onde você é natural, nós temos aqui um Distrito Sanitário que no Brasil tem 35 Distritos que são

chamados DSEIs, né. **Puhku:** Hummrumm. **Barreto:** Distrito Sanitário Especial Indígena, e esses Distritos, eles tem o foco maior de trabalho é com os pacientes, com os indígenas que ficam na base, ou seja, os aldeados. Esses são os indígenas que nós trabalhamos. São os indígenas aldeados. Cada Polo, cada região ou micro-região que é dividida, ou Estado, tem um Polo base, onde tem dependendo dá quantidade de aldeias ou de famílias que residem na região que é distribuída.



Foto 9: enfermeiro João Barreto na CASAI de Rio Branco

É distribuída a quantidade de equipe por área. Aqui em Rio Branco, são duas equipes, cada Polo tem duas equipes. Dois enfermeiros com seus técnicos de enfermagem, dois médicos, dois dentistas e os motoristas. São os que vão para dentro da área. Dentro da aldeia, vão trabalhar e só trabalham com os programas da atenção básica. Todos os programas que você conhece, não importam, não é um programa só dos indígenas, é dos brancos também. O mesmo programa que é aplicado aqui na cidade num Posto de Saúde é o mesmo que a gente utiliza dentro das aldeias. Nós trabalhamos apenas com a atenção primária. Quando o Polo, médico ou enfermeira recebe um paciente que está um pouco mais debilitado, que assistência lá dentro da área não vai surtir muito efeito no tratamento e melhora desse paciente, eles referenciam do Polo para CASAI. São encaminhados esse pacientes, alguns já vem já, com encaminhamento direto para o Posto de Saúde, aliás para o Pronto-Socorro e a CASAI recebe aqui, encaminha e faz esse acompanhamento. A CASAI é uma casa de passagem, onde acolhemos o paciente para ele realizar o tratamento especializado. Já na CASAI, nós trabalhamos com média e alta complexidade. Éh onde levamos o paciente para um tratamento diretamente com o especialista, dependendo da sua patologia. Já nos Polos, já é a baixa complexidade, já o médico dentro de área, pode tratar diarreia né, uma infecção, é dependendo da infecção que seja né, uma infecção urinária, uma gripe. **Purku:** Tem acompanhamento? **Barreto:** tem acompanhamento. Cada Polo tem seus agentes de saúde que são indígenas. São treinados e capacitados para estarem lá dentro atuando. Quando eles são contratados, eles recebem um treinamento, uma capacitação básica. Eles não estão lá para ser um técnico e nem um enfermeiro. Eles tem apenas uma capacitação básica para eles avaliarem, não ter um olhar clínico da situação do paciente. Ele tem todo um amparo, mas isso varia de Polo. O agente de saúde tem um amparo para levar o paciente para a cidade, para levar para o Polo, apresentar o paciente, vamos supor, nos temos um paciente aqui doente, ele tá apresentando eh pico febril, ele já está há quatro dias com febre e não melhora, aí o enfermeiro do Polo acolhe e leva para o Hospital dentro do município lá onde tem um Polo. Há mais o agente de saúde que faz isso, não, não é só ele. As equipes entram em

área e passam até vinte, trinta dias. Antigamente eram trinta dias, hoje é vinte né? **Puhku:** Ah lá da minha comunidade passa quinze dias. **Barreto:** Quinze dias né, mas o ideal é vinte dias. O certo é dezoito dias trabalhando e dois dias para você montar a produção e entregar, certo? Mas o correto é vinte dias. Quando essa equipe passa nessa área, ela visitou esse paciente, ela vai passando de uma aldeia para outra e continuando todo trabalho que é o Pré-Natal, saúde da mulher, saúde do homem, PCCU que é o preventivo e assim vai. Aí quando essa equipe passa por aquela aldeia e já atendeu todo mundo, a equipe já está na última aldeia e terminou todas as suas atividades, ela retorna para a cidade. Aí surge esse exemplo que te dei: o camarada adoeceu, uma criança, um adulto, a equipe já passou ou então a equipe não passou na aldeia porque ela está na outra aldeia lá mais abaixo ou mais acima, nos estamos aguardando passar, mas se você ver o agente de saúde tem um olhar clínico, tem uma capacitação para uma assistência melhor, ele pega coloca na sua canoa com seu motorzinho, o Polo tem por obrigação de dá o combustível para o agente de saúde trabalhar, mas isso em região que o acesso é por água. **Puhku:** por água né. **Barreto:** No caso de vocês, da sua região e da sua família, eu não sei como é lá. Deve ser por rádio, o carro vai lá ou? **Puhku:** Não, lá tem carro, o carro já fica lá. **Barreto:** então muito bom, vocês já tem um carro que fica dentro da área né? É maravilhoso desse jeito. **Puhku:** os motoristas já são da aldeia mesmo, moram dentro da aldeia. **Barreto:** Já são moradores de lá mesmo né? **Puhku:** moradores de lá. **Barreto:** habilitados né? **Puhku:** habilitados. Nesse caso que você falou, é muito importante por conta que hoje em dia nos temos duas pessoas já com técnico de enfermagem já, e mais eu acho que tem alguns já se formando, então não são só aqueles assim, já tem um curso mais preparatório como técnico de enfermagem né. **Barreto:** Mas alguns ainda são contratados com agentes de saúde? **Puhku:** sim. **Barreto:** isso é bom, isso é bom porque pelo menos é um conhecimento a mais que ele tem. **Puhku:** isso. **Barreto:** cada Polo fica um responsável e o enfermeiro que é o responsável dos Polos. Sempre fica um enfermeiro responsável por cada Polo. Uma das diretrizes quando foi criado a SESAI, no final de 2011, nas suas diretrizes com relação a quem ia administrar ou coordenar os Polos distribuídos para a saúde

indígena, seriam exclusivamente enfermeiros. Não necessariamente só enfermeiros, nós temos Polos que tem os administradores do quadro antigo da antiga FUNASA que hoje são funcionários da SESAI, mas são funcionários antigos do quadro né. Esses são profissionais, colegas antigos que já tem muitos anos de experiência na área. Nós temos aqui o Polo de Assis Brasil que não é um enfermeiro que é o chefe do Polo, é um funcionário do quadro bem antigo. Ele é formado em outra área que eu não sei qual é a formação dele. Nós temos Santa Rosa do Purus que por enquanto não tem um enfermeiro lá chefiando o Polo, mas é uma bióloga que está lá, que já trabalha também a muito tempo. Manoel Urbano também não é um enfermeiro que chefia o Polo, é o senhor Adrião, não sei se você conhece? **Puhku:** não, não. **Barreto:** Pelo regimento da SESAI quando foi criado em 2011, é o enfermeiro que é o chefe do Polo. Na parte administrativa dos Polos, tanto o enfermeiro, é ele que corresponde e quando não é o enfermeiro nesses três Polos que eu disse para você que é outros colegas que estão administrando o Polo, mas é o enfermeiro que decide a questão da saúde do paciente. Esses outros colegas é a parte mais burocrática. **Puhku:** Quantos Polos existem no Acre? **Barreto:** Aqui nos temos o Polo, Sena Madureira, Santa Rosa do Purus, Mâncio Lima, faz parte do Juruá esse aí né? **Puhku:** sim. **Barreto:** é outro Distrito, não é nosso Distrito. Nós prestamos assistência para Cruzeiro do Sul, Porto Valter, todos são Distritos lá do Juruá. **Puhku:** O de Cruzeiro do Sul, hoje está inativo né? **Barreto:** não, eles mandam paciente para cá, devido não terem os especialistas que tem aqui em Rio Branco. Então nós recebemos os pacientes por especialidades.

Algumas especialidades que não tenha lá no município de Cruzeiro do Sul, aí eles mandam para cá. Aí aqui o nosso Distrito que é o ARP nós temos Santa Rosa, Manoel Urbano, Sena Madureira, Feijó, Boca do Acre, Pauini que é do Amazonas, mas eles são atendidos pela gente, tem também Extrema que é de Rondônia, Tarauacá, Assis Brasil e Jordão, esses são os Polos que trabalhamos aqui. Nosso cargo chefe é a vacina nos Polos. A atenção básica é realizada pelo Polo, é tudo feito lá. Do Polo, a referência deles, quando algum paciente está precisando de algum tratamento

diferenciado que não pode ser dado dentro da aldeia, aí ele é mandado para o município e aí ele vai para os Hospitais do município. Ele não vai ser só encaminhado e deixado lá no Hospital do município não, ele vai ser acompanhado pela equipe do Polo. A equipe do Polo vai ficar fazendo o acompanhamento desse paciente no Hospital do município. Se houver necessidade ou um agravante no quadro clínico do paciente e o médico do município vê que lá não dá para resolver o caso, o paciente precisa de um especialista, ele encaminha esse paciente. Todos os Polos ficam no interior, então esses pacientes são encaminhados para a capital e no caso já vai ser um Hospital. **Puhku:** mais qualificado? **Barreto:** isso, já vai ser um Hospital de alta complexidade já na capital que são o Pronto-Socorro. Aqui em Rio Branco nossa referência é o Hospital Estadual de Rio Branco,(HERB), então aqui já é alta complexidade. O paciente quando vem do município referenciado para a capital, é porque o quadro clínico dele não está bom. **Puhku:** não está bom. **Barreto:** ele está mal e então ele é encaminhado direto para capital para unidade de referência que é o Pronto-Socorro, e nós só temos um aqui em Rio Branco que é o HERB. Ele chega aqui em Rio Branco, ele vem por via terrestre que é por carro, ou via aérea que é por avião. Os únicos Polos que nos trabalhamos nos DSEI aqui do Alto Rio Purus que trabalham com frete aéreo é Santa Rosa e Pauini. **Puhku:** Todos eles vem de avião? **Barreto:** isso, porque não tem acesso por estrada e pelo rio é um século para chegar. Então esses dois aqui só por avião. Os demais Polos todos dá para vir por terra, aí já vem pelo SAMU do município que tem ambulância já trás para cá para capital e já vai direto para unidade de referência de alta complexidade. Depois que o paciente faz o tratamento na unidade de alta complexidade e o quadro clínico melhorou, apresentou melhoras, ele recebe alta. Porém ele deve continuar o tratamento medicamentoso e com retorno. Geralmente os médicos passam de 7 a 30 dias para o paciente retornar para dar uma avaliada para ver se realmente o paciente tá curado da enfermidade que ele veio referenciado para cá. Quando eles saem, eles vão para onde? Eles não vão ficar na rua, porque eles não vão ter casas aqui em Rio Branco. **Puhku:** não têm parentes aqui. **Barreto:** muitos não tem familiares aqui ne, eles vem para CASAI, que é a Casa de Apoio de Saúde Indígena. **Puhku:** agora

aí tirou minha dúvida que eu tanto tinha, como era que funcionava todo esse sistema. **Barreto:** aí vem para CASAI, aqui na CASAI que é uma Casa de Apoio, ele vai receber aqui, o acolhimento, vai receber o alojamento, cama ou rede. O paciente ainda escolhe, tem paciente que não dorme, não é acostumado a dormir em cama, então ele tem a rede. Nós fornecemos roupa de cama, toalha para banho, cortinado, tudo a gente fornece aqui, sabão, creme dental, isso eles recebem aqui. Eles ficam dentro da CASAI, geralmente eles vem com acompanhante e recebem seis refeições por dia que é o café, o lanche, almoço, lanche, janta e ceia, seis refeições por dia. Enquanto o paciente está dentro da CASAI, vamos supor que o médico pediu que ele retornasse com sete a dez dias e ele trouxe para a gente aqui a solicitação de retorno para o médico e a receita médica, a prescrição do medicamento. Aqui nós temos a farmácia na Casai, nós temos a farmacêutica que entregamos a receita para ela. Quando o técnico trás o paciente e a receita se o técnico já tiver pego a medicação lá no Posto aonde, lá na unidade onde o paciente estava internado e trás pra gente, trás só a receita, para farmacêutica, ela vai providenciar o medicamento, agente abre o prontuário igualmente no Hospital. A enfermagem aqui funciona vinte e quatro horas a gente abre o prontuário do paciente e vamos ficando dando a medicação certinha pra ele até o prazo que o médico deu de sete dias de tratamento para ele. Acabou, leva de novo no médico, o médico dá uma avaliada. Aqui também nós temos uma nutricionista que faz o acompanhamento nutricional desse paciente que é de dieta, o acompanhamento do peso. Nós temos também uma fisioterapeuta que geralmente aqui nossos casos que vem de pacientes mais distantes é que são pacientes ortopédicos. Caem, se machucam trabalhando na roça né, ou acontecem algum acidente dentro de casa, na casa deles na aldeia, aí chega aqui com uma fratura no braço, uma perna. **Puhku:** mordida de cobra? **Barreto:** também, se for um animal peçonhento que nem uma pica de jacaré, que se não matar, ela aleija né. Então dentro da CASAI, ele tem todo esse amparo, ele tem o amparo da enfermagem que fica acompanhando ele vinte e quatro horas. Qualquer intercorrência que acontecer com esse paciente, se ele tiver sentindo alguma dor ou se queixando que a medicação não está surtindo efeito, a gente já leva o paciente imediatamente. Nós

temos carro, temos o motorista aqui fora para levar o paciente novamente para o médico e conversar com o médico. Aqui nós temos alguns casos de pacientes com CA né, alguns até com tratamento paliativo, tratamento paliativo deixa eu te explicar rapinho. É aquele caso que não tem prognóstico de melhora, ele não vai ficar bom, ele tá liberado do Hospital para ele morrer com a família. Então o paciente, ele vem com medicações do Hospital para dor e fica aqui na CASAI amparado até a família assinar um termo para levar embora para aldeia, mas enquanto esse paciente fica aqui dentro, a gente tá dando todo um amparo para ele e a medicação se não tiver surtindo efeito, a gente retorna para o médico de novo. Então o nosso papel aqui, CASAI, é uma casa de passagem no caso. O paciente passa por todo esse processo aí, Polo, Hospital do município, capital, Pronto-Socorro. Do Pronto-Socorro, ele recebe alta, ele é encaminhado pelo médico que atendeu ele para um especialista, eles vem pra cá, para Casa de Apoio, ele vai continuar o tratamento de remédio aqui na casa. Se o agendamento dele, a solicitação do médico que atendeu ele lá na emergência encaminhou o paciente vamos supor que veio com fortes dores gástricas. O médico atendeu ele lá, passou medicação para aliviar a dor, só que não é especialidade do médico trabalhar com gástrico. Ele encaminha o paciente para um especialista, para um gástrico. Aqui na CASAI nós temos uma sala que chama Serviços Externos que é responsável pelos agendamentos e consultas dos pacientes. O Serviço Externo liga pra lá, para o Polo, para o chefe do Polo e diz, olha manda para mim o paciente tal que a consulta dele já saiu para o dia X e aí o Polo vai atrás desse paciente, pega esse paciente e manda para gente. Ele chega aqui geralmente um dia antes da consulta. No dia seguinte no horário da consulta dele, tem um técnico que vai levar ele na consulta, é assim que funciona. Temos o arquivo aqui dentro, o arquivo é o prontuário de todos os pacientes que já foram atendidos pela CASAI. Então é assim que funciona nosso fluxograma na saúde indígena, tudo começa na base, Polo.

Puhku: agora já para finalizar, porque eu já peguei mais ou menos como funciona, eu queria saber assim como é que vocês lidam? Porque vem muitos pacientes para cá que morrem, como é que vocês lidam com essas perdas aqui? Vocês criam vínculos de amizade com esses pacientes.

Barreto: Olha, isso daí é a parte emocional, não tem como a gente dizer que ninguém se apega, porque a gente se apega sim. A gente se abala sempre. Inclusive agora nos mês de janeiro, nos tivemos um perca de uma princesinha, a Maria Clara. Era uma criança cardiopata com varizes no esôfago. Uma criança de três anos né, muito fofa, muito animada. Ela parecia uma sapequinha, corria a CASAI toda aqui. Entrava aqui na sala, brincava com todo mundo e de Boca do Acre ela. Passou mal, estava tentando vir para cá na ambulância da SAMU, mas no meio da viagem, ela faleceu. Isso foi um choque para a equipe, inclusive para mim, que eu pegava ela no braço e andava para cima e para baixo com ela. E aqui nos temos crianças também que fazem tratamento de leucemia. Então aqui, a atenção e o carinho e para todos, porque aqui nós estamos cuidando de vida e desejamos que essas pessoas saiam daqui curadas ou em melhores condições de saúde que é para retornarem para suas famílias.

As Casas de Saúde Indígena são uma especificidade do subsistema de saúde indígena, pois esse tipo de unidade não é adotado no SUS como um todo. Sua principal atribuição é o apoio ao paciente indígena em trânsito, para exames ou tratamento, substituindo o suporte familiar ou social com eu os indígenas não contam quando se deslocam para o espaço urbano. Esse perfil de atuação caracteriza a CASA de Saúde do Índio como um modelo misto de albergue e centro de atendimento aos casos de doença. Autores como Coimbra et al. (2006), Coimbra, Garnelo e Santos (2007), Santos et al. (2008), Garnelo e Brandão (2003), Vianna (2006), Weiss e Zancheletta (2006), Garnelo, Macedo e Brandão (2003) e Erthal (2003) realizaram avaliações parciais do funcionamento do subsistema, a partir de análises situacionais de alguns dos distritos sanitários especiais indígenas. Nessas publicações, surge de modo corrente a informação de que o atendimento à população aldeada é descontínuo e de baixa qualidade técnica, que há elevada rotatividade e/ou falta de profissionais para realizar o atendimento, ao lado da escassez de materiais e equipamentos necessários ao desenvolvimento das ações de saúde. Os autores também assinalam a descontinuidade no fluxo de recursos financeiros repassados para os DESEI, além de problemas logísticos que dificultam o deslocamento dos profissionais para atuar com regularidade nas aldeias.

Esse conjunto de condições precárias tem prejudicado o alcance de bons níveis de resolução dos problemas de saúde nas próprias aldeias. Mesmo limitados, os dados

disponíveis demonstram que a qualidade no atendimento prestado nos DSEI é insatisfatória, e que agravos à saúde que poderiam ser resolvidos nas aldeias e polos-base continuam sendo encaminhados para as cidades. Essas remoções superlotam as Casas de Saúde Indígena e oneram desnecessariamente as famílias indígenas com remoções que interrompem suas rotinas de subsistência. Os autores são unânimes em registrar a persistência de elevados níveis de mortalidade infantil, de doenças transmissíveis e outros agravos ligados à má qualidade das condições de vida das famílias indígenas, os quais tendem a piorar devido à falta de intervenção precoce das equipes de saúde (Escobar et al., 2003; Garnelo e Brandão, 2003; Coimbra Jr. et al., 2006; Cardoso, Coimbra Jr. e Tavares, 2010). As unidades de referência que ofertam tratamento especializado nas cidades também oferecem serviços de baixa qualidade, têm longas filas de espera para obtenção de tratamento e uma recusa sub-reptícia de tratar o doente indígena, o que dificulta a obtenção de consultas, internações e exames nesses estabelecimentos.

Meu objetivo da entrevista com o enfermeiro João Paulo Barreto, era conhecer como é feito todo o procedimento e o sistema operacional em relação à saúde indígena. É óbvio que tudo que foi citado até aqui, minha mãe e outros indígenas da minha etnia são “contemplados” com essa política de saúde indígena. Na aldeia Barão nós temos um Posto de Saúde para atender as aldeias Barão e Ipiranga. Temos profissionais de saúde indígena como Eronilda Mãdailta, Francinete Souza, Ozana e Eunice que são as agentes da aldeia Ipiranga. Dentro da comunidade também temos os dois motoristas Sandro Cordeiro e Joaquim, além de termos o carro dentro da própria comunidade. Temos também duas pessoas que trabalham furando dedo em casos de malária. Temos dois agentes que trabalham no controle da água, o que conhecemos como Agentes Indígenas de Saneamento Básico (AISAN). Mesmo assim quando vivemos, por exemplo, essa experiência de estar na CASAI, há uma situação de controle sobre nós e condições muito precárias no cotidiano de estar aqui, não somos tratados com dignidade.



Fotos 10: CASAI de Rio Branco Acre. Hora da merenda das 9:00 da manhã



Foto 11: Cozinheiras servindo o lanche das 3:00 da tarde

Depois da entrevista com o Enfermeiro João Paulo Barreto de Alencar, eu sai para ir ao quarto que estava com minha mãe e minha mãe já estava lá e me falou que o exame não tinha acusado nada. Fiquei tremendamente feliz. Minha mãe Enedina, já sofreu muito na vida igual a todos os Puyanawa. Ela me relatou que quando era criança, dormia em

cima de palhas de buritis, passava a semana apenas com uma muda de roupa. A necessidade na época era enorme. Ela relatou que sofreu muito com sua irmã mais nova. Passavam o dia pelo mundo pedindo um pouquinho aqui, um pouquinho acolá, e muitas vezes não conseguiam nada. Ela e sua irmã dormiam sem nenhuma proteção e os morcegos chupavam seus sangues.

Minha falecida avó, teve que ir trabalhar em Cruzeiro do Sul para poder ganhar algum dinheiro para comprar alguma coisa para minha mãe e sua irmã. Minha mãe contou que um morcego chupou a cabeça de minha tia e essa pegou bichos na cabeça, “larvas” e foi muita luta para poder tirar os bichos e sarar aquela enfermidade. Não fiz uma entrevista direta com minha mãe, mas me emocionei muito com sua história de vida. Éramos reféns do poder severo e cruel de um coronel e seus herdeiros. E como deveria ser a vida das mulheres indígenas. Porém analiso que ainda somos reféns, mas de outros poderes, poderes esses que são implantados sem consultar os povos indígenas, o povo Puyanawa muitas vezes não tem a oportunidade e o direito de ter voz na tomada de decisão. Conquistamos direitos e ainda somos violentados ao usufruir desses direitos.

Minha ida às CASAIs de Mâncio Lima e Rio Branco, foi muito significativa, porque percebi que ainda somos cativos e oprimidos por muitas políticas de Estado. Não é nada fácil trabalhar com povos indígenas, a CASAI ao meu ver, ainda falta muito para atingir um nível mais ideal. Mas não culpo os profissionais de saúde que atuam lá, pois vi que esses também são muito ocupados com muitas demandas da instituição e fazem o possível para atender todos que ali estão. Na segunda noite que estive na CASAI de Rio Branco, dois indígenas fugiram e não voltaram, então a segurança e os coordenadores dizem que aquele muro é para evitar as fugas e até mesmo o contato porque tem muita gente doente. Esses são os estigmas que nos marcam, não sabemos nos cuidar, não sabemos tomar decisões e, no contexto de saúde, somos doentes e passíveis de contaminar os não-indígenas. Quando os indígenas fogem, alguns vão pedir ajuda na rua, se prostituem, roubam e muitas vezes, a Polícia Federal já foi buscar indígenas bêbados que estavam causando bagunça. Qual é o nosso espaço na cidade, onde estamos, onde vivemos, podemos estar em todos os lugares. Há muita coisa a ser feita pelos povos originários dessa terra, que não tem saúde de qualidade e que são obrigados a submeter a um modo de vida que não é o seu. A CASAI representa apenas uma instituição que somos obrigados a nos submetermos as suas regras.

Depois de receber a notícia que o exame da minha mãe não tinha acusado nada, nos preparamos para a longa viagem até Mâncio Lima o qual faço questão de contar a viagem de volta. Minha mãe e eu levantamos por volta das 5h da manhã porque o motorista Ivan tinha avisado que neste horário ele ia estar na CASAI para pegar os passageiros, então já tínhamos arrumado nossas coisas e eu estava querendo muito voltar. Alguns indígenas também já tinha se preparado para a viagem, mas antes, Ivan foi até a coordenação solicitar pelo menos um suco com bolacha para que alguns indígenas comessem na viagem. Fiquei assustado quando vi um bebê de dois meses junto com sua mãe, porque eles também iam fazer a viagem. O suco com bolacha foi cedido pela coordenação da CASAI, entramos na VAN e iniciamos a viagem de volta.

Pela manhã, a viagem foi até boa, mas a partir das onze horas, os problemas começaram a aparecer. A mãe do bebê kaxinawa só tinha levado uma fralda descartável e o bebê tinha urinado na fralda. A quentura estava quase insuportável dentro da VAN. Descemos em alguns pontos para lanchar e os Kaxinawa ficavam dentro da VAN, pois notei o mesmo problema deles em relação aos Katuquinas. A mãe do bebê e o tio dela que ia junto, não tinham levado nenhum dinheiro. Mesmo com a fralda cheia de urina, o bebê dormia sobre os bancos da VAN e aquilo me causou comoção e infelizmente não podíamos fazer quase nada. Em alguns momentos eu jogava um pouco de água mineral sobre o bebê e também dava alguns assopros para ver se afastava um pouco da quentura. pouco podíamos fazer porque de uma cidade para outra é muito longe e demorava horas para chegar às cidades mais próximas, até que chegamos no município de Tarauacá e minha mãe pediu para que o motorista Ivan parasse para podermos comprar água e também comprar fralda descartável para o bebê Kaxinawa. Depois de comprarmos água e a fralda, reiniciamos a viagem de volta.

Novamente passamos por várias cidades e chegamos à Cruzeiro do Sul por volta das 19h30 da noite porque estava chovendo muito forte. Passamos quase uma hora rodando pela cidade deixando passageiros e só depois chegamos à CASAI de Mâncio Lima por volta das 21h. Na CASAI de Mâncio Lima, notei mais problemas, fui usar o banheiro e não tinha água. Minha mãe pediu para que ligassem a água e depois de meia hora, a água voltou. Eu estava sentindo muito frio e fortes dores de cabeça. Tive problemas para dormir por causa do frio e pedi para desligarem o ar condicionado. Levantei da cama, fui tomar um calmante e encontrei o senhor Oliveira nos corredores.

Mesmo me sentindo mal, eu parei um pouco para conversar com o senhor Oliveira. Ele disse que estava ansioso porque na quarta ia sair da CASAI, ia aproveitar a carona de um amigo. Antes de eu ir para o quarto, a enfermeira fez um indígena levantar da cama para eu poder me deitar, não tinha cama para todos e não sei onde ele foi dormir. A coordenação alega que as camas são apenas para o enfermo e o acompanhante, mas vários indígenas quando vão para as CASAIs levam a família toda e isso gera um sério problema. Só aceitei a cama porque infelizmente eu não estava bem e precisava descansar. Eu tinha quase certeza que estava com malária por causa dos sintomas.

Confesso que estava exausto da viagem, meu corpo tremia com frio, eu estava meio fraco, pensei que era malária por causa das terríveis noites que passei em Rio Branco. Furei o dedo, mas não deu malária, descobri depois que tinha sido por causa da viagem e das noites que passei sem dormir na CASAI de Rio Branco. Após passar a noite sofrendo com frio e dor de cabeça, eu levantei cedo e arrumei minhas coisas juntamente com minha mãe para voltarmos para casa. Já tínhamos avisado um primo para vim nos encontrar. Na saída, encontrei novamente o senhor Oliveira, conversamos um pouco, mas meu primo tinha acabado de chegar. Notei que na minha saída, vários indígenas foram ao portão e ficaram olhando, pareciam detentos querendo sair. Olhei com um olhar sentimental, me despedi e fui embora com minha mãe. Chegando à Aldeia, me preparei para a entrevista com o pajé.

Entrevista com o Pajé Puwê

Um dos passos mais importantes e mais esperado da minha pesquisa, por mim na minha comunidade Puyanawa, era a tão esperada entrevista com o pajé José Luís Puwê. Durante o período em que estive fazendo essa pesquisa com meu povo nas Aldeias Barão e Ipiranga, sempre estive frequentando a casa do pajé. Esse sempre se mostrou receptível e generoso a minha presença. O pajé Puwê é formado em biologia pela Universidade Federal do Acre, é o presidente da associação indígena Puyanawa e além de ser professor de Ciências Biológicas na escola de Ensino Fundamental e Médio Itxubãý Rabuy. É muito respeitado pela comunidade porque é uma das lideranças mais forte, e também atua diretamente nos rituais e festas tradicionais do nosso povo.

Eu fui várias vezes a casa de Puwê, mas minha intenção era de ouvir mais um pouco o pajé para depois solicitar uma entrevista com ele. Dessas várias vezes que fui á

casa do pajé, eu bebi muita caiçuma, tomei nosso tradicional e famoso rapé inúmeras vezes, jogando futebol no campo da Aldeia Ipiranga e tomando banho no Igarapé. Sempre estive ouvindo nossas e histórias e compartilhando as minhas histórias e da pesquisa que estava fazendo com meu povo. Em uma das vezes que fui à casa do pajé Puwê, estava presente a coordenadora Regional da Coordenação Alto Purus, Maria Evanizia que também é Puyanawa. Maria Evanizia, pajé Puwê, Rocileide Vari esposa do pajé, e eu tivemos um produtivo diálogo sobre nosso povo e aproveitei no final da conversa para solicitar a entrevista a Puwê.

Ele disse que ia me conceder a entrevista e disse para mim passar lá numa quarta feira. Então fui à casa do pajé novamente para marcar a entrevista, mas esse dia foi mais que só um dia, pois estava presente na nossa comunidade um gringo Alemão que queria conhecer um pouco da nossa cultura. O alemão Frank Kie, me pediu para ser seu tradutor, pois ele não falava português muito bem e conversamos em inglês. A nossa conversa foi muito produtiva e notei que Frank estava fascinado por nossa história. A temperatura do corpo de Frank começou a aumentar e ele estava sentindo muitos calafrios e disse que não estava bem. Imediatamente o pajé Puwê serviu um pouco de banha de arraia com mel de abelha jandaíra para Frank. Após servir uma das medicinas tradicionais do nosso povo, o pajé disse para mim passar na sua casa no sábado para irmos a Dimãñã êwê Yubabu, floresta casa de todo nós, para realizarmos nossa entrevista.

No sábado, preparei meu material para nada sair errado, pois eu sabia que aquela seria uma entrevista diferente das outras. A comunidade estava em movimento, estava acontecendo um campeonato de futebol na Aldeia Barão e tinha uma grande movimentação de pessoas por lá. Fiquei na beira do campo assistindo alguns jogos, mas de vez em quando eu olhava para o relógio, pois eu não queria me atrasar. Chamei um câmera para me ajudar, e esse foi muito satisfeito. Faltando 20 minutos para as 16h da tarde, fui com o meu câmera Kaxi, morcego, a casa do pajé Puwê. O pajé já nós aguardava e nos ofereceu um delicioso açaí. Enquanto eu estava tomando açaí, o pajé foi se pintar para irmos fazer nossa entrevista. Terminei de tomar o açaí e fomos para a Dimãñã êwê yubabu, floresta casa de todos nós.

Quando chegamos a dimãñã êwê yubabu, o tempo estava mudando, parecia que ia descer uma grande chuva. Peguei meu material de pesquisa e comecei me arrumar e também me pintar, e coloquei meus adornos Puyanawa. Enquanto isso, o pajé estava

fumando seu cachimbo. Mas o melhor ainda estava por vim, pois já estava tudo pronto para iniciarmos nossa entrevista, aí o pajé me ofereceu um pequeno copo de ayawaska e disse que aquilo ia ser melhor para nossa entrevista. Tomei a ayawaska, pegamos duas cadeiras e colocamos na frente da Takanisse, casa dos rituais Xamânicos, e começamos a fascinante entrevista.

Purku: Txãw iki Iura Kaya, Txai Puwê, Boa tarde, pajé Puwê. **Puwê:** Txãw iki.

Puhku: hoje eu estou encerrando um dos passos sobre o estudo da cultura Puyanawa, nos auto reconhecemos como Puyavakêvu. Puyanawa é nosso nome de registro e hoje é um dia muito importante, por conta que na frente da nossa Takanisse, casa dos rituais xamânicos, na dimãñã êwê yubabu, floresta casa de todos nós. Eu vou conversar, entrevistar o txai Puwê. O txai Puwê é uma das lideranças do nosso povo, sempre está á frente do reconhecimento da cultura e do fortalecimento do resgate da cultura Puyanawa. E txai, eu queria conhecer um pouco mais da tua história, da tua história de vida, do teu cotidiano e eu queria que você falasse um pouco disso, falar um pouco do sistema atual dos Puyanawa, desse sistema jurídico, político e social do povo Puyanawa, e a palavra é contigo txai. **Puwê:** Então, Txãw iki, eu me chamo José Luís, na língua me chamo de Puwê. Um nome que minha tia Railda Mãdaita, ela me deu esse nome, que tem significado de um anjo que viesse do céu para a terra e um pouco do trabalho hoje que viemos desenvolvendo nesses últimos quinze anos atrás. Quando a gente estudava na comunidade esse mundo cultural, espiritual do povo, vimos que tínhamos esquecido diversas coisas que são importantes para uma comunidade, para um povo. Uma cultura que hoje nós estamos morando aqui na fronteira do Brasil com o Peru, e nessa terra indígena Puyanawa, no município de Mâncio Lima, onde estamos habitando em um local que não é propriamente o local de origem do nosso povo. Nosso povo vivia daqui a setenta quilômetros, então nós viemos pra cá trago pelo coronel Mâncio Lima através de seus capangas e nós conseguimos durante todos esses anos, aproximadamente centro e trinta e cinco anos atrás. Então isso veio de uma quinta geração, então nós hoje estamos vivenciando uma quinta geração que já reiniciamos um trabalho através de intercâmbio com outros povos indígenas, como por exemplo: Asheninka, Yawanawa, vários povos indígenas, porque no Acre hoje nós temos quatorze povos de etnia diferente, com língua e cultura diferente. Mas mesmo assim, hoje

sentimos a felicidade de vivenciar esse momento, esse momento de que a nossa vida só tem sentido se realmente a gente valorizar as coisas que a gente pertence. A nossa cultura, nossa espiritualidade, nossas medicinas, nossas coisas belas que nós temos que Deus deixou. Então hoje aqui eu quero compartilhar esse trabalho a várias outras pessoas do nosso Estado e propriamente do nosso país. Eu propriamente digo assim, não somos só nós, não somos um povo, somos jovens que estamos aqui lutando pelo nosso direito de viver. Assim que Deus ordenou a esses anjos, a esses mensageiros, a viverem numa natureza onde a gente olha e vê tanta coisa bonita. Hoje estamos aqui na frente de uma identificação do nosso povo, da nossa maloca, dos nossos ancestrais que nós chamamos de UTA, UTAXÃBÁ, “Maloca Puyanawa”. E hoje estamos aprendendo ainda né, eu tenho trinta e seis anos de idade, já estou vivenciando dentro desse mundo cultural, espiritual do povo, já há quinze anos atrás. E eu me sinto muito feliz de estar colaborando com as coisas que eu pertencço a um povo, que eu pertencço a uma etnia. Um único povo hoje do Estado do Acre que reside nesse cantinho do País na região Norte, aqui no Alto Juruá no município de Mâncio Lima, mas hoje nós somos chamados de Puyavakêvu. Nosso nome não é Puyanawa, porque tem um significado tem um porque, porque coronel não sabia falar esse nome, então tem diversas outras coisas que atrapalhava a linguagem e foi registrado hoje como Puyanawa, mas mesmo assim gente gosta porque temos herdado um respeito das nossas tias, dos nossos tios, da nossa família indígena. Puyavakêvu que hoje nós chamamos de Puyanawa. E Puyanawa significa gente do sapo, então esse também é um significado do nosso povo. Então nessa nossa geração hoje, estamos dizendo que a nossa vida só é bela se tivermos uma história, então essa história nós estamos divulgando essa história que é para podemos ficar mais fortalecidos, pra começarmos poder estar estudando a riqueza e a beleza da origem que a gente hoje é.

O pajé Puwê iniciou a entrevista com muita energia e disposição, mas logo depois de uns vinte minutos tivemos que dar uma parada. Aguardamos a chuva parar um pouco para iniciarmos a entrevista novamente. A chuva parou, mas desde o início eu sabia que aquela tarde era diferente das demais. Logo depois que a chuva parou, no céu se fez presente um arco-íris que eu não pude descrever aquela maravilha de fenômeno natural. Parecia que ele tinha vindo para iluminar mais ainda a nossa entrevista.

Aproveitamos para tirar várias fotos, pois não podíamos perder a oportunidade de fazer parte de um momento tão radiante como aquele. Ficamos totalmente fascinados e presos aquele fenômeno e aquela tarde. Iniciamos a entrevista.



Foto 13- Admiração do Arco íris na arquibancada da Dimãã êwê Yubabu, Floresta Casa de todos nós.

Puwê: Então passamos por um processo de vida nesse povo de muito sofrimento desde os nossos antepassados, então hoje estamos vivenciando uma história e essa história, estamos vendo aqui aprendendo e vendo uma beleza que a natureza é. Não é qualquer momento, não é qualquer dia que estamos falando da nossa vida, da nossa história, trovões que aparecem e que parecem um arco íris no céu como se estivesse nos clareando. Através de pesquisa na comunidade, tinha muita coisa que estávamos esquecendo de praticar como por exemplo a nossa fala êa, êa udiki, ãwi udiki Puyavakêvu, duku day dimãã yubabu, duku day, dawa uay butsa, duku day utaxâba butsa Puyavakêvu. Então, eu tô dizendo a nossa maloca bonita, a nossa floresta bonita, nosso arco íris bonito. Então começamos a perceber e transmitir essa energia para os demais da comunidade verem o quanto a gente estava deixando de aprender e praticando propriamente outras coisas como missões religiosas e outras coisas mais que hoje tem no mundo. Então através dessas pesquisas, nos avançamos no mundo espiritual do povo, nos avançamos

esse mundo cultural do povo. Nós conseguimos vivenciar esse sonho de ser mais índio, de ser uma coisa, aquilo que a gente gosta de ser. Ter as nossas pinturas, ter os nossos adornos, nossos artesanatos, as nossas tintas, propriamente estávamos esquecendo disso. Então hoje eu me sinto muito feliz de estar vivenciando isso e transmitir para os demais amigos e companheiros. Estamos aqui hoje nesse pedaço de mundo, mas que tem um significado muito importante para nós e que estamos e fazendo parte dessa vida e que hoje estamos lutando pela sobrevivência humana. A gente interagir o conhecimento junto com o tradicional para ver a importância de estar construindo cada coisa. Hoje vivemos numa comunidade de 622 pessoas com duas comunidades, a Aldeia Barão e a Aldeia Ipiranga, mas que somos uma família ao mesmo tempo Você é meu primo, sua mãe já fazia parte da minha avó. A sua avó já era irmã da minha avó e então a gente é uma família. Até hoje onde estamos, passamos por vários sofrimentos de dificuldade de vida. Então hoje nos pertencemos a um povo, que temos uma cultura, que temos a nossa fala, que hoje nos temos as nossas pinturas, que hoje nos temos nossos adornos, que hoje nos temos um trabalho e que hoje nós temos uma terra que estamos cuidando para todos. Quero agradecer em nome do nosso povo de agradecer essa oportunidade de estar aqui das nossas lideranças, do nosso cacique, das nossas famílias, dos nossos tios, das nossas tias, dos nossos primos, do nosso povo em geral que adquiriu esse conhecimento de hoje estarmos lutando numa bandeira de viver hoje nessa terra. Por exemplo, a gente canta uma música que foi recebida e temos essa música como símbolo de vida. É uma música que foi recebida por uma mulher, por uma rainha da comunidade. Então a gente canta, êa tâdaiki puya puya vakêvu, êa tâdaiki Puya puya vakêvu, êa tâdaiki quer dizer, vamos aprender e Puyavakêvu é o nosso nome original. Então quero dizer que a implementação das vivências desse trabalho hoje, é a gente ter para oferecer, para receber e para podermos ensinar e aprender. Quero dizer que estamos vivendo nesse território com muita sabedoria e cada um que chegar aqui, vai nos encontrar aqui nessa natureza tão bela que foi uma luta de nossos antepassados. **Puhku:** txai, esse trabalho hoje, está muito magnífico, muito maravilhoso, esse novo resgate, essa verdadeira busca da nossa identidade, mas a partir de que momento você recebeu o chamado para conduzir nosso povo como pajé? **Puwê:** então, estávamos estudando um momento na comunidade de que uma força espiritual dizia para nós e no mesmo tempo eu conseguia ouvir essa mensagem que a gente tinha que se prepara porque

íamos passar por uma dificuldade muito forte. Foi uma decisão na vida de junto trabalhar com os jovens da comunidade e também obter e ter a confiança das lideranças do povo. Então começamos a trabalhar praticamente no ano de 2003. De 2003 para cá, nos conseguimos avançar esse trabalho porque no passado, na época da auto demarcação, em 1970, 1973, 1974, na época que vieram os auto pajés para demarcarem nossa terra, então eles também trouxeram essa energia. A partir de 2000 que foi a demarcação da terra pra cá, 2001 passou, 2002 passou e quando foi em 2003, eu já consegui fazer vários intercâmbios em outras comunidades, como por exemplo, a minha primeira viagem de intercâmbio, eu tive nos Kaxinawa, no município de Thaumaturgo no Rio Breu. Então voltando para nossa comunidade, eu via que faltava algo para se identificarmos nesse mundo espiritual porque o nosso povo já não queria mais se pintar, já não queria mais praticar suas danças. Todo mundo era simplesmente como uma fantasia. Tinha os idosos, tinha os sábios, mas ninguém queria mais saber, porque era o mundo religioso que aplicava a maioria das coisas, de atividade na comunidade. Então, eu tive que enfrentar sogro, eu tive que enfrentar cunhado, eu tive que enfrentar várias pessoas, mas ainda bem que eu tinha o apoio da minha família. Foi muito forte para mim, mas aí eu consegui puxar a filha do cacique mais nova, que hoje é minha esposa a Vari, sol. E a gente conseguiu agregar conhecimento. A partir de 2003, eu já fazia esse pedido para o asheninka que se chama Benki. O governo do Estado deu um incentivo muito grande para criar uma olímpiada na comunidade indígena Puyanawa. Então a partir desse momento veio se agregando conhecimento e valores. Então a partir de 2010, veio essa onda de conhecimento em que a nossa liderança tinha que se decidir ao que ele poderia ser. Foi um momento em que ele decidiu e foi também um momento muito forte na comunidade. Em 2007, nos recebemos um conhecimento que esse conhecimento veio para firmar a nossa segurança, cultural e espiritual do povo. Essa espiritualidade veio de duku ewa heda, que foi da lagarta que tem a borboleta que sofre a metamorfose. Então porque é que somos tão forte até os dias de hoje? Há cento e trinta e poucos anos atrás, nos estamos resistindo e fazendo essa comunidade brilhar cada vez mais. Então de 2010 para cá, recebemos uma turbulência na comunidade, das meninas que receberam uma energia de não sabermos que energia era essa, mas era a energia dos nossos ancestrais dizendo que a gente tinha que valorizar nossa cultura, nossa identidade. Foi um momento

em que nossa liderança hoje, o Joel se decidiu na vida de vim para o trabalho, de lutar junto pela cultura do povo. Então foi um momento de aprendizagem para nosso povo e para nós propriamente. Então hoje, na nossa comunidade nos conseguimos o conhecimento de intercambiar a caiçuma, o rapé, de trazer, de pesquisar essa ciência propriamente do povo. Então hoje, nós estamos aí dizendo e continuo a dizer que nós temos cultura, que nós temos uma espiritualidade, que nós temos valores e que hoje o nosso povo está se sentindo muito feliz porque foi como se déssemos a volta por cima perante todas as dificuldades que encontramos. Quero dizer que não foi propriamente eu, foi o nosso povo. As músicas são do nosso povo, as canções, as pinturas, a espiritualidade, é do nosso povo. **Puhku:** isso tudo é muito importante, isso tudo é muito valioso e uma coisa que eu andei pesquisando, é sobre nosso rurô/xiruê, rapé, e nós pegamos esse pozinho e adaptamos ele para o que tomamos no nosso raxpiwã, raxpi sutu, então podemos falar que o rapé, é tradicional do nosso povo? **Puwê:** sim, sim. Então mediante todas essas pesquisas que fizemos, o rapé era usado como se fosse, e que ainda é, uma proteção. Você usa o rapé para tirar algum cansaço, para tirar algum vírus de gripe, porque hoje o mundo está muito contaminado, e ele também tem um espírito, porque o espírito dele vem do tabaco. A medicina do tabaco também são curandeiros. Nessa nossa geração, nos criamos uma adaptação de colocar uma erva, uma cinza, uma árvore. Ele vem trazer mais brilho para gente porque nós não estamos trabalhando só com cura, mas para gente também protegemos nosso corpo e nosso espírito. Infelizmente no Brasil inteiro, ele está sendo usado de forma descontrolada, mas isso é falta de conhecimento. Tem rapé de medicina, tem rapé para dor de cabeça, tem rapé para sinusite, tem rapé para tomar na força da ayawaska, **Purku:** no banho. **Puwê:** tem rapé para tomar antes do banho e depois do banho, mas assim, o rapé era feito só com tabaco, mas hoje estamos em uma nova geração. Dizia para nós o nosso idoso Luís Mádaita, e o seu Mario Puyanawa, a cultura pode ser criada, pode ser inventada. A nossa energia é nossa. **Puhku:** Então txai, já está chegando ao final da nossa entrevista e você hoje é o presidente da associação, uma criação que foi criada para fortalecer mais as coisas, para que as coisas pudessem se agregar melhor. E hoje ela está representada na sua pessoa, e creio que você acompanhou nosso povo numa fase de decadência, muitos dos nossos velhos morreram, muitas crianças morreram e aí chegou essa medicina científica aqui na aldeia. Temos o Posto de Saúde, agentes indígenas de

saúde, mas tem uma junta médica que vem de fora, essa equipe vem para contribuir e cooperar com a saúde do nosso povo, e eu queria saber txai, o que é que você acha? Está tendo um equilíbrio da junta médica em respeito as nossas medicinas tradicionais? **Puwê:** Hoje o que eu vejo é que essa medicina científica está matando muita gente. Através da valorização espiritual e cultural do povo, vamos deixar de usar essas medicinas. Nós vamos precisar dessa medicina científica? Vamos sim, mas é preciso ter cuidado com essas coisas que estão vindo de fora, porque se isso fosse bom, o povo brasileiro e no mundo inteiro não estavam morrendo como estão se envenenando. Não vou dizer que quem estudou as medicinas científicas, estejam errada. Apenas estou dizendo que temos que ter um respeito por aquela medicina tradicional que também cura. Nós temos várias pessoas aqui doentes que dizem que estão com hérnia de disco, a gente consegue curar através dos nossos assopros, através dos nossos espíritos. O que eu vejo, são as pessoas que conseguem controlar essa saúde indígena e deixam nas mãos de pessoas que não tem a mínima responsabilidade. Porque eles não estão passando por isso, quem está passando necessidade é nós aqui. Muitas vezes eles acabam colocando coisas que confundem a cabeça dos parentes. E estou aqui para dizer o que? Para dizer que precisamos acordar para esse momento hoje que estamos vivendo. Nós bebemos muito remédios químicos, mas em cima disso, tomamos muito remédios tradicionais que é para limparmos o nosso corpo. Limpar a química, como por exemplo, a vacina do kampu, as garrafadas que são feitas de casca de árvores que curam. Como jatobá, como copaíba. **Puhku:** saracura? **Puwê:** como saracura, como andiroba, como outras medicinas que não podemos dizer aqui, mas que são medicinas muito poderosas. Precisamos ter cuidado com o que vem de fora, como doce, açúcar, óleo, tudo isso que está afetando nossos povos no Brasil. Vamos confiar na gente mesmo. **Puhku:** Então txai, para finalizar, o que é que você ver, o que é que é o Puwê? O que que é a comunidade? O que, que é a dimãã êwê yubabu? O que, que é os Puyanawa? **Puwê:** Então hoje, nós somos pessoas que temos nossa autonomia de viver, de saber, de querer. A nossa floresta é uma dos melhores professores, são um dos melhores Hospitais hoje para gente. Hoje nossa comunidade é a nossa vida, porque nós sem o povo nós não conseguimos ser algo importante.



Foto 14- Pajé Luís Puwê e eu Tomando nosso rapé, rurô/Xiruwê na “Takanisse”, Casa dos rituais.

As palavras de **Puwê** vieram para cooperar fortemente com meu trabalho, com minha pesquisa. . Minha pesquisa não era somente para uma publicação, mas ali era eu, era um Puyanawa ouvindo e escrevendo nossa história. Para conseguir uma entrevista como aquela, não foi nada fácil, pois o pajé mencionou todo o trabalho, todo trajeto e toda história de massacre, luta e resistência que passamos para poder ter o direito a nossa terra e nossa saúde e ter um povo unido como é os Puyanawa das Aldeias Barão e Ipiranga. Já era quase 19h quando terminamos nossa entrevista, mas eu logo ia voltar porque às 20h ia começar o ritual da ayawaska que na nossa língua chamamos de HEU. Txai Puwê é um dos líderes da comunidade que trabalha na pajelança da Ayawaska.

A colonização imposta pelo coronel Mâncio Lima ao nosso povo, nos deixou graves feridas. Nossa língua foi quase que completamente proibida e quem ousasse falar na língua materna, tinha os olhos furados, unhas e dentes arrancados. Aí eu pergunto, foi essa a civilização deixada por Mâncio Lima, que Rubéns de Lima fala? Que civilização? Que civilização? Por isso eu queria tanto a entrevista com nosso pajé Puwê, para ver o quanto caminho em direção a nossa cultura em uma imersão profunda sobre todas as dificuldades e massacres que nosso povo Puyanawa passou. Infelizmente muitos velhos

morreram de forma desumana, muitas crianças morreram sem qualquer assistência médica. Tive um irmão chamado Geovani que morreu faltando quatro dias para completar seis meses, morreu por falta de assistência médica, morreu porque já não usamos mais nosso alimento tradicional, ou seja, nasceu em tempos de dominação, em tempos que tínhamos enormes dificuldades para ir ao Centro de Mâncio Lima. Qiseram mudar nosso modo de vida ao mesmo tempo não nos permitiam usufruir do que tinham. Imergimos no mundo Puyanawa imensamente e profundamente.

Nossas práticas culturais foram completamente proibidas, pois a única coisa que importava ao coronel Mâncio Lima, era a exploração do nosso trabalho, a exploração da nossa terra, e outras atrocidades. Na pequena entrevista que tive com o senhor Zé Corrêa, ele lembrou alegremente da festa que nosso povo fez na cantina velha, porque aquela festa significava a liberdade. Nossa liberdade sobre a volta da nossa língua materna, a volta das nossas bebidas e medicinas tradicionais, a volta da nossa identidade Puyanawa. Ver aquele arco íris estendido em cima de nós, parecia que ele tinha vindo nos falar que nosso povo jamais morreu. Em certos momentos, as músicas de txai Puwê fizeram meu corpo tremer, significava que nosso povo Puyanawa agora está ficando cada vez mais forte. A opressão feita por Mâncio Lima e seus herdeiros e os demais patrões não foram suficiente para acabar com nosso povo.



Foto 15: Crianças Puyanawa sobre uma ingazeira



Foto 16: Crianças Puyanawa embaixo de uma ingazeira, pararam para algumas fotos.

Considerações Finais

Tudo que mencionei, foi tentando fazer uma descrição densa sobre a história do meu povo indígena Puyanawa. Passamos por terríveis momentos de dominação que só sendo um Puyanawa para expressar tal sentimento de tristeza. As lutas encaradas pelo nosso povo não foram fáceis para termos nossa terra reconhecida e homologada. Para podermos demandar por serviços de saúde de qualidade, precisávamos antes de tudo ter a nossa terra demarcada, isso significava também o desejo de continuar nossas práticas culturais e a manutenção da nossa UDIKUI, língua verdadeira. As considerações finais que seguem adiante serão descrevendo o atual sistema Puyanawa.

Vivemos em duas grandes aldeias, com cerca de 24.000 km². São duas aldeias, mas estão sob a liderança de um mesmo chefe, a liderança política Joel Xay Nay. Na Aldeia Barão existem duas escolas, a escola de Ensino Fundamental e Médio, Itxubãy Rabuy Puyanawa, nome dado em homenagem a uma grande liderança que morreu em 1995, Alberto Itxubãy. Do outro lado da escola Itxubãy Rabuy, tem a creche Adebaiki, que atende as crianças da nossa comunidade. Já fui professor dessa creche no ano de 2009. As duas instituições são mantidas pelo Governo do Estado do Acre e a Prefeitura Municipal de Mâncio Lima.

Um dos marcos mais importantes no contexto Puyanawa, foi à construção de uma grande arena na Aldeia Ipiranga para celebrar os jogos indígenas do Estado do Acre no ano de 2008. Nosso povo aos poucos estava ganhando visibilidade e isso se traduzia no orgulho de ser Puyanawa. Na nossa língua materna, damos o nome a essa arena de Dimãã êwê yubabu, que quer dizer, floresta casa de todos nós. Tive a oportunidade de presenciar tamanho evento dentro da nossa terra, vários povos indígenas se fizeram presentes ali. Cada qual com sua língua, sua cultura, sua tradição. Aquilo representava um rompimento com o passado e nova visão de futuro no nosso contexto.

Estou falando isso porque muitos Puyanawa já não queriam se identificar mais como índios, ou seja, as sequelas deixadas por Mâncio Lima foram tão fortes que em certos momentos tínhamos vergonha da nossa identidade. Pude ver a quebra de barreiras, preconceitos e demais anomalias que assombravam nosso povo. Muitos participaram ativamente das nossas danças, nossos rituais e brincadeiras, nosso povo já não era mais isolado e desconhecido do mundo.

O Governo do Acre também investiu num programa chamado PROFIR, Programa de Formação para professores da Zona Rural. Esse programa foi muito relevante, porque muitos Puyanawa obtiveram uma formação acadêmica de nível superior e estão atuando dentro da comunidade. Antes a comunidade contava com professores não indígenas e não tinha profissionais indígenas com nível superior. Hoje em dia, quase todos os professores da comunidade tem nível superior e outros estão terminando. Alguns professores também participaram e participam do magistério específico para indígenas no Município de Plácido de Castro.

As duas escolas da comunidade conta agora com profissionais Puyanawa qualificados e prestigiados pela comunidade. Ao lado da escola Itxubã Rabuy e a frente da creche Adebaki, temos um Posto de Saúde, que conta com uma equipe multidisciplinar de médicos, enfermeiros, dentistas, agente indígena de saúde, motoristas e os técnicos de enfermagem que são das aldeias. Nosso povo tem evoluído muito nos padrões da educação, principalmente com o ensino da língua materna que é obrigatório na escola. Se antes a escola era um dos meios de destruição da nossa cultura, agora é a principal fonte de retomada.

Na entrevista que tive com o senhor Zé Corrêa, ele citou alguns questionamentos que precisam ser avaliados pelo nosso povo. Segundo Corrêa, a comunidade não está mais se reunindo como antes na AAPBI, para discutir os problemas internos e externos. Ele reclama da falta de comprometimento dos jovens, porque nossas fronteiras não estão sendo mais vigiadas e está acontecendo à invasão de caçadores, madeireiros e talvez até o tráfico de drogas por dentro de nossa área. Ele ainda relatou que já interceptaram alguns caçadores que estavam abatendo animais ilegalmente dentro da nossa terra.

Vejo que os questionamentos apontados por Zê Corrêa devem ser analisados a sério, porque levamos muitos anos para ter a nossa terra reconhecida e homologada, mas não podemos agora nos acomodar e permitir a entrada de invasores na nossa terra. Nossos igarapés, rios, não dão mais peixes como antes. É preciso passar vários dias na mata para obter alguma caça e em muitas situações os caçadores não matam nada. Pude presenciar no ano de 2010 uma grave seca que se alastrou no Acre e nosso igarapé Behkua nunca tinha secado, ficou na terra sem água.

A principal fonte de renda da nossa comunidade é a produção de farinha. Na nossa terra, encontra-se grandes plantações de roça que abastecem o comércio local e até na

esfera estadual. Mas muitas pessoas criam galinhas, porcos, gado e peixes. A Aldeia Ipiranga e a Aldeia Barão contam com dois grandes açudes que são cuidados pelos membros Puyanawa. Quando estão num tamanho adequado, os peixes são vendidos ou distribuídos para toda comunidade, são frequentemente usados nas nossas festas tradicionais.

Quase todos os meses a nossa comunidade recebe frequentes visitas até mesmo de gringos que querem conhecer viver um pouco da nossa linda, valorosa e maravilhosa cultura. A nossa dimãã êwê yubabu virou um lugar atrativo para todos e lá que acontece a maioria das nossas festas e rituais tradicionais. O ritual xamânico da ayuwaska é realizado nas terças e nos sábados. A participação maior do ritual é feita nos sábados porque é aberto para todos os Puyanawa. O ritual é conduzido pelo Yurã Kaya, líder Joel Xay Nay e o pajé Luís Puwê. O trabalho espiritual significa uma conexão, comunicação com os nossos antepassados. Prezamos muito pela manutenção da nossa cultura tradicional.

Venho aqui finalizar um pouco da descrição de nossa história dizendo que os Puyanawa das Aldeias Barão e Ipiranga jamais morreram, continuamos vivos, culturalmente fortes, e vivendo do nosso jeito. No ano de 2013, novos movimentos dos jovens na dança ganhou visibilidade na mídia nacional e internacional ao participarmos da dança da galera em um programa de televisão. Então continuamos assim, vivendo como Puyanawa, fazendo nosso reguimá, bebendo nossa caiçuma, tomando ayawaska, tomando saracura, caçando, pescando, ouvindo nossos velhos e estudando nossa história.

O coronel Mâncio Lima nos colocou fortes e duras regras, muitos morreram e não puderam conhecer esse momento que nosso povo Puyanawa vive hoje, mas lembramos com grande carinho dos nossos velhos, que morreram na luta para que a nossa terra fosse o que é hoje. Deixamos muitas práticas culturais de lado, mas estamos construindo muitas outras seguindo as linhas das antigas práticas tradicionais. Deixamos muitas coisas de lado, nos apropriamos de outras, **mas não deixamos de ser Puyanawa.**

Referências

- AQUINO, Terri Valle de. *A imemorialidade da área e a situação atual do povo Poianaua*. Rio Branco-AC: s.ed., 1985-1 nov.
- ALVES FILHO, P.; VETTORE, M.V.e SANTOS, RV. Saúde bucal dos índios Guaraní no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública* (25): 37-46, 2009.
- CASTELO BRANCO, José Moreira Brandão. “Caminhos do Acre”. In: *Revista do IHGB*, vol.196, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950.
- CARVALHO, João Braulino de. Breve notícia sobre os indígenas que habitam a fronteira do Brasil com o Peru. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, set. 1931.
- CLASTRES Pierre. “Troca e poder: filosofia da chefia indígena” (1962), “Copérnico e os Selvagens” (1969) e “A Sociedade Contra o Estado” (1974 in: *A Sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1974]).
- IGLESIAS, Marcelo Piedrafita. *Assuntos Indígenas*. Consultoria contratada pelo Instituto do Meio Ambiente do Acre, da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. Rio de Janeiro/Rio Branco, abril-maio 2001.
- LUCIANO, Gersem José dos Santos. “A conquista da cidadania indígena e fantasma da tutela no Brasil contemporâneo”. In: RAMOS, Alcida Rita (Org.). *Constituições nacionais e povos indígenas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- LEVINHO, José Carlos. *Relatório de reestudo das Áreas Indígenas Poyanawa, Nukini, Jaminawa e Campinas*.s.l.: Minter-FUNAI, 1984.
- TASTEVIN, Constant. Les études ethnographiques et linguistiques du P. Tastevin en Amazonie. *Journal de la Société des Américanistes*, Vol. 16, n. 1, pp. 421 – 425, 1924.

SÉRIE ANTROPOLOGIA
Últimos títulos publicados

444. RAMOS, Alcida Rita. Ensaio sobre o não entendimento interétnico. 2014.
445. CAYÓN DURÁN, Luis Abraham. Creciendo como un pensamiento jaguar. Reflexiones sobre el trabajo de campo y la etnografía compartida en la Amazonía colombiana. 2014.
446. CAYÓN DURÁN, Luis Abraham. Planos de vida e Manejo do mundo. Cosmopolítica indígena do desenvolvimento na Amazônia colombiana. 2014.
447. PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre B. Os “Negros da Picadinha”: Memórias de uma Comunidade Negra Rural. 2015.
448. PORTUGAL, Tarcila Martins. “Colecionando discos de vinil na era digital”. 2015
449. SILVA, Kelly & SOUZA, Lucio. Arte, agência e efeitos de poder em Timor-Leste: provocações. 2015.
450. SILVA, Kelly Fluxos de práticas de governo em escala global: sobre as tecnologias de desenvolvimento e alguns de seus efeitos. 2015.
451. PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre B. Redes e interações: A formação do Movimento Negro e do Movimento Quilombola no Mato Grosso do Sul. 2015.
452. MARQUES, Lucas de Mendonça. Forjando Orixás: técnicas e objetos na ferramentaria de santo da Bahia. 2016.
453. RAMOS, Alcida Rita & MONZILAR, Eliane. Umutina: um exercício de humanismo interétnico. 2016.
454. MORAIS E SILVA, Noshua Amoras de. Manobras e evoluções: Etnografia dos movimentos do Maracatu Leão de Ouro de Condado (PE). 2016.
455. RAMOS, Alcida Rita. Por uma crítica indígena da razão antropológica. 2016.
456. MAIOR CRUZ, Felipe Sotto. Indígenas antropólogos e o espetáculo da alteridade. 2016.
457. TEIXEIRA, Carla; CRUVINEL, Lucas & FERNANDES, Renato. Notas etnográficas sobre mentiras, segredos e verdades no Congresso Brasileiro (working paper). 2016.
458. APURINÃ, Francisco. O Mundo Xamânico dos Apurinã: Um desafio de interpretações. 2017.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Antropologia pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia

Instituto de Ciências Sociais

Universidade de Brasília

70910-900 – Brasília, DF

Fone: (61) 3107-1551

E-mail: dan@unb.br

A Série Antropologia encontra-se disponibilizada em arquivo pdf no link: www.dan.unb.br

Série Antropologia has been edited by the Department of Anthropology of the University of Brasilia since 1972. It seeks to disseminate working papers, articles, essays and research fieldnotes in the area of social anthropology. In disseminating works in progress, this Series encourages and authorizes their republication.

1. Anthropology 2. Series I. Department of Anthropology of the University of Brasilia

We encourage the exchange of this publication with those of other institutions.

Série Antropologia Vol. 459, Brasília: DAN/UnB, 2017.